

L. FRANK BAUM

OZMA

DE



Principis

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

L.FRANK BAUM

OZMA

DE



Principis

L. FRANK BAUM

OZMA

DE



Principis

L. FRANK BAUM

OZMA

DE



Tradução
Francisco José
Mendonça Couto

Principis

Traduzido do original em inglês

Ozma of Oz

Texto

L. Frank Baum

Tradução

Francisco José Mendonça Couto

Preparação

Otacílio Palareti

Revisão

Aginaldo Alves

Produção editorial

Ciranda Cultural

Diagramação

Linea Editora

Design de capa

Ciranda Cultural

Ebook

Jarbas C. Cerino

Imagens

welburnstuart/Shutterstock.com;

Nikitina Olga/Shutterstock.com;

shuttersport/Shutterstock.com;

oksart1/Shutterstock.com;

great19/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

B347o Baum, L. Frank

Ozma de Oz [recurso eletrônico] / L. Frank Baum ;
traduzido por Francisco José Mendonça Couto. - Jandira, SP :
Principis, 2021.

144 p. ; ePub ; 1,9 MB. - (Terra de Oz)

Tradução de: Ozma of Oz

Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-519-9

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura americana. I.
Couto, Francisco José Mendonça. II. Título. III. Série.

2021-1976

CDD 028.5

CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de

maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

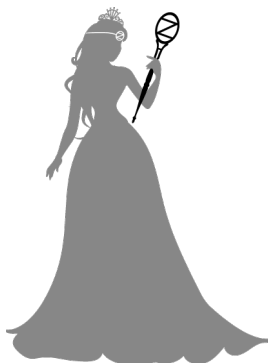
NOTA DO AUTOR

Minhas amigas crianças são as responsáveis por este novo Livro de Oz, como foram pelo último, que se chamou *A maravilhosa Terra de Oz*. Suas adoráveis cartinhas pedem para conhecer “mais sobre Dorothy”, e perguntam: “O que aconteceu com o Leão Covarde?” e “O que Ozma fez depois?” – querendo dizer, é claro, depois que se tornou a Soberana de Oz. E algumas delas sugerem tramas para mim, dizendo: “Por favor, faça com que Dorothy vá de novo para a Terra de Oz” ou “Por que você não faz Ozma e Dorothy se encontrarem e passarem um bom tempo juntas?”. Na verdade, para fazer tudo o que minhas amiguinhas pedem eu seria obrigado a escrever dezenas de livros. E espero poder satisfazê-las, pois me divirto tanto escrevendo estas histórias quanto as crianças dizem que se divertem ao lê-las.

Bem, temos aqui “mais sobre Dorothy” e nossos velhos amigos: o Espantalho e o Lenhador de Lata, o Leão Covarde e Ozma, e todos os outros; e temos também muita gente nova que é bem estranha e fora do comum. Um amiguinho que leu esta história antes de ser impressa me disse: “Billina é uma típica habitante de Oz, senhor Baum, assim como Tic-Tac e o Tigre Faminto”.

Se essas opiniões forem imparciais e sinceras, e a garotada achar esta nova história “bem típica de Oz”, fico muito feliz por tê-la escrito. Mas talvez eu ainda receba mais dessas bem-vindas cartinhas de meus leitores me dizendo o quanto eles gostam de *Ozma de Oz*. Espero que sim.

L. FRANK BAUM
Macatawa, 1907



A MENINA NO GALINHEIRO

O vento soprou forte e agitou a água do oceano, ondulando sua superfície. Foi então agitando a crista das ondas até elas se tornarem grandes, e depois as moveu com tanta força que elas se tornaram vagalhões. Os vagalhões atingiram uma altura terrível: mais altos que os telhados das casas. Alguns mesmo mais altos que as árvores, parecendo montanhas; e os abismos que separavam as imensas ondas eram semelhantes a vales profundos.

E toda essa turbulência da água do grande oceano, que o vento travesso provocou sem nenhuma boa razão que fosse, resultou em uma terrível tempestade, e uma tempestade no oceano é capaz de fazer estranhas diabruras e causar muito estrago.

No momento em que o vento começou a soprar, havia um barco navegando mar adentro. Quando as ondas começaram a se agitar e a ficar muito grandes, o navio passou a subir e descer com elas, inclinando-se para um lado e para o outro, tão açoitado pelas águas que até os marinheiros tiveram que se segurar nas cordas e no parapeito da embarcação para não serem varridos pelo vento e lançados ao mar.

E as nuvens estavam tão carregadas no céu, que a luz do sol não conseguia penetrá-las; então o dia ficou escuro como a noite, o que aumentou ainda mais o terror da tempestade.

O capitão do navio não tinha medo, porque já presenciara muitas tempestades antes, e conseguia navegar em segurança. Porém, sabia que seus passageiros correriam perigo se quisessem permanecer no convés, então

recomendou que todos se recolhessem às cabines e disse que ali ficassem até a tempestade passar; se eles se mantivessem valentes e sem medo, tudo acabaria bem.

Entre os passageiros estava uma menina do Kansas, chamada Dorothy Gale, que ia com seu tio Henry para a Austrália visitar alguns parentes que ainda não conheciam. O tio Henry, é bom que se diga, não se sentia muito bem, porque havia trabalhado tanto que tinha perdido a saúde e ficado fraco e nervoso. Então ele deixou em casa a tia Em, para tomar conta da fazenda e de seus empregados, enquanto ele viajava até a Austrália para visitar seus primos e descansar um pouco.

Dorothy estava ansiosa para acompanhá-lo nessa viagem, e o tio Henry achava que ela seria uma boa companhia e o ajudaria a se animar; então decidiu levá-la com ele. A menina era uma viajante bem experiente, porque uma vez tinha sido carregada por um ciclone para muito longe de casa, até a maravilhosa Terra de Oz, e passou por inúmeras aventuras naquela estranha terra antes de conseguir voltar de novo ao Kansas. Por isso, ela não se deixava amedrontar facilmente, fosse o que fosse que acontecesse, e quando o vento começou a uivar e assobiar, e as ondas começaram a subir e a se agitar, nossa menina não se preocupou nem um pouco com todo aquele alvoroço.

– É claro que devemos ficar na cabine – disse ela ao tio Henry e aos outros passageiros – e nos manter quietos o máximo possível, até a tempestade passar. Pois o capitão disse que se formos para o convés podemos ser lançados ao mar pela ventania.

Ninguém queria se arriscar tanto assim, com toda a certeza; então todos os passageiros ficaram reunidos na cabine escura, atentos aos uivos da tempestade e aos rangidos dos mastros e dos cordames, tentando não se chocar uns contra os outros enquanto o navio balançava.

Dorothy estava quase dormindo quando, com um sobressalto, percebeu que tio Henry havia desaparecido. Não podia imaginar aonde ele teria ido, e como não estava muito forte, ela começou a ficar preocupada, receando que sem perceber ele tivesse ido até o convés. Nesse caso, estaria correndo muito perigo, a menos que voltasse imediatamente.

Na verdade, tio Henry tinha ido se deitar em seu beliche, mas Dorothy não sabia disso. Só se lembrava que tia Em havia lhe pedido que fosse muito cuidadosa com o tio, então de repente decidiu ir até o convés procurar por ele, embora a tempestade no momento estivesse mais forte do que nunca, e o navio

oscilasse de uma maneira realmente horrível. De fato, a única coisa que a menina achou para fazer foi subir as escadas até o convés, e assim que chegou lá o vento a açoitou tão fortemente que quase arrancou a saia de seu vestido. Mesmo assim, Dorothy sentiu uma espécie de empolgação ao desafiar a tempestade, e, enquanto se agarrava logo ao parapeito, passou os olhos pela penumbra e pensou ter visto a forma borrada de um homem tentando se agarrar a um mastro perto de onde ela estava. Devia ser seu tio, então ela gritou o mais alto que pôde:

– Tio Henry! Tio Henry!

Mas o vento assobiava e uivava com tanta violência que ela mal podia ouvir a própria voz, e o homem provavelmente não a ouviu, porque não se moveu.

Dorothy decidiu que devia ir até ele; então, enquanto a tempestade se acalmava, deu um passo à frente, em direção a um grande galinheiro quadrado, fortemente amarrado com cordas ao convés. Ela alcançou esse lugar em segurança, porém, mal havia se agarrado às tábuas do galinheiro, o vento, como se enraivecido porque a menina tivesse ousado resistir à sua força, de repente redobrou sua fúria. Com um grito como se fosse de um gigante zangado, arrebentou as cordas que amarravam o galinheiro e o levantou no ar, com Dorothy ainda agarrada às suas tábuas. Então o vento o girou para um lado e para o outro, mais de uma vez, e poucos momentos depois o galinheiro caiu longe, no mar, onde grandes ondas o levaram por cima da crista e para baixo, no profundo vale entre elas, como se não fosse mais que um brinquedo para sua diversão.

Dorothy acabou dando um bom mergulho, com certeza, mas não perdeu a força de espírito nem por um segundo. Manteve-se bem agarrada às tábuas e, logo que conseguiu tirar a água dos olhos, viu que o vento tinha arrancado a parte de cima do galinheiro, e as pobres galinhas flutuavam em todas as direções, levadas pelo vento para todo lado, parecendo espanadores de penas sem cabo. O fundo do galinheiro era um engradado feito de pranchas de madeira, grossas, então Dorothy descobriu que estava agarrada a uma espécie de balsa, com ripas dos lados, que sustentavam seu peso com facilidade. Após cuspir toda a água de sua garganta e retomar o fôlego, conseguiu levantar-se e ficar firme, de pé sobre o fundo de tábuas, que facilmente aguentava seu peso.

“Ora, vejam só, tenho um barco só meu”, pensou, mais divertida do que assustada com a mudança de sua situação; e então, enquanto o galinheiro subia até a crista de uma grande onda, ela olhou ansiosa para o navio do qual havia

sido varrida pelo vento.

Ele já estava muito, muito longe agora. Talvez ninguém a bordo ainda tivesse sentido a falta dela, ou soubesse de sua estranha aventura. Arrastada pelo engradado para um abismo entre duas ondas, quando ela subiu até uma nova crista, o navio pareceu-lhe um barquinho de brinquedo, de tão longe que estava. Logo ele desapareceu inteiramente na escuridão, e então Dorothy deu um suspiro de pena por se ver separada do tio Henry e começou a imaginar o que aconteceria em seguida.

Agora ela estava balançando no meio do oceano, conseguindo manter-se à tona unicamente por um miserável galinheiro de madeira, que tinha uma prancha como fundo e laterais de ripas por onde a água constantemente entrava e a deixava molhada até os ossos! E viu que não tinha nada para comer quando ficasse com fome – o que ocorreria logo –, nem para beber, nem roupas secas para vestir.

– Bem, veja só! – exclamou ela, com uma risada. – Você está em um belo aperto, Dorothy, devo lhe dizer! E não tenho a mínima ideia de como você vai conseguir sair dele!

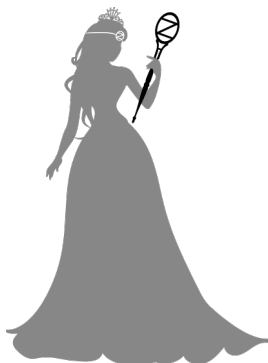
E, para aumentar as suas preocupações, começava a anoitecer, e as nuvens cinzentas sobre sua cabeça estavam ficando negras. Mas o vento, como se estivesse satisfeito com suas travessuras, tinha parado de soprar para o lado do oceano e soprava agora para alguma outra parte do mundo; de modo que as ondas, tendo parado com o antigo jogo, mostravam-se mais calmas e comportadas.

Acho que foi sorte de Dorothy que a tempestade tivesse terminado; do contrário, por mais corajosa que fosse, receio que ela pudesse ter morrido. Muitas crianças, em seu lugar, teriam chorado e se deixado levar pelo desespero; mas como Dorothy já tinha vivido muitas aventuras e se safado bem de todas, dessa vez nem passou por sua cabeça sentir medo. Ela estava molhada e desconfortável, é verdade; porém, depois daquele único suspiro que deu, conseguiu recuperar sua alegria habitual e decidiu esperar pacientemente pelo que o destino lhe reservava.

Aos poucos as nuvens negras foram embora e um céu azul apareceu, com uma doce lua prateada brilhando no centro e estrelinhas piscando alegremente para Dorothy quando ela olhava para elas. O galinheiro não jogava mais de um lado para o outro, mas flutuava suavemente sobre as ondas – apenas balançando quase como um berço –, de modo que o chão em que Dorothy

pisava não ficava mais tomado pela água. Vendo isso, e estando completamente exausta de toda a excitação das últimas horas, a menina percebeu que dormir restauraria todas as suas forças e seria a melhor maneira de passar o tempo. O chão estava úmido e ela estava molhada, mas felizmente o tempo estava bom e ela não sentia frio.

Então ela sentou-se em um canto do galinheiro, apoiou as costas nas ripas, saudou amigavelmente as estrelas antes de fechar os olhos e pegar no sono em menos de um minuto.



A GALINHA AMARELA

Um barulho estranho despertou Dorothy, que abriu os olhos e descobriu que o dia já amanhecera e o sol brilhava no céu claro. Primeiro tinha sonhado que estava de novo no Kansas, brincando no velho curral rodeada de novilhos, porcos e galinhas, e enquanto esfregava os olhos para espantar o sono, realmente imaginou que estivesse lá.

– Có-có-có-cuó! Có-có-có-cuó!

Ah, estava ouvindo novamente o estranho barulho que a tinha acordado. Seguramente era uma galinha cacarejando! Mas o que seu olhos bem abertos viram primeiro, através das ripas do galinheiro, foram as ondas azuis do oceano, agora calmo e plácido, e seus pensamentos voaram para a noite anterior, tão cheia de perigo e desconforto. Começou a se lembrar também que era uma órfã da tempestade, à deriva em um mar desconhecido e traiçoeiro.

– Có-có-có-cuó! Có-có-có-cuó!

– O que é isso? – gritou Dorothy, pondo-se de pé.

– Ora, simplesmente botei um ovo, isso é tudo – replicou uma voz aguda e nítida. E olhando em volta de si, a garota descobriu uma galinha amarela agachada em um canto do galinheiro.

– Vejam só! – exclamou ela, surpresa. – Quer dizer que VOCÊ também estava aqui a noite toda?

– Claro – respondeu a galinha, batendo as asas e bocejando. – Quando o galinheiro foi varrido do navio pelo vento, logo me agarrei a este canto, com os pés e o bico, porque senti que se caísse na água certamente me afogaria. Na

verdade, estive perto de me afogar, com toda a água que desabou sobre mim. Nunca fiquei tão ensopada na minha vida!

– Sim – concordou Dorothy –, foi um belo aguaceiro desta vez, eu sei. Mas está se sentindo bem agora?

– Não muito. O sol ajudou a secar minhas penas, assim como a seu vestido, e me senti melhor assim que botei meu ovo da manhã. Mas o que eu gostaria de saber é o que vai acontecer com a gente, flutuando neste grande lago?

– Eu também gostaria de saber – disse Dorothy. – Mas me diga uma coisa: como é que você é capaz de falar? Eu pensava que as galinhas só pudessem piar e cacarejar.

– Bem, quanto a isso – respondeu a galinha amarela pensativamente –, a vida inteira eu piei e cacarejei, e nunca falei uma palavra antes desta manhã, pelo que me lembro. Mas quando você me fez essa pergunta, um minuto atrás, pareceu-me a coisa mais natural do mundo eu responder. Então falei, e parece que continuo falando, assim como você e outros seres humanos. Estranho, não?

– Muito – replicou Dorothy. – Se nós estivéssemos na Terra de Oz, eu não acharia isso tão estranho, porque muitos animais podem falar nesse reino encantado. Mas aqui no oceano estamos muito longe de Oz.

– Como está minha gramática? – perguntou a galinha amarela, ansiosamente. – Falo corretamente, na sua opinião?

– Sim – disse Dorothy –, fala muito bem para uma iniciante.

– Fico feliz em saber – continuou a galinha amarela, em tom confidencial; – porque, se alguém se dispõe a falar, é melhor que fale corretamente. O galo vermelho sempre diz que meu piado e meu cacarejo são perfeitos; e agora é bom saber que estou falando apropriadamente.

– Estou começando a ficar com fome – comentou Dorothy. – É hora do café da manhã; mas não temos café da manhã.

– Pode comer meu ovo – disse a galinha amarela. – Não faço questão dele, você sabe.

– Você não quer chocar o ovo? – perguntou a menina, surpresa.

– Na verdade, não; nunca me preocupo em chocar os ovos, a não ser que eu tenha um ninho bom e confortável, em um lugar calmo, e uma dúzia de frade, como se diz, de ovos me esperando. Isso significa treze ovos, o número da sorte para as galinhas. Então, você pode comer esse ovo sem problemas.

– Ah, certamente eu NÃO poderia comê-lo, a não ser que fosse cozido –

exclamou Dorothy. – Mas, assim mesmo, muito obrigada por sua gentileza.

– Não há de quê, querida – respondeu a galinha calmamente, e começou a alisar as penas.

Por um momento, Dorothy continuou olhando longe, para o grande oceano. Ainda estava pensando no ovo; então, acabou perguntando:

– Por que você bota ovos, se não pretende chocá-los?

– É um hábito que tenho – replicou a galinha amarela. – Para mim sempre foi um orgulho botar um ovo fresco toda manhã, a não ser quando estou trocando as penas. Nunca posso dar meu cacarejo matinal até ter botado direitinho meu ovo da manhã, e sem a possibilidade de cacarejar eu não poderia ser feliz.

– É estranho – disse a menina, pensativamente –, mas como não sou galinha, não se pode esperar que compreenda isso.

– Claro que não, querida.

Então Dorothy se calou novamente. A galinha amarela era uma companhia, e um consolo também; pois, apesar de tudo, ela sentia uma solidão horrível naquele oceano.

Pouco depois a galinha voou e se empoleirou na ripa mais alta do galinheiro, que ficava pouco acima da cabeça de Dorothy quando se sentava ali, o que fizera até poucos momentos atrás.

– Olhe, não estamos longe da terra! – exclamou a galinha.

– Onde? Onde ela está? – gritou Dorothy, pulando com grande entusiasmo.

– Um pouco mais para lá – respondeu a galinha, acenando com a cabeça em uma certa direção. – Parece que estamos flutuando para lá, e antes do meio-dia devemos nos encontrar de novo em terra firme.

– Espero que sim! – disse Dorothy, com um pequeno suspiro, pois seus pés e suas pernas vez por outra ainda eram molhados pela água do mar que penetrava através das ripas.

– Também espero – respondeu sua companheira. – Não há nada no mundo mais lamentável do que uma galinha molhada.

A terra, que parecia estar ficando muito próxima, uma vez que se tornava mais nítida a cada minuto, era muito bonita aos olhos da menina no galinheiro flutuante. À beira-mar havia uma larga praia de areia branca com pedrinhas, e mais para trás vários montes de pedras, ao passo que além delas via-se uma faixa de árvores verdes que delimitavam o início de uma floresta. Porém, não se via casa alguma, nem sinal de pessoas que pudessem habitar aquela terra.

– Espero que a gente encontre alguma coisa para comer – disse Dorothy, olhando ansiosamente a bonita praia para onde elas se dirigiam. – Já passou faz tempo a hora do café da manhã.

– Também estou com um pouco de fome – declarou a galinha amarela.

– Por que você não come o ovo? – perguntou a menina. – Você não precisa cozinhar o ovo, como eu.

– Você acha que sou canibal? – gritou a galinha, indignada. – Não sei o que eu disse ou fiz que levou você a me insultar!

– Peço-lhe desculpas, estou certa de que a senhora... falando nisso, posso perguntar o seu nome, senhora? – perguntou a menina.

– Meu nome é Bill – disse a galinha amarela, com certa aspereza.

– Bill! Por quê? Isso é nome de menino.

– Que diferença faz?

– Você é uma galinha mulher, não?

– Claro. Mas quando nasci ninguém sabia dizer se eu seria uma galinha ou um galo, então o garotinho da granja onde nasci me chamou de Bill, e me tornou seu animal de estimação, porque eu era a única galinha amarela de toda a ninhada. Quando cresci, e ele percebeu que eu não cacarejava nem brigava como os galos, nem pensou mais em trocar meu nome, e todo mundo na granja, incluindo o pessoal da casa, ficou me conhecendo como “Bill”. Assim, sempre me chamaram de Bill, e Bill passou a ser o meu nome.

– Mas isso é errado, você sabe – declarou Dorothy, séria. – E, se não se importa, vou chamar você de “Billina”. Colocando esse “ina” no final, fica um nome de menina, não acha?

– Ah, não me importo, na verdade – retrucou a galinha amarela. – De qualquer modo, não importa como você me chame, porque pelo que sei esse nome se refere a MIM.

– Muito bem, Billina. MEU nome é Dorothy Gale... apenas Dorothy para meus amigos, e senhorita Gale para os estranhos. Você pode me chamar de Dorothy, se quiser. Estamos chegando bem perto da praia. Você acha que a água é muito funda aí para eu ir nadando até lá?

– Espere mais um pouco. O sol está quente e agradável, e não estamos com pressa.

– Mas meus pés estão molhados e empapados – disse a menina. – Meu vestido já está seco, mas só me sentirei confortável quando estiver com os pés secos.

Contudo, ela esperou, como a galinha tinha aconselhado, e logo depois o grande galinheiro roçou suavemente a areia da praia e a perigosa viagem terminou.

Não demorou muito para as náufragas alcançarem a praia, pode ter certeza. A galinha amarela voejou até a areia de uma vez, mas Dorothy teve que escalar por cima das ripas. Ainda assim, para uma garota do campo, não foi uma tarefa muito difícil, e logo que se encontrou segura na praia, Dorothy tirou as meias e os sapatos molhados e colocou-os ao sol para secar.

Então ela se sentou para observar Billina, que estava ciscando por ali, com seu bico afiado, na areia e nas pedrinhas, que ela arranhava e remexia com suas fortes garras.

– O que você está fazendo? – perguntou Dorothy.

– Procurando o café da manhã, claro – murmurou a galinha, sem parar de bicar.

– E o que você encontrou? – perguntou a menina, curiosa.

– Ah, algumas formigas vermelhas e gordas, e alguns insetos da areia, e de vez em quando uns caranguejinhos. São muito gostosos, pode crer.

– Que horror! – exclamou Dorothy, chocada.

– O que é um horror? – perguntou a galinha, levantando a cabeça e olhando fixo, com seu olho brilhante, para a companheira.

– Ora, comer coisas vivas, bichos horríveis e formigas rastejantes. Você devia se ENVERGONHAR disso!

– Deus do céu! – respondeu a galinha, perplexa. – Como você é esquisita, Dorothy! Coisas vivas são muito mais frescas e saudáveis do que coisas mortas, e vocês, humanos, comem todo tipo de criaturas mortas.

– Nós não! – disse Dorothy.

– Comem, sim – respondeu Billina. – Vocês comem cordeiros, ovelhas, vacas, porcos e até mesmo galinhas.

– Mas nós os cozinhamos – disse Dorothy triunfante.

– Que diferença faz?

– Muita – disse a menina, em um tom grave. – Não sei dizer exatamente a diferença, mas existe. E, de qualquer modo, nunca comi coisas como INSETOS.

– Mas vocês comem as galinhas que comem os insetos – replicou a galinha amarela, com um estranho cacarejo. – Portanto, vocês são tão maus quanto nós, galinhas.

Isso deixou Dorothy pensativa. O que Billina dizia era verdade, e quase fez a menina perder o apetite para o café da manhã. A galinha amarela continuou ocupada bicando a areia e parecia bastante contente com seu cardápio.

Finalmente, perto da beira da água, Billina cravou seu bico bem fundo na areia e logo o retirou, balançando o corpo.

– Ai! – gritou. – Bati em algum metal desta vez e quase quebrei o bico.

– Provavelmente era uma pedra – disse Dorothy distraída.

– Bobagem. Sei distinguir pedra de metal – disse a galinha. – É uma sensação diferente.

– Mas não é possível haver metal nesta praia deserta e selvagem – insistiu a menina. – Em que lugar foi? Vou cavar e provar para você que estou certa.

Billina mostrou-lhe o lugar onde tinha “batido com o bico”, como explicou, e Dorothy cavou a areia até encontrar uma coisa dura. Então, enfiando a mão, puxou a coisa para fora e descobriu que era uma grande chave de ouro – bastante velha, mas ainda brilhante e com sua forma intacta.

– O que foi que eu lhe disse? – gritou a galinha, com um cacarejo de triunfo. – Consigo distinguir um metal quando esbarro nele, ou será que isso é uma pedra?

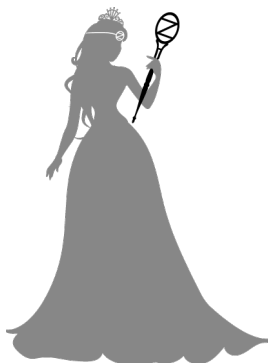
– É metal, claro – respondeu a garota, examinando pensativamente a curiosa peça que tinha encontrado. – Acho que é ouro puro, e deve ter ficado escondida na areia por um bom tempo. Como você imagina que ela veio parar aqui, Billina? E o que você imagina que esta misteriosa chave abre?

– Não sei dizer – replicou a galinha. – Você deve conhecer mais sobre fechaduras e chaves do que eu.

Dorothy deu uma olhada em volta. Não havia sinal de nenhuma casa naquela parte da terra, e ela raciocinou que toda chave devia abrir uma fechadura, e toda fechadura devia ter um propósito. Talvez a chave tivesse sido perdida por alguém que vivesse longe dali, mas estivesse passeando por aquela praia.

Refletindo sobre essas coisas, a menina colocou a chave no bolso do vestido e então, calmamente, calçou as meias e os sapatos, que o sol já havia secado.

– Sabe, Billina – disse ela –, acho que vou dar uma olhada por aí para ver se encontro alguma coisa para o café da manhã.



LETRAS NA AREIA

Afastando-se um pouco da beira da praia em direção ao bosque, Dorothy chegou a uma faixa de areia branca e lisa, e em sua superfície parecia haver estranhos sinais, como se alguém tivesse escrito ali com uma varinha.

– O que está escrito aí? – perguntou a menina para a galinha amarela, que andava a seu lado com certo imponente.

– Como é que vou saber? – respondeu a galinha. – Não sei ler.

– Ah, não!?

– Claro que não; nunca fui à escola, você sabe.

– Bem, eu fui – admitiu Dorothy. – Mas essas letras são grandes e estão muito afastadas, e é difícil soletrar as palavras.

Porém, olhou bem para cada letra com todo o cuidado e, finalmente, descobriu que palavras estavam escritas na areia:

CUIDADO COM OS RODADORES!

– É muito estranho – declarou a galinha, depois que Dorothy leu as palavras em voz alta. – O que você acha que são “rodadores”?

– Pessoas que usam alguma coisa com rodas, imagino. Podem ser carrinhos de mão ou carrinhos de bebê – disse Dorothy.

– Talvez sejam automóveis – sugeriu a galinha amarela. – Não é necessário ficar atento à aproximação de carrinhos de bebê ou de mão; mas os automóveis podem ser perigosos. Muitas amigas minhas já foram atropeladas por eles.

– Não podem ser automóveis – replicou a menina –, porque esta é uma

terra selvagem, não deve ter nem bonde nem telefone. As pessoas daqui ainda não foram descobertas, tenho certeza; isto é, se é que EXISTE alguma pessoa aqui. Então não acredito que POSSA haver automóveis aqui, Billina.

– Talvez não – admitiu a galinha amarela. – Aonde você vai agora?

– Andar no meio dessas árvores, para ver se encontro alguma fruta ou castanha – respondeu Dorothy.

Foi andando pela areia, rodeando o pé de um dos montes de pedras que se erguiam ali, e logo alcançou a borda da floresta.

No princípio sentiu-se muito desapontada, porque as árvores próximas eram todas cactos, algodoeiros ou eucaliptos, e não davam frutos nem castanhas. Um pouco depois, quando estava quase perdendo as esperanças, a menina se deparou com duas árvores que lhe prometiam dar muita comida.

Uma estava cheia de caixas de papel quadradas, que cresciam em cachos nos galhos, e nas caixas maiores e mais maduras podia-se ler a palavra “Almoço”, gravada em letras nítidas. Essa árvore parecia dar frutos o ano todo, pois ali havia brotos de lancheiras em alguns galhos, e em outros, lancheiras pequenas que ainda estavam verdes, e evidentemente não serviam para comer até que ficassem maiores.

As folhas dessa árvore eram guardanapos de papel, e pareciam, à menina faminta, ter um aspecto muito agradável.

Mas a árvore ao lado da árvore das lancheiras era ainda mais maravilhosa, pois dava uma boa quantidade de marmitas, tão cheias e pesadas que faziam os galhos se vergarem com seu peso. Algumas eram pequenas e de cor marrom-escura; as maiores tinham cor de latão; mas as realmente maduras tinham uma cor de latão reluzente, e brilhavam lindas com os raios de sol que recebiam.

Dorothy ficou encantada, e mesmo a galinha amarela reconheceu estar surpresa.

A menininha ergueu-se na ponta dos pés e pegou uma das lancheiras mais bonitas, e a maior, e então sentou-se no chão e a abriu ansiosamente. Dentro encontrou, bem embrulhados em papel branco, um sanduíche de presunto, um pedaço de pão de ló, outro de pickles, uma fatia de queijo fresco e uma maçã. Cada uma dessas coisas tinha uma haste própria e devia ser colhida pela lateral da lancheira; mas para Dorothy tudo parecia delicioso, e ela comeu toda a merenda, sem deixar nenhum pedacinho.

– Um almoço não é bem um café da manhã – disse a menina para Billina,

que se sentou a seu lado, observando com curiosidade. – Mas quando a gente está com fome pode comer até o jantar de manhã cedo, e não reclama.

– Tomara que sua lancheira esteja madura – observou a galinha amarela, em tom ansioso. – Muita gente fica doente por comer coisas ainda verdes.

– Ah, tenho certeza de que estava madura – declarou Dorothy –, tudo, a não ser o pickles, porque o pickles TEM que estar verde, Billina. Mas tudo tinha um sabor absolutamente esplêndido, e achei mais gostoso que um piquenique. Agora acho que vou pegar uma marmita para comer quando tiver fome de novo, e aí podemos sair por aí e explorar o lugar para vermos onde estamos.

– Você não tem nenhuma ideia de que lugar é este? – perguntou Billina.

– Nenhuma. Mas preste atenção: tenho certeza de que este é um reino encantado, senão coisas como lancheiras e marmitas não cresceriam em árvores. Além disso, Billina, sendo galinha, você não seria capaz de falar em nenhuma terra civilizada, como Kansas, onde não vive fada nenhuma.

– Talvez a gente esteja na Terra de Oz – disse a galinha pensativamente.

– Não, é impossível – respondeu a menininha; – porque já estive na Terra de Oz, e ela é rodeada por um horrível deserto que ninguém consegue atravessar.

– Então, como é que você conseguiu sair de lá? – perguntou Billina.

– Eu tinha um par de sapatos de prata, que me carregaram pelo ar, mas perdi.

– É mesmo? – disse a galinha amarela, em um tom incrédulo.

– De qualquer modo – resumiu a menina –, não existe praia perto da Terra de Oz, então esse deve ser mais um reino encantado. – Enquanto falava, ela escolhia uma marmita bonita e reluzente que parecia ter uma haste forte, e arrancou-a do galho. Então, acompanhada pela galinha amarela, deixou a sombra das árvores e foi para a praia.

Já estavam andando pela areia quando Billina de repente gritou, com terror na voz:

– O que é aquilo?

Dorothy se virou rapidamente e viu, saindo de uma trilha que vinha do meio das árvores, a criatura mais estranha em que já tinha colocado os olhos.

Tinha a forma de um homem, só que andava de quatro, ou melhor, rolava, e suas pernas eram do mesmo tamanho que seus braços, dando a impressão de ser um animal de quatro patas. Ainda assim, não era um animal o que Dorothy tinha descoberto, porque a pessoa estava vestida de maneira

deslumbrante, com roupas bordadas de muitas cores, e usava um chapéu de palha equilibrado graciosamente de lado na cabeça. Mas diferia dos seres humanos no seguinte aspecto: em vez de mãos e pés, o que crescia nas pontas dos braços e das pernas eram rodas, e por meio dessas estranhas rodas ele rolava rapidamente sobre o chão. Depois Dorothy descobriu que essas estranhas rodas eram da mesma dura substância de que eram feitas nossas unhas dos pés e das mãos, e percebeu que as criaturas dessa estranha raça já nasciam dessa maneira esquisita. Mas assim que nossa menininha pôs os olhos em cima do primeiro indivíduo dessa raça que acabaria por lhe causar uma série de problemas, imaginou que aquele personagem brilhantemente vestido usasse patins, que estavam presos tanto às suas mãos quanto aos seus pés.

– Corra! – gritou a galinha amarela, voando de medo dali.

– Um rodador?! – exclamou Dorothy. – O que pode ser?

– Você não se lembra do aviso na areia: “Cuidado com rodadores”? Corra! Estou lhe dizendo, corra!

Então Dorothy correu, e o rodador deu um grito agudo e selvagem e logo passou a persegui-la.

Olhando por cima do ombro enquanto corria, a menina viu então um grande desfile de rodadores saindo da floresta – dezenas e dezenas deles –, todos vestidos com esplêndidas roupas, deslizando rapidamente na direção dela e dirigindo-lhe gritos estranhos e selvagens.

– Eles querem nos pegar! – disse ofegante a menina, que ainda estava carregando a pesada marmita que tinha pegado. – Não consigo correr muito depressa, Billina.

– Suba este morro, rápido! – disse a galinha; e Dorothy descobriu que estava muito perto do monte de pedras soltas por onde tinham passado a caminho da floresta. A galinha amarela voejava agora no meio das pedras, e Dorothy a seguiu o melhor que pôde, às vezes tropeçando, por aquele áspero e íngreme caminho.

A menina mal teve tempo, porque o primeiro rodador alcançou o monte de pedras logo depois dela; mas enquanto ela se esforçava para subir pelas pedras, a criatura parou, soltando uivos de raiva e decepção.

Dorothy então ouviu a galinha amarela rindo, do seu jeito cacarejante de galinha.

– Não precisa correr, querida – gritou Billina. – Eles não podem nos seguir pelas pedras, então por enquanto estamos seguras.

Dorothy parou de repente e sentou-se em uma grande rocha para recuperar o fôlego.

O resto dos rodadores acabava de chegar ao pé do monte, mas era claro que suas rodas não conseguiam rolar sobre as pedras ásperas e pontudas, e eles perderam as esperanças de seguir Dorothy e a galinha até o lugar onde elas tinham se refugiado. Mas ficaram dando voltas pelo pé do monte, de modo que a garota e Billina acabaram ficando prisioneiras, não podendo descer sob pena de serem capturadas.

Então as criaturas sacudiram as rodas da frente para Dorothy de maneira ameaçadora, e pareciam ser capazes tanto de falar quanto de gritar coisas horríveis, porque vários deles berravam:

– Logo vamos pegá-la, não se preocupe! E quando a pegarmos, vamos fazer picadinho de você!

– Por que vocês são tão cruéis comigo? – perguntou Dorothy. – Sou forasteira em seu país, mas não fiz mal nenhum a vocês.

– Mal nenhum! – gritou o que parecia ser o líder. – Por acaso você não pegou lancheiras e marmitas? Não está com uma marmita roubada na mão?

– Só peguei uma de cada – respondeu. – Estava com fome e não sabia que as árvores eram de vocês.

– Isso não é desculpa – retrucou o líder, que vestia uma roupa maravilhosa. – A lei aqui diz que quem pegar uma marmita sem a nossa permissão deve morrer imediatamente.

– Não acredite nele – disse Billina. – Tenho certeza de que as árvores não pertencem a essas criaturas horríveis. São capazes das piores maldades, e na minha opinião eles tentariam nos matar mesmo que você não tivesse roubado nada.

– Também acho – concordou Dorothy. – Mas o que vamos fazer agora?

– Ficar onde estamos – aconselhou a galinha amarela. – Estaremos a salvo dos rodadores até morrermos de fome, de qualquer modo; mas antes disso muita coisa boa ainda pode acontecer.



TIC-TAC, O HOMEM-MÁQUINA

Cerca de uma hora depois, o bando de rodadores acabou voltando para a floresta, deixando apenas três ou quatro deles de guarda no monte. Esses três se enroscaram como cachorros e fingiram dormir na areia; mas nem Dorothy nem Billina caíram nesse truque, pois permaneceram em segurança entre as pedras e ficaram de olho em seus astutos inimigos.

Finalmente, a galinha, empoleirada no monte de pedras, exclamou:

– Veja, existe um caminho ali!

Dorothy logo subiu até o lugar onde Billina estava sentada, e lá viu que havia mesmo uma trilha fácil entre as pedras. Parecia circundar o monte de cima a baixo, como um saca-rolha, dando a volta pelas pedras pontudas, sempre encontrando uma passagem adequada.

Dorothy, na verdade, primeiro ficou se perguntando por que os rodadores não rolavam trilha acima; mas, depois de percorrê-la até o pé do monte, encontrou grandes pedaços de pedra que tinham sido colocados no final, impedindo assim qualquer um de ver a trilha de fora e não permitindo também que os rodadores a usassem para subir o monte.

Então Dorothy voltou pela trilha e a seguiu até o alto do monte, onde ficava uma solitária pedra redonda, maior do que qualquer uma das que a rodeavam. A trilha chegava ao fim bem ao lado dessa pedra, e por um momento a menina ficou intrigada perguntando-se por que essa trilha tinha sido feita afinal. Mas a galinha, que a vinha seguindo seriamente e agora estava empoleirada em um ponto da rocha atrás de Dorothy, de repente observou:

– Parece algo como uma porta, não acha?

– O que é que parece uma porta? – perguntou a garota.

– Ora, essa fenda na pedra, bem à sua frente – replicou Billina, que com seus olhos redondos e perspicazes pareciam ver tudo. – Sobe por um lado e desce pelo outro, e por cima do cume e por baixo.

– Do que você está falando?

– Da fenda, ora. Então penso que ela deve ser a porta da pedra, embora eu não consiga ver nenhuma dobradiça.

– Ah, sim – disse Dorothy, observando agora, pela primeira vez, a fenda na pedra. – E não é o buraco de uma fechadura, Billina? – apontando para um buraco redondo e profundo em um dos lados da porta.

– Claro. Se pelo menos nós tivéssemos a chave, agora poderíamos abrir e ver o que é – replicou a galinha amarela. – Talvez seja uma câmara com um tesouro de diamantes e rubis, ou montes de ouro brilhante ou...

– Isso me lembra – disse Dorothy – a chave de ouro que peguei na praia. Você acha que ela vai servir nessa fechadura, Billina?

– Tente e você vai ver – sugeriu a galinha.

Então Dorothy procurou a chave de ouro no bolso do vestido e a encontrou. E quando ela a colocou na fenda da pedra e a girou, ouviu-se um estalido agudo; depois, com um rangido solene que provocou calafrios na menina, a face da pedra se moveu para fora, como uma porta em suas dobradiças, e revelou uma câmara escura ali dentro.

– Bom Deus! – gritou Dorothy, afastando-se tanto quanto a estreita trilha permitia.

Porque, de pé dentro da estreita câmara de pedra, via-se a figura de um homem – ou pelo menos parecia um homem, na penumbra. Tinha apenas a altura da própria Dorothy, e seu corpo era redondo como uma bola e feito de cobre polido. Também sua cabeça e seus membros eram de cobre, unidos ou articulados a seu corpo de maneira peculiar, com chapas metálicas sobre as articulações, como as armaduras usadas pelos cavaleiros de antigamente. Estava absolutamente imóvel, e, conforme a luz o atingia, ele brilhava como se fosse de puro ouro.

– Não tenha medo – disse Billina, de seu poleiro. – Ele não está vivo.

– Estou vendo que não – replicou a menina, respirando fundo.

– Simplesmente é feito de cobre, como a chaleira existente na fazenda – continuou a galinha, virando a cabeça de um lado e do outro, de modo que

seus dois olhinhos redondos pudessem examinar o objeto.

– Certa vez – disse Dorothy –, conheci um homem feito de lata, um lenhador conhecido como Nick Lenhador. Mas ele era tão vivo como nós, porque tinha nascido homem de verdade, e foi se tornando de lata com o tempo, primeiro uma perna e depois um dedo, e então uma orelha, pelo fato de sofrer muitos acidentes com seu machado, com o qual por descuido acabava se cortando muito.

– Ah! – disse a galinha, com uma fungada, como se não acreditasse na história.

– Mas este homem de cobre – continuou Dorothy, olhando para ele com os olhos bem abertos – não está vivo de jeito nenhum, e eu me pergunto para que ele foi feito, e por que foi trancado neste lugar estranho.

– É um mistério – observou a galinha, torcendo a cabeça para ajeitar as penas da asa com o bico.

Dorothy entrou na pequena sala para ver o homem de cobre de costas, e assim descobriu um cartão impresso entre seus ombros, pendente de um pequeno gancho de cobre, atrás de seu pescoço. Ela soltou o cartão do gancho, voltou à trilha, onde a luz era melhor, e sentou-se sobre uma pedra para ler a inscrição.

– O que diz aí? – perguntou a galinha, curiosa.



HOMEM-MÁQUINA MECÂNICO

de Smith & Tinker

Dupla ação patenteada, mobilidade extraordinária,
capaz de pensar e de falar com perfeição.

Equipado com nosso mecanismo especial de relógio.

Pensa, fala, age e faz tudo, menos viver.

Fabricado apenas em nossa oficina de Evna, Terra de Ev.

Qualquer violação de direitos será objeto de ação judicial.

– Que estranho! – disse a galinha amarela. – Você acha que tudo isso é verdade, minha cara?

– Não sei – respondeu Dorothy, que continuou a ler. – Ouça isto, Billina:

INSTRUÇÕES DE USO



Para PENSAR: Dar corda no Homem-Máquina sob o braço esquerdo (marcado com o nº 1).

Para FALAR: Dar corda no Homem-Máquina sob o braço direito (marcado com o nº 2).

Para ANDAR e AGIR: Dar corda no meio de suas costas (marcado com o nº 3).

N.B. Este mecanismo tem garantia de funcionamento perfeito por mil anos.

– Bem! – arquejou a galinha amarela, assombrada; – se o homem de cobre puder fazer metade dessas coisas, digo que é uma máquina maravilhosa. Mas suponho que seja uma fraude, como a maioria desses artigos patenteados.

– Precisamos dar corda – sugeriu Dorothy – e ver o que ele faz.

– Onde está a chave do relógio? – perguntou Billina.

– Pendurada no gancho onde encontrei o cartão.

– Então – disse a galinha –, vamos experimentá-lo e ver se ele funciona. Tem garantia de mil anos, parece; mas não sabemos quanto tempo faz que ele está de pé dentro da rocha.

Dorothy já tinha pegado a chave no gancho.

– Em que vamos dar corda primeiro? – perguntou, olhando novamente para as instruções do cartão.

– Número 1, acredito – retrucou Billina. – Isso vai fazê-lo pensar, não é?

– Sim – disse Dorothy, e deu corda no número 1, sob o braço esquerdo.

– Não parece ter feito diferença – observou a galinha, crítica.

– Ora, claro que não; ele só está pensando agora – disse Dorothy.

– Gostaria de saber o que ele está pensando.

– Vou dar corda na fala, assim talvez ele possa nos explicar – disse a menina.

Então ela deu corda no número 2, e imediatamente o homem mecânico disse, sem mover nenhuma parte do corpo, exceto os lábios:

– Bom di-a, me-ni-ni-nha. Bom di-a, se-nho-ra Ga-li-nha.

As palavras soavam um pouco roucas e rangiam, e eram pronunciadas todas no mesmo tom, sem nenhuma mudança de expressão, no entanto; mas tanto Dorothy como Billina compreenderam tudo perfeitamente.

– Bom dia, senhor – elas responderam, educadamente.

– O-bri-ga-do por me res-ga-tar – continuou a máquina, com a mesma voz monótona, que parecia ser alimentada por um fole dentro dele, como os pequenos cordeiros e gatos de brinquedo que as crianças apertam para fazer ruído.

– Não há de quê – respondeu Dorothy. E então, com muita curiosidade, perguntou: – Como é que você ficou trancado neste lugar?

– É uma lon-ga his-tó-ria – replicou o homem de cobre; – mas vou con-tar ra-pi-da-men-te pa-ra vo-cês. Fui com-pra-do de Smith & Tin-ker, meus fa-bri-can-tes, pe-lo cru-el rei de Ev, cha-ma-do E-vol-do, que ba-ti-a em seus ser-vi-çais a-té ma-tá-los. Po-rém, e-le não e-ra ca-paz de me ma-tar por-que eu não e-ra vi-vo, e a gen-te pri-me-i-ro pre-ci-sa vi-ver pa-ra de-pois mor-rer. De mo-do que as pan-ca-das que e-le deu não me cau-sa-ram ne-nhum da-no, a-pe-nas dei-xa-ram meu cor-po de co-bre mais po-li-do.

“Es-se rei cru-el ti-nha u-ma es-po-sa a-do-rá-vel e dez be-los fi-lhos – cin-co me-ni-nos e cin-co me-ni-nas –, mas em um a-ta-que de fú-ria ven-deu to-dos pa-ra o rei No-mo, que, com su-as ar-tes má-gi-cas, mu-dou to-dos e-les de for-ma e os co-lo-cou em seu pa-lá-cio sub-ter-râ-neo.

“De-pois o rei de Ev se ar-re-pen-deu de su-a mal-da-de e ten-tou res-ga-tar sua es-po-sa e seus fi-lhos das mãos do rei No-mo, mas sem su-ces-so. En-tão, em de-ses-pe-ro, e-le me tran-cou nes-ta pe-dra, jo-gou a cha-ve no o-ce-a-no, se jo-gou no mar e se a-fo-gou.”

– Que horror! – exclamou Dorothy.

– É ver-da-de, sim – disse a máquina. – Quan-do des-co-bri que es-ta-va pre-so, gri-tei pe-din-do a-ju-da a-té que mi-nha voz a-ca-bou, e en-tão an-dei de um la-do pa-ra ou-tro a-té meus mo-vi-men-tos a-ca-ba-rem; de-pois fiquei i-mó-vel e pen-sei a-té meus pen-sa-men-tos a-ca-ba-rem. De-pois dis-so não me lem-bro de na-da a-té vo-cê me dar cor-da de no-vo.

– É uma história maravilhosa – disse Dorothy –, e prova que a Terra de Ev é realmente um reino encantado, como eu pensava.

– Cla-ro que é – respondeu o homem de cobre. – Não i-ma-gi-no que u-ma má-qui-na tão per-fei-ta co-mo eu pos-sa ser fei-ta se-não em u-ma ter-ra de fa-das.

– Nunca vi uma dessas no Kansas – disse Dorothy.

– Mas on-de vo-cê con-se-guiu a cha-ve pa-ra des-tran-car es-sa por-ta? – perguntou a voz mecânica.

– Eu a encontrei na praia, para onde elas devem ter sido trazidas pelas ondas – respondeu ela. – E agora, senhor, se não se importa, vou dar corda para a sua ação.

Então ela deu corda no número 3, e de repente o homem de cobre, com movimentos rígidos e desajeitados, saiu da caverna de pedra, pegou seu chapéu de cobre, inclinou-se educadamente e ajoelhou-se diante de Dorothy.

– De a-go-ra em di-an-te, sou um o-be-di-en-te ser-vo seu. Fa-rei tu-do que vo-cê qui-ser, se con-ti-nu-ar dan-do cor-da em mim.

– Qual é o seu nome – ela perguntou.

– Tic-Tac – respondeu ele. – Meu an-ti-go a-mo me deu es-se no-me por-que meu me-ca-nis-mo sem-pre faz ti-que-ta-que quan-do tem cor-da.

– Estou ouvindo agora – disse a galinha amarela.

– Eu também – disse Dorothy. E então acrescentou, com alguma ansiedade: – Você não dá a hora, não?

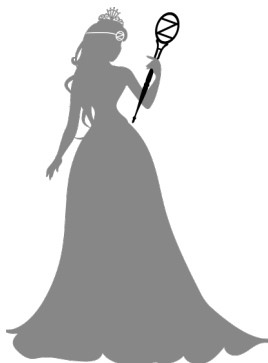
– Não – respondeu Tic-Tac; – e não e-xis-te ne-nhum a-lar-me co-nec-ta-do com meu me-ca-nis-mo. Mas pos-so dar a ho-ra com pa-la-vras, e co-mo nun-ca dur-mo pos-so des-per-tar vo-cê à ho-ra que qui-ser.

– Está bem – disse a menina –, mas de manhã nunca tenho vontade de levantar.

– Você pode dormir até que eu ponha meu ovo – disse a galinha amarela. – Depois, quando eu cacarejar, Tic-Tac vai saber que é hora de você acordar.

– Você bota seu ovo bem cedo? – perguntou Dorothy.

– Lá pelas oito horas – disse Billina. – E todo mundo devia se levantar a essa hora, penso eu.



DOROTHY ABRE A MARMITA

– Agora, Tic-Tac – disse Dorothy –, a primeira coisa a fazer é encontrar um caminho para escaparmos destas pedras. Os rodadores estão lá embaixo, você sabe, e ameaçam nos matar.

– Não há ra-zão pa-ra ter me-do dos ro-da-do-res – disse Tic-Tac, e as palavras saíram mais devagar do que antes.

– Por que não? – disse ela.

– Por-que eles são ag-g-g-gr-gr-gr-rr...

Ele começou a balbuciar e parou, agitando freneticamente as mãos até que, de repente, tornou-se imóvel, com uma mão no ar e a outra esticada para a frente, com todos os dedos de cobre abertos como um leque.

– Pobre de mim! – disse Dorothy, amedrontada. – O que terá acontecido?

– Eu não sabia quanta corda devia dar nele – replicou a menina; – mas vou tentar fazer melhor da próxima vez.

Rodeou logo o homem de cobre para pegar a chave no gancho atrás de seu pescoço, mas ela não estava lá.

– Desapareceu! – gritou Dorothy, consternada.

– Desapareceu? – perguntou Billina.

– A chave.

– Provavelmente ela caiu quando ele fez aquela reverência a você – voltou a dizer a galinha. – Procure e veja se consegue encontrá-la de novo.

Dorothy procurou, a galinha a ajudou, e pouco depois a menina encontrou a chave, que tinha caído em uma fenda da pedra.

Imediatamente ela deu corda na voz de Tic-Tac, tomando cuidado para dar tantas voltas de corda quantas fosse possível. Não achou a tarefa fácil, como pode imaginar quem já deu corda em relógio, mas as primeiras palavras do homem mecânico foram para assegurar a Dorothy que agora ele ficaria em funcionamento por vinte e quatro horas no mínimo.

– Vo-cê não ti-nha da-do cor-da su-fi-ci-en-te da pri-me-i-ra vez – disse ele calmamente – e eu lhe con-tei a-que-la lon-ga his-tó-ria so-bre o rei E-vol-do; en-tão não é de ad-mi-rar que a cor-da ti-ves-se a-ca-ba-do.

Em seguida ela deu corda no mecanismo de ação, e então Billina a aconselhou a levar a chave de Tic-Tac no bolso, assim não a perderia novamente.

– E agora – disse Dorothy, quando terminou tudo –, diga-me o que ia explicar sobre os rodadores.

– O-ra, e-les são i-no-fen-si-vos – disse a máquina. – Ten-tam fa-zer com que as pes-soas pen-sem que são ter-rí-veis, mas na ver-da-de os ro-da-do-res são in-ca-pa-zes de fa-zer mal a quem quei-ra en-fren-tá-los. Po-dem ter ten-ta-do as-sus-tar u-ma me-ni-na co-mo vo-cê, tal-vez, por-que são mui-to tra-ves-sos. Mas se eu ti-ves-se um por-re-te, e-les cor-re-ri-am as-sim que me vis-sem.

– Você tem um porrete? – perguntou Dorothy.

– Não – disse Tic-Tac.

– E também não vai encontrar nenhum nessas pedras – declarou a galinha amarela.

– Então, o que vamos fazer:

– Dê bastante corda no meu mecanismo de pensamento, e eu poderei pensar em outro plano.

Então Dorothy voltou a dar corda no mecanismo, e enquanto ele ficava pensando, ela decidiu comer seu jantar. Billina já estava ciscando nas fendas das pedras para encontrar algo de comer, então Dorothy sentou-se e abriu sua marmita.

Na tampa ela encontrou um pequeno recipiente cheio de uma ótima limonada. Era coberto por um copo que também servia para tomar a limonada. Dentro da marmita havia três fatias de peru, duas fatias de língua fria, um pouco de salada de lagosta, quatro fatias de pão com manteiga, uma pequena torta de creme, uma laranja e novos grandes morangos, além de frutas secas e uvas-passas. Curiosamente, as frutas secas já estavam sem a

casca, de modo que Dorothy não teve problemas para comê-las.

Dorothy espalhou seu banquete sobre a pedra a seu lado e começou seu jantar, oferecendo primeiro um pouco para Tic-Tac, que recusou porque, segundo ele, não passava de uma máquina. Depois ela ofereceu dividir a refeição com Billina, mas a galinha murmurou alguma coisa sobre “coisas mortas” e disse que preferia seus insetos e formigas.

– As árvores de lancheiras e marmitas pertencem aos rodadores? – perguntou a menina a Tic-Tac, enquanto começava a comer.

– Cla-ro que não – respondeu ele. – E-las per-ten-cem à fa-mí-lia re-al de Ev, só que, é cla-ro, não e-xis-te fa-mí-lia re-al a-go-ra, por-que o rei de Ev se jo-gou no mar; e su-a mu-lher e os dez fi-lhos fo-ram trans-for-ma-dos pe-lo rei No-mo. De mo-do que não há nin-guém go-ver-nan-do a Ter-ra de Ev, é o que pos-so pen-sar. Tal-vez se-ja por es-sa ra-zão que os ro-da-do-res di-zem que as ár-vo-res são de-les, e pe-gam os al-mo-ços e jan-ta-res pa-ra co-me-rem e-les mes-mos. Mas e-las per-ten-cem ao rei, e vo-cê vai ver o “E” re-al es-tam-pa-do so-bre o fun-do de ca-da mar-mi-ta.

Dorothy virou a marmita e imediatamente descobriu a marca real no fundo, como dissera Tic-Tac.

– Os rodadores são as únicas pessoas que vivem na Terra de Ev? – perguntou a menina.

– Não; e-les ha-bi-tam a-pe-nas uma pe-que-na par-te de-la, a-trás do bosque – replicou a máquina. – Mas e-les sem-pre fo-ram tra-ves-sos e im-per-ti-nen-tes, e meu ve-lho mes-tre rei E-vol-do le-va-va sem-pre um chi-co-te, quan-do sa-í-a, pa-ra man-ter a or-dem en-tre es-sas cri-a-tu-ras. Lo-go que fui fa-bri-ca-do, os ro-da-do-res ten-ta-ram cor-rer pa-ra ci-ma de mim, de-ram-me ca-be-ça-das; mas logo des-co-bri-ram que eu e-ra fei-to de ma-té-ria mui-to só-li-da pa-ra e-les ma-chu-ca-rem.

– Você parece ser bastante durável – disse Dorothy. – Quem fabricou você?

– A fir-ma Smith & Tin-ker, na ci-da-de de Ev-na, on-de fi-ca o pa-lá-cio re-al – respondeu Tic-Tac.

– Fabricaram muitos como você? – perguntou a menina.

– Não; fui o ú-ni-co ho-mem me-câ-ni-co au-to-má-ti-co que fi-ze-ram – replicou ele. – E-ram in-ven-to-res ma-ra-vi-lho-sos, meus cons-tru-to-res, e bons ar-tis-tas em tu-do o que fa-zi-am.

– Tenho certeza disso – disse Dorothy. – Eles moram na cidade de Evna agora?

– Am-bos já se fo-ram – replicou a máquina. – O se-nhor Smith e-ra um ar-tis-ta, as-sim co-mo um in-ven-tor, e pin-tou um qua-dro de um ri-o tão re-a-lis-ta que, en-qua-nto a-tra-ves-sa-va o ri-o pa-ra pin-tar al-gu-mas flo-res que fi-ca-vam na mar-gem o-pos-ta, ca-iu na á-gua e se a-fo-gou.

– Oh, sinto muito! – exclamou a menininha.

– O se-nhor Tin-ker – continuou Tic-Tac – cons-tru-iu u-ma es-ca-da tão com-pri-da que su-a pon-ta che-ga-va até a Lu-a, en-quan-to e-le fi-ca-va no de-grau mais al-to e co-lhi-a pe-que-nas es-tre-las pa-ra co-lo-car nas pon-tas da co-ro-a re-al. Mas quan-do che-gou à Lu-a, o se-nhor Tin-ker a-chou o lu-gar tão a-do-rá-vel que de-ci-di-u vi-ver lá, de mo-do que pu-xou a es-ca-da a-pós che-gar e nun-ca mais foi vis-to.

– Essa deve ter sido uma grande perda para este país – disse Dorothy, que nesse momento comia sua torta de lagosta.

– Foi sim – concordou Tic-Tac. – E tam-bém foi u-ma gran-de per-da pa-ra mim. Por que, se eu pa-rar de fun-cio-nar, não co-nhe-ço nin-guém que pos-sa me con-ser-tar, por-que sou mui-to com-pli-ca-do. Vo-cê não tem i-dei-a de to-da a ma-qui-na-ri-a que sou eu.

– Posso imaginar – disse Dorothy, prontamente.

– E a-go-ra – continuou a máquina – pre-ci-so pa-rar de fa-lar e co-me-çar a pen-sar de no-vo em um mo-do de es-ca-par des-ta pe-dra. – Então ele deu meia volta, para poder pensar sem ser perturbado.

– O melhor pensador que já conheci – disse Dorothy à galinha amarela – era um espantalho.

– Que bobagem – disse Billina.

– É verdade – declarou Dorothy. – Eu o conheci na Terra de Oz, e ele viajou comigo para a cidade do grande Mágico de Oz, para ver se conseguia um cérebro, porque sua cabeça só continha palha. Mas para mim parecia que ele pensava tão bem antes como depois que conseguiu o cérebro.

– Você espera que eu acredite em toda essa besteira sobre a Terra de Oz? – perguntou Billina, que parecia um pouco zangada, talvez porque em vez de insetos só havia palha.

– Que besteira? – perguntou a menina, que agora terminava de comer as frutas secas e as uvas-passas.

– Ora, essas histórias impossíveis sobre animais que você conta, e um lenhador de lata que vivia, e um espantalho que podia pensar.

– Estão todos lá – disse Dorothy –, porque eu os vi.

– Eu não acredito nisso! – gritou a galinha, com um meneio de cabeça.

– É porque você é muito ignorante – replicou a menina, que ficou um pouco ofendida com o que Billina dissera.

– Na Ter-ra de Oz – observou Tic-Tac, virando-se em direção a elas –, qualquer coi-sa é pos-sí-vel. Por-que é um ma-ra-vi-lho-so reino encantado.

– Olhe, Billina! O que foi que eu disse? – gritou Dorothy. Então virou-se para a máquina e perguntou em tom ansioso: – Você conhece a Terra de Oz, Tic-Tac?

– Não; mas ou-vi fa-lar de-la – disse o homem de cobre. – Por-que e-la é se-pa-ra-da des-ta Ter-ra de Ev a-pe-nas por um am-plo de-ser-to.

Dorothy bateu palmas de alegria.

– Fico contente com isso! – exclamou ela. – Deixa-me muito feliz estar tão perto de meus velhos amigos. O espantalho de que eu lhe falei, Billina, é o rei da Terra de Oz.

– Desculpe-me. Ele não é mais o rei agora – disse Tic-Tac.

– Ele era, quando eu saí de lá – declarou Dorothy.

– Eu sei – disse Tic-Tac –, mas hou-ve uma re-vo-lu-ção na Ter-ra de Oz, e o Es-pan-ta-lho foi de-pos-to por u-ma mi-li-tar cha-ma-da Ge-ne-ral Jin-jur. E en-tão Jin-jur foi de-pos-ta por u-ma me-ni-ni-nha cha-ma-da Oz-ma, que era a her-dei-ra le-gí-ti-ma do tro-no e a-go-ra go-ver-na a ter-ra com o tí-tu-lo de Oz-ma de Oz.

– Tudo isso é para mim uma novidade – disse Dorothy, pensativa. – Mas suponho que muitas coisas aconteceram desde que fui embora de Oz. Gostaria de saber o que aconteceu com o Espantalho, com o Homem de Lata e com o Leão Covarde. E também gostaria de saber quem é essa menina chamada Ozma, porque nunca ouvi falar dela.

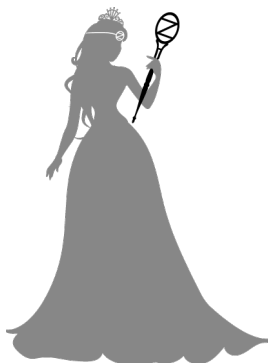
Mas Tic-Tac não respondeu. Tinha se virado de novo para voltar a pensar.

Dorothy embalou o restante da comida na marmita, para não perder nada daquelas coisas boas, e a galinha amarela deixou sua dignidade de lado e tratou de bicar todos os farelos, que comeu gulosamente, embora pouco antes fingisse desdenhar as coisas que Dorothy preferia comer.

Nesse momento, Tic-Tac se aproximou delas e fez uma reverência.

– Fa-çam o fa-vor de me se-guir, por gen-ti-le-za – disse ele; – vou le-vá-las em-bo-ra pa-ra a ci-da-de de Ev-na, on-de vo-cês fi-ca-rão mais con-for-tá-veis, e eu po-de-rei pro-te-gê-las dos ro-da-do-res.

– Muito bem – respondeu Dorothy rapidamente. – Estou pronta!



AS CABEÇAS DE LANGUIDERE

Desceram devagar a trilha entre as pedras, Tic-Tac à frente, Dorothy seguindo logo atrás e por último a galinha amarela.

No pé da trilha, o homem de cobre se inclinou e afastou com facilidade as pedras que impediam a passagem. Então virou-se para Dorothy e disse:

– Dei-xe-me le-var su-a mar-mi-ta.

Imediatamente ela colocou a marmita na mão direita dele, e os dedos de cobre se fecharam firmes sobre a sólida mão.

Então, o pequeno cortejo dirigiu-se para a areia lisa.

Assim que os viram, os três rodadores que tinham ficado de guarda no pé do monte começaram a berrar seus gritos selvagens e rolaram rápido em direção ao pequeno grupo, para capturá-los ou impedi-los. Mas quando o primeiro estava próximo o suficiente, Tic-Tac girou a marmita e golpeou a cabeça dele com a estranha arma. Talvez não o tenha ferido muito, mas fez um grande ruído, e o rodador soltou um uivo e caiu de lado. No minuto seguinte, ele se levantou sobre suas rodas e se afastou rolando à maior velocidade, guinchando de medo.

– Eu lhe dis-se que e-les e-ram i-no-fen-si-vos – começou Tic-Tac. Mas, antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, outro rodador chegou na frente deles. *Crac!* fez a marmita contra a cabeça deste, atirando seu chapéu de palha a quatro metros de distância; e também foi o suficiente para esse rodador. Ele foi embora atrás do primeiro, e o terceiro não esperou ser agredido pela marmita, indo se juntar a seus companheiros tão rápido quanto pôde.

A galinha amarela emitiu um cacarejo de prazer, e, voejando até se empoleirar no ombro de Tic-Tac, disse:

– Muito corajoso, meu amigo de cobre! E muito bem feito também. Agora estamos livres dessas horríveis criaturas.

Mas nesse momento um grande bando de rodadores saíram do bosque e, confiando em seu grande número para vencer, avançaram ferozmente sobre Tic-Tac. Dorothy pegou Billina nos braços e apertou-a forte, e a máquina rodeou o corpo da menina com seu braço esquerdo, para protegê-la melhor. Então os rodadores os alcançaram.

Bang! Crac! Bang! rugia a marmita em todas as direções, ao golpear a cabeça dos rodadores, que, mais assustados do que feridos, fugiram em pânico. Quer dizer, todos exceto seu líder. Esse rodador tinha se chocado contra outro e caiu de costas no chão, e, antes que ele pudesse se pôr sobre as rodas novamente, Tic-Tac já tinha colocado seus dedos de cobre na gola da bela jaqueta de seu inimigo e apertava fortemente seu pescoço.

– Di-ga a seu pes-so-al que vá em-bo-ra – ordenou a máquina.

Como o líder dos rodadores hesitou em dar essa ordem, Tic-Tac o sacudiu como um cão terrier sacode um rato, até seus dentes rangerem com um barulho semelhante ao do granizo em uma janela. Então, assim que a criatura recobrou o fôlego, gritou aos outros que fossem embora, o que eles imediatamente fizeram.

– Agora – disse Tic-Tac – vo-cê vai vir com a gen-te e me di-zer o que quero sa-ber.

– Você vai se arrepender por me ameaçar assim – choramingou o Rodador.
– Sou uma pessoa terrivelmente feroz.

– Quan-to a is-so – respondeu Tic-Tac –, sou a-pe-nas uma má-qui-na, e não sin-to nem pe-na nem a-le-gria, não im-por-ta o que a-con-te-ça. Mas vo-cê es-tá en-ga-na-do em se i-ma-gi-nar ter-rí-vel ou fe-roz.

– E por quê? – perguntou o Rodador.

– Por-que nin-guém mais pen-sa co-mo vo-cê. As ro-das im-pe-dem vo-cê de fe-rir al-guém. Pois vo-cê não tem pu-nhos e não con-se-gue ar-ra-nhar nem ar-ran-car pe-los. E tam-bém não tem pés pa-ra chu-tar. Tu-do o que po-de fa-zer é gri-tar e ber-rar, e is-so não fe-re nin-guém.

O Rodador derramou-se em lágrimas, para a grande surpresa de Dorothy.

– Agora eu e meu pessoal estamos arruinados para sempre! – soluçou ele – porque você descobriu nosso segredo. Por sermos tão inofensivos, nossa única

esperança é fazer as pessoas nos temerem porque fingimos ser terríveis e ferozes, e escrever na areia avisos de “Cuidado com os rodadores”. Até agora nós temos amedrontado todo mundo, mas desde que você descobriu nossa fraqueza, nossos inimigos vão cair em cima de nós e nos tornar miseráveis e infelizes.

– Ah, não! – exclamou Dorothy, que sentiu pena de ver aquele elegante Rodador sentir-se tão desolado. – Tic-Tac vai guardar o segredo de vocês, assim como Billina e eu. Só que você vai ter que prometer não tentar mais assustar as crianças, se elas chegarem perto de você.

– Não farei mais isso, claro que não! – prometeu o Rodador, parando de chorar e se animando um pouco. – Não sou realmente mau, você sabe; mas temos que fingir sermos terríveis para impedir os outros de nos atacarem.

– Is-so não é e-xa-ta-men-te ver-da-de – disse Tic-Tac, começando a andar em direção à trilha que levava à floresta, e ainda apertando seu prisioneiro, que deslizava lentamente a seu lado. – Vo-cê e se-us a-mi-gos são mui-to tra-ves-sos, e gos-tam de a-mo-lar quem se as-sus-ta com vo-cês; e em ge-ral vo-cês são de-sa-ver-go-nha-dos e de-sa-gra-dá-veis tam-bém. Mas se não a-gi-rem mais as-sim, não con-ta-rei a nin-guém que são i-no-fen-si-vos.

– Vou tentar, é claro – replicou o Rodador, ansioso. – E obrigado, senhor Tic-Tac, por sua bondade.

– Sou a-pe-nas u-ma má-qui-na – disse Tic-Tac. – Não pos-so ser bon-do-so, as-sim co-mo não pos-so sen-tir pe-na ou a-le-gria. Só con-si-go fa-zer as coi-sas pa-ra as quais fui pro-gra-ma-do.

– Está programado para manter meu segredo? – perguntou o Rodador, ansiosamente.

– Sim; se vo-cê se com-por-tar bem. Mas me di-ga: quem go-ver-na a Ter-ra de Ev a-go-ra? – perguntou a máquina.

– Não existe governante – foi a resposta –, porque todos os membros da família real foram presos pelo rei Nomo. Mas a princesa Langwidere, que é sobrinha de nosso falecido rei Evoldo, vive em alguma parte do palácio e tira do tesouro real todo o dinheiro que consegue gastar. A princesa Langwidere não é exatamente uma governante, você sabe, porque ela não governa; mas é o mais próximo de uma governante no momento.

– Não me lem-bro de-la – disse Tic-Tac. – Co-mo ela é?

– Não sei dizer – replicou o Rodador –, embora já a tenha visto umas vinte vezes. Pois a princesa Langwidere é uma pessoa diferente cada vez que a vejo, e

o único modo de seus súditos a reconhecerem é por meio de uma bela chave de rubi que ela sempre usa no pulso esquerdo. Quando vemos a chave, sabemos que estamos olhando para a princesa.

– Que estranho! – disse Dorothy, assombrada. – Você quer dizer que tantas princesas diferentes são uma e a mesma pessoa?

– Não exatamente – respondeu o Rodador. – Só existe, é claro, uma princesa; mas ela aparece para nós de muitas formas, todas mais ou menos bonitas.

– Ela deve ser uma feiticeira! – exclamou a menina.

– Não acredito – declarou o Rodador. – Mas algum mistério existe em relação a ela, em todo caso. É uma criatura muito vaidosa, e vive a maior parte do tempo em uma sala rodeada de espelhos, para poder admirar a si mesma da maneira que desejar.

Ninguém respondeu a essas palavras, porque acabavam de sair da floresta e a atenção fixou-se na cena que tinham diante deles – um bonito vale onde havia muitas árvores frutíferas e verdes campos, com belas granjas espalhadas aqui e ali, e amplos e tranquilos caminhos que levavam a muitos lugares.

No centro desse vale encantador, pouco mais de um quilômetro de onde estavam nossos amigos, erguiam-se as altas torres do palácio real, que brilhavam reluzentes contra o céu azul. O palácio era rodeado por encantadores jardins, cheios de flores e arbustos. Podiam-se ver muitas fontes borbulhantes, e agradáveis passeios bordejados de fileiras de estátuas de mármore branco.

Dorothy, é claro, só pôde notar e admirar todos esses detalhes quando eles avançaram pelo caminho até chegar bem perto do palácio, e ela ainda estava admirando as belas vistas quando seu grupo entrou nos jardins e se aproximou da grande porta principal dos próprios aposentos reais. Para a decepção deles, encontraram a porta trancada com chave. Preso ao painel da porta, havia um aviso que dizia o seguinte:

PROPRIETÁRIO AUSENTE
FAVOR BATER NA TERCEIRA PORTA DA ALA ESQUERDA.

– A-go-ra – disse Tic-Tac ao Rodador cativo –, vo-cê vai nos mos-trar o cam-i-nho até a Ala Es-quer-da.

– Muito bem – concordou o prisioneiro –, fica por aqui, à direita.

– Como pode a Ala Esquerda ficar à direita? – perguntou Dorothy,

temendo que o Rodador os estivesse enganando.

– Porque antes havia três alas, e como duas foram derrubadas, a que restou à direita é agora a Ala Esquerda. É um truque da princesa Langwidere para evitar visitantes que a aborreçam.

Então o prisioneiro os levou até a ala, depois do que o Homem- -Máquina, não necessitando mais do Rodador, permitiu que ele saísse e se juntasse a seus companheiros. Imediatamente ele deslizou para longe a grande velocidade, e logo desapareceu de vista.

Tic-Tac contou as portas da ala e bateu com força na terceira.

A porta foi aberta por uma pequena criada com uma touca adornada de fitas de cores alegres, que se inclinou respeitosamente e perguntou:

– O que desejam, gente boa?

– Você é a princesa Langwidere? – perguntou Dorothy.

– Não, senhorita; sou uma servente – respondeu a criada.

– Posso ver a princesa, por favor?

– Vou dizer a ela que está aqui, senhorita, e pedir a ela que lhe conceda uma audiência – disse a criada. – Por favor, entrem e sentem-se na sala de estar.

Então Dorothy entrou, seguida de perto pela máquina. Mas quando a galinha amarela tentou entrar atrás deles, a pequena criada gritou “Xô!” e agitou seu avental na cara dela.

– Xô você! – retorquiu a galinha, afastando-se com raiva e eriçando as penas. – São essas suas boas maneiras?

– Ah, você fala? – perguntou a criada, evidentemente surpresa.

– Não está me ouvindo? – disse Billina. – Abaixa esse avental e saia da frente da porta para que eu possa entrar com meus amigos!

– A princesa não vai gostar disso – disse a criada, hesitante.

– Não me importa se ela gosta ou não – replicou Billina, e agitando ruidosamente as asas voou rente ao rosto da criada. A pequena serviçal desviou imediatamente a cabeça, e a galinha pousou com segurança ao lado de Dorothy.

– Muito bem – murmurou a criada –, se vocês forem prejudicados por causa dessa obstinada galinha, não me culpem. Não é seguro desagradar a princesa Langwidere.

– Diga a ela que estamos esperando, por favor – pediu Dorothy, com dignidade. – Billina é minha amiga, e vai aonde eu vou.

Sem mais palavras, a criada levou-os para uma sala ricamente mobiliada,

iluminada pelos tons suavemente irisados da luz que penetrava através de lindos vitrais.

– Fiquem aqui – disse ela. – A quem devo anunciar à princesa?

– Sou Dorothy Gale, do Kansas – replicou a menina; – este cavalheiro é uma máquina chamada Tic-Tac, e a galinha amarela é minha amiga Billina.

A pequena criada fez uma reverência e retirou-se, percorrendo inúmeras passagens e subindo duas escadas de mármore antes de chegar aos aposentos ocupados por sua ama.

O salão da princesa Langwidere era guarnecido com grandes espelhos, que iam do teto ao chão; também o teto era forrado de espelhos, e o chão era de prata polida que refletia qualquer objeto ali colocado. Portanto, quando Langwidere sentava-se em sua espreguiçadeira e tocava suaves melodias em seu bandolim, sua forma era refletida pelos espelhos centenas de vezes, nas paredes, no teto e no chão, e para qualquer lugar que ela virasse a cabeça, podia ver-se e admirar as próprias formas. Ela gostava de fazer isso, e, quando a criada entrou, estava dizendo a si mesma:

– Esta cabeça de cabelo ruivo e olhos cor de avelã é bastante atraente. Devo usá-la com mais frequência do que tenho feito, embora não seja a melhor de minha coleção.

– A senhora tem companhia, alteza – anunciou a criada, com uma profunda reverência.

– Quem é? – perguntou Langwidere, bocejando.

– Dorothy Gale, do Kansas, o senhor Tic-Tac e Billina – respondeu a criada.

– Que monte de nomes estranhos! – murmurou a princesa, começando a ficar mais interessada. – O que eles querem? Dorothy Gale do Kansas é bonita?

– Pode-se dizer que sim – disse a criada.

– E o senhor Tic-Tac, é atraente? – continuou a princesa.

– Isso não sei dizer, Alteza. Mas parece muito reluzente. Sua graciosa alteza vai recebê-los?

– Ah, eu poderia, Nanda. Mas estou cansada de tanto admirar esta cabeça, e se minha visita se destacar por sua beleza, preciso cuidar para que não me ultrapasse. Então, vou ao meu gabinete trocar pelo número 17, pois penso que me deixa com melhor aparência. Não acha?

– Seu número 17 é belo demais – respondeu Nanda, com outra reverência.

Novamente a princesa bocejou. E disse:

– Me ajude a me levantar.

Assim, a criada a ajudou a ficar de pé, embora Langwidere fosse a mais forte das duas; então a princesa caminhou lentamente pelo chão de prata até seu gabinete, apoiando-se pesadamente, a cada passo, no braço de Nanda.

Agora devo explicar a vocês que a princesa Langwidere tinha trinta cabeças – tantas quanto os dias do mês. Mas é claro que só podia usar uma de cada vez porque só tinha um pescoço. Essas cabeças eram mantidas no que ela chamava de seu “gabinete”, um bonito quarto de vestir que ficava exatamente entre o dormitório e a sala espelhada de Langwidere. Cada cabeça ficava em um armário separado, forrado de veludo. Os armários ocupavam as quatro paredes do quarto de vestir e tinham portas elaboradamente entalhadas com números dourados por fora e espelhos emoldurados com joias do lado de dentro.

Quando a princesa se levantava de sua cama de cristal, pela manhã, ia até seu gabinete, abria um dos armários forrados de veludo e tirava a cabeça que ali estava, em sua prateleira de ouro. Então, com a ajuda do espelho que havia ali dentro, erguia a cabeça – o mais ereta possível – e chamava as criadas para vesti-la para o dia. Sempre usava um simples vestido branco, que combinava com todas as cabeças. Pois, por ser capas de mudar de face quando bem quisesse, a princesa não se interessava em usar uma variedade maior de vestidos, como acontece com outras senhoras que são obrigadas a usar sempre a mesma cara.

É claro que as trinta cabeças eram muito variadas, não havendo duas iguais, mas sendo todas muito bonitas. Havia cabeças com cabelo dourado, cabelo castanho, cabelo ruivo e cabelo preto; mas nenhuma com cabelo grisalho. As cabeças tinham olhos azuis, cinzentos, cor de avelã, castanhos ou negros; mas entre elas não havia nenhuma de olhos vermelho, e todas eram reluzentes e bonitas. Os narizes eram gregos, romanos, arrebitados e orientais, representando todos os tipos de beleza; e as bocas eram de diferentes tamanhos e formas, exibindo dentes perolados quando as cabeças sorriam. Quanto às covinhas, elas apareciam nas faces e no queixo, onde poderiam ser mais encantadoras, e uma ou duas cabeças tinham sardas nas faces para contrastar melhor com a pele radiante.

Uma chave abria todos os armários de veludo que continham esses tesouros – uma curiosa chave talhada em um único rubi vermelho-sangue – e esta era presa a uma fina corrente, mas resistente, que a princesa usava no pulso esquerdo.

Quando Nanda manteve Langwidere em uma posição de frente para o armário número 17, a princesa abriu a porta com a chave de rubi e, após entregar a cabeça número 9, que estivera usando, para a criada, tirou a número 17 de sua prateleira e encaixou-a em seu pescoço. Tinha cabelo preto e olhos escuros, e uma bela pele branco-perolada, e quando Langwidere a colocou, percebeu que estava com uma aparência incrivelmente bonita.

Havia apenas um problema com a cabeça número 17: o temperamento que a acompanhava (e que se ocultava em algum lugar sob o brilhante cabelo negro) era extremamente inflamado, duro e altivo, e frequentemente levava a princesa a fazer coisas desagradáveis, das quais ela se arrependia quando voltava a usar suas outras cabeças.

Nesse dia, porém, não se lembrara disso e foi encontrar seus convidados no salão, com a certeza de que iria surpreendê-los com sua beleza.

Contudo, ficou muito decepcionada ao descobrir que seus visitantes eram simplesmente uma pequena menina em um vestido de algodão, um homem de cobre que só conseguia andar se lhe dessem corda e uma galinha amarela que estava muito feliz sentada no melhor cesto de costura de Langwidere, onde havia um ovo de porcelana para cerzir meias. (Vocês podem se surpreender ao saber que as princesas fazem coisas comuns como cerzir meias. Mas, se vocês pararem para pensar, vão perceber que as princesas também usam meias com buracos, assim como outras pessoas; só que não se considera de boa educação mencionar o assunto.)

– Ah! – disse Langwidere, levantando ligeiramente o nariz da cabeça número 17. – Pensei que estava sendo esperada por pessoas importantes.

– Então você está certa – declarou Dorothy. – Dou muita importância a mim mesma, e quando Billina bota um ovo ela solta o cacarejo mais orgulhoso que você pode ouvir. Quanto a Tic-Tac, ele é...

– Basta, basta! – ordenou a princesa, com um brilho de raiva em seus olhos esplêndidos. – Como vocês se atrevem a me aborrecer com essa conversinha sem sentido?

– Como você é horrorosa! – disse Dorothy, que não estava acostumada a ser tratada com tanta grosseria.

A princesa olhou para ela mais detidamente.

– Diga-me – prosseguiu ela –, você tem sangue real?

– Melhor do que isso, madame – disse Dorothy. – Eu vim do Kansas.

– Ih! – gritou a princesa com desdém. – Você é uma menina tola, e não

admito que venha me aborrecer. Fora daqui, sua afetada, vá amolar outro.

– Dorothy estava tão indignada que por um momento não conseguiu encontrar palavras para replicar. Mas levantou-se da cadeira, e estava para deixar a sala quando a princesa, que estivera olhando fixamente para a menina, interrompeu-a dizendo, mais gentilmente:

– Aproxime-se.

Dorothy obedeceu, sem receio algum, e se manteve imóvel diante da princesa, enquanto Langwidere examinava seu rosto com toda atenção.

– Você é bastante atraente – disse finalmente a senhora. – Não bonita, entende, mas tem certo estilo de beleza diferente de todas as minhas trinta cabeças. Então, acho que vou pegar sua cabeça e lhe dar a número 26 por ela.

– Bem, acho que não! – exclamou Dorothy.

– Não vai ser nada bom você recusar – continuou a princesa –, porque preciso de sua cabeça para minha coleção, e na Terra de Ev minha vontade é lei. Nunca dei muita importância para a cabeça número 26, e você vai ver que foi muito pouco usada. Além disso, para efeitos práticos, ela vai ficar tão bem em você como a sua.

– Não sei nada sobre sua cabeça número 26, e não estou interessada – disse Dorothy firmemente. – Não estou acostumada a receber coisas rejeitadas, por isso vou ficar com minha própria cabeça.

– Vai recusar? – gritou a princesa, franzindo as sobrancelhas.

– Claro que sim – foi a resposta.

– Então – disse Langwidere –, vou trancar você em uma torre até que decida me obedecer. Nanda – disse, virando-se para a criada –, chame meu exército.

Nanda tocou um sino de prata, e imediatamente um corpulento coronel em um reluzente uniforme vermelho entrou na sala, seguido por dez fortes encurvados, que pareciam tristes e desencorajados, e saudaram a princesa de maneira melancólica.

– Levem essa menina para a Torre Norte e tranque lá! – gritou a princesa, indicando Dorothy.

– Suas palavras são ordens – respondeu o grande coronel vermelho, e pegou a menina pelo braço. Mas nesse momento, Tic-Tac ergueu sua marmita e golpeou com tanta força a cabeça do coronel, que o grande oficial caiu sentado estrepitosamente no chão, com olhar surpreso e aturdido.

– Socorro! – gritou ele, e os dez encurvados soldados correram para ajudar

seu líder.

Houve um grande alvoroço nesse momento. Tic-Tac tinha derrubado no chão sete soldados do exército, que se espalhavam pelo tapete em todas as direções, quando de repente a máquina parou, com a marmita erguida na mão para outro golpe, e assim permaneceu, imóvel.

– Mi-nha a-ção a-ca-bou – disse ele a Dorothy. – Dê mais cor-da rá-pi-do.

Ela tentou obedecer, mas o corpulento coronel nessa altura já tinha se colocado de pé novamente, agarrando com força a menina, que não conseguiu escapar.

– Que pés-si-mo! – disse a máquina. – A cor-da de-ve-ria ter du-ra-do seis ho-ras, no mí-ni-mo, mas acho que mi-nha lon-ga ca-mi-nha-da e a lu-ta com os ro-da-do-es a-ca-ba-ram com ela an-tes do tem-po.

– Bem, não posso fazer nada – disse Dorothy, com um suspiro.

– Vai trocar de cabeça comigo? – perguntou a princesa.

– Claro que não! – gritou Dorothy.

– Então tranque-a – disse Langwidere aos soldados, e eles levaram Dorothy a uma alta torre ao norte do palácio, trancando-a lá dentro.

Depois os soldados tentaram erguer Tic-Tac, mas acharam a máquina tão sólida e pesada que não conseguiram movê-la. Então deixaram ele ali, no centro do salão.

– As pessoas vão pensar que tenho um nova estátua – disse Langwidere –, então não importa, e Nanda pode mantê-lo bem polido.

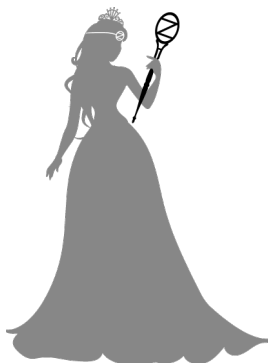
– O que devemos fazer com a galinha? – perguntou o coronel, que acabara de descobrir Billina no cesto de costura.

– Coloque-a no galinheiro – respondeu a princesa. – Algum dia ainda vou comê-la frita no café da manhã.

– Parece ser muito dura, alteza – disse Nanda, em dúvida.

– Isso é uma calúnia! – gritou Billina, lutando freneticamente nos braços do coronel. – Mas dizem que a minha raça é venenosa para todas as princesas.

– Então – observou Langwidere –, não pretendo fritar a galinha, mas mantê-la para botar ovos; e se ela não cumprir seu dever, vou mandar afogá-la no bebedouro de cavalos.



OZMA DE OZ VEM PARA O RESGATE

Nanda levou para Dorothy pão e água como jantar, e a menina dormiu sobre uma pedra com apenas uma almofada e uma colcha de seda.

Pela manhã, ela se debruçou na janela de sua prisão na torre para ver se havia alguma maneira de escapar. A sala não ficava a muita altura, quando comparada aos nossos edifícios modernos, mas ficava bem acima das árvores e das casas de fazenda para lhe oferecer uma boa vista da região em volta.

Ao leste ela viu a floresta, com a areia atrás e o oceano além dela. Havia ainda uma pequena mancha escura na praia que ela pensou pudesse ser o galinheiro no qual ela tinha chegado àquela terra singular.

Então, olhou para o norte e viu um vale estreito mas profundo que se estendia entre duas montanhas rochosas, e uma terceira montanha que fechava o vale no fundo.

Para oeste, a parte fértil da Terra de Ev terminava de repente a pouca distância do palácio, e a menina pôde ver quilômetros e quilômetros de deserto em que a areia se estendia além do que seus olhos podiam alcançar. Era esse deserto, pensou, bastante interessada, a única coisa que a separava da maravilhosa Terra de Oz, e lembrou-se com tristeza de haver ouvido dizerem que ninguém a não ser ela conseguira cruzar esse perigoso e grande deserto. Certa vez, um ciclone lhe havia permitido cruzá-lo, e um mágico par de sapatos de prata tinha trazido a menina de volta. Mas agora ela não tinha nem ciclone nem sapatos de prata para ajudá-la, e sua situação era mesmo triste. Era prisioneira de uma princesa desagradável, que insistia que ela devia trocar

sua cabeça por outra que a princesa não havia usado, e que talvez nem lhe servisse.

Realmente, parecia não haver esperança para ela de receber ajuda de seus velhos amigos da Terra de Oz. Ficou olhando pensativamente pela estreita janela. Por todo o deserto não havia nada que se mexesse.

Espere, pensou! Alguma coisa com certeza ESTAVA se mexendo no deserto – algo que seus olhos não tinham visto da primeira vez. Agora parecia uma nuvem; então parecia uma mancha de prata; e por fim parecia uma porção de cores do arco-íris que se moviam rapidamente em sua direção.

O que PODERIA ser? Ficou se perguntando.

Então, gradualmente, mas em curto espaço de tempo, a visão se aproximou o suficiente de Dorothy para ela perceber o que era.

Um amplo tapete verde estava se desenrolando sobre o deserto, e por ele avançava um lindo desfile que fez os olhos da menina se abrirem maravilhados.

Vinha à frente uma magnífica carruagem de ouro, puxada por um grande Leão e um imenso Tigre, que se mantinham ombro a ombro e trotavam graciosamente como uma parelha de cavalos puros-sangues. E de pé dentro da carruagem vinha uma bela menina vestida com uma leve túnica de gaze prateada e usava na delicada cabeça um diadema adornado de joias. Em uma mão levava fitas de cetim que guiavam sua surpreendente equipe, e na outra, uma vareta de marfim que se separava no alto em duas pontas, que terminavam com as letras “O” e “Z”, incrustadas com reluzentes diamantes.

A menina não parecia mais velha nem maior do que Dorothy, e imediatamente a prisioneira da torre adivinhou que a adorável condutora da carruagem devia ser Ozma de Oz, de quem Tic-Tac havia falado.

Seguindo bem de perto atrás da carruagem, Dorothy viu seu velho amigo Espantalho, calmamente montado em um Cavalete de madeira, que brincava e trotava com a mesma naturalidade que qualquer cavalo de carne e osso.

E então vinha Nick Lenhador, o Homem de Lata, com seu boné em forma de funil descuidadamente colocado na orelha esquerda, o brilhante machado sobre o ombro direito, e todo seu corpo brilhando, tão reluzente como nos velhos tempos, quando o vira pela primeira vez.

O Homem de Lata vinha a pé, marchando à frente de uma companhia de vinte e sete soldados, alguns gordos e outros magros, alguns altos e outros baixos; mas todos os vinte e sete estavam vestidos em belos uniformes de

vários modelos e cores, todos diferentes em tudo.

Atrás dos soldados, o tapete verde se enrolava novamente, mantendo sempre o comprimento suficiente para que o desfile caminhasse, de modo que seus pés não precisassem entrar em contato com as mortíferas areias do deserto.

Dorothy logo soube que era um tapete mágico que ela via, e seu coração bateu alto com a esperança e a alegria ao perceber que logo seria resgatada e poderia saudar seus queridos amigos de Oz – o Espantalho, o Homem de Lata e o Leão Covarde.

Na verdade, a menina já se sentiu bem e resgatada assim que reconheceu todos eles no desfile, porque conhecia a coragem e a lealdade de seus velhos camaradas, e também acreditava que qualquer outro que viesse dessa terra maravilhosa se mostraria agradável e confiável.

Assim que terminaram de atravessar o deserto e todo o cortejo, desde a bela e delicada Ozma até o último soldado, chegou aos verdes prados da Terra de Ev, o tapete mágico se enrolou totalmente e desapareceu.

Então a condutora da carruagem transformou o Leão e o Tigre em um amplo caminho que levava até o palácio, e os outros a seguiram, enquanto Dorothy ainda olhava admirada da torre, em ansiosa excitação.

Eles chegaram bem perto da porta principal do palácio e então pararam. O Espantalho desmontou de seu Cavalete e se aproximou do cartaz preso à porta, para poder ler o que dizia.

Dorothy, bem acima dele, não conseguiu se manter em silêncio.

– Estou aqui! – gritou ela, tão alto quanto pôde. – Aqui está Dorothy!

– Que Dorothy? – perguntou o Espantalho, inclinando a cabeça para cima até perder o equilíbrio e cair de costas.

– Dorothy Gale, é claro. Sua amiga do Kansas – respondeu ela.

– Ah, olá, Dorothy! – disse o Espantalho. – Que diabos você está fazendo aí em cima?

– Nada – disse Dorothy –, porque não há nada para fazer. Salve-me, amigo... salve-me!

– Você parece estar segura então – replicou o Espantalho.

– Mas estou presa aqui. Estou trancada, por isso não posso sair – suplicou ela.

– Está bem – disse o Espantalho. – Mas podia ser pior, pequena Dorothy. Pense nisso. Você não pode se afogar, nem ser atropelada por um rodador,

nem cair de uma macieira. Tem gente que iria achar uma sorte estar aí.

– Pois eu não – declarou a menina –, e quero descer imediatamente para ver você, o Homem de Lata e o Leão Covarde.

– Muito bem – disse o Espantalho, movendo afirmativamente a cabeça. – Vou fazer o que você diz, amiguinha. Quem trancou você aí?

– A princesa Langwidere, que é uma criatura horrível – respondeu ela.

Ouvindo isso, Ozma, que prestava toda a atenção na conversa, chamou Dorothy de sua carruagem, perguntando:

– Por que a princesa trancou você, querida?

– Porque – exclamou Dorothy – não deixei ela pegar minha cabeça para a sua coleção, em troca de uma velha e descartada no lixo.

– Você não tem culpa – exclamou Ozma prontamente. – Vou ver a princesa agora mesmo e obrigá-la a libertar você.

– Ah, muito obrigada! – gritou Dorothy, pois assim que ouviu a doce voz da menina soberana de Oz, percebeu que logo aprenderia a gostar dela de verdade.

Ozma então dirigiu a carruagem até a terceira porta da ala, na qual o Homem de Lata logo começou a bater.

Assim que a criada abriu a porta, Ozma, empunhando sua varinha de marfim, entrou no saguão e logo se dirigiu para o salão, seguida de todos os seus companheiros, a não ser o Leão e o Tigre. E os vinte e sete soldados fizeram tanto barulho e alvoroço que a pequena criada Nanda correu gritando em direção à sua ama, com o que a princesa Langwidere, tomada de muita raiva devido àquela grosseira invasão ao seu palácio, veio correndo ao salão, sem nenhum guarda-costa.

Ali, parou diante da pequena e delicada forma da menininha de Oz e gritou:

– Como se atreve a entrar em meu palácio sem permissão? Saia imediatamente, senão vou mandar acorrentar você e todo o seu pessoal e jogá-los na mais escura masmorra!

– Que dama perigosa! – murmurou o Espantalho, em voz baixa.

– Parece estar um pouco nervosa – replicou o Homem de Lata.

Mas Ozma apenas sorriu diante da irritada princesa.

– Sente-se, por favor – disse ela, calmamente. – Percorri um longo caminho para vê-la, e você precisa ouvir o que tenho para lhe dizer.

– Preciso! – gritou a princesa, e seus olhos negros brilhavam de fúria,

porque ela estava usando a cabeça número 17. – Preciso, EU!

– Tenha certeza disso – disse Ozma. – Sou a soberana da Terra de Oz, e tenho poder suficiente para destruir todo o seu reino, se eu quiser. Porém, não vim até aqui para fazer algum mal, apenas para libertar a família real de Ev do jugo do rei Nomo, pois fui avisada de que ele está mantendo como prisioneiros a rainha e seus filhos.

Ouvindo essas palavras, Langwidere subitamente se aquietou.

– Espero que possa, na realidade, libertar minha tia e seus dez filhos reais. Porque se eles forem devolvidos à sua verdadeira forma e condição, poderão governar eles mesmos a Terra de Ev, e isso me livraria de uma série de preocupações. No momento tenho que dedicar dez minutos por dia aos assuntos de Estado, e gostaria de dispor de todo o meu tempo livre para admirar minhas belas cabeças.

– Então, podemos tratar agora desse assunto – disse Ozma –, e tentar encontrar uma maneira de libertar sua tia e seus primos. Mas primeiro você deve libertar outra prisioneira... a menina que você mandou trancar na torre.

– É claro – disse Langwidere imediatamente. – Tinha me esquecido dela por completo. Isso foi ontem, você sabe, e não se pode esperar que a princesa se lembre hoje daquilo que fez ontem. Venha comigo, vou soltar a prisioneira agora mesmo.

Então Ozma a seguiu, e elas subiram a escada que levava à sala da torre.

Enquanto isso, o séquito de Ozma ficou esperando no salão. O Espantalho estava apoiado contra uma forma que ele havia confundido com uma estátua de cobre, quando uma voz áspera e metálica disse em seu ouvido:

– Sai-a de ci-ma do meu pé, por fa-vor. Es-tá ar-ra-nhan-do o meu bri-lho.

– Ah, me desculpe! – replicou ele, dando um passo para trás. Você está vivo?

– Não, sou a-pe-nas u-ma má-qui-na. Mas con-si-go pen-sar, fa-lar e agir, quan-do es-tou com a cor-da a-de-qua-da. Só que a-go-ra mi-nha a-ção pa-rou de fun-cio-nar, e Do-ro-thy é quem tem a cha-ve da cor-da.

– Está bem – respondeu o Espantalho. – Dorothy logo vai ficar livre, e então poderá cuidar de você. Mas deve ser uma grande tristeza não estar vivo. Sinto muito por você.

– Por quê? – perguntou Tic-Tac.

– Porque você não tem cérebro como eu – disse o Espantalho.

– Ah, te-nho, sim – continuou Tic-Tac. – Sou e-qui-pa-do com o Cé-re-bro

de A-ço-Li-ga A-per-fei-ço-a-do de Smith & Tin-ker. É e-le que me faz ca-paz de pen-sar. Que es-pé-cie de cé-re-bro vo-cê tem?

– Não sei – admitiu o Espantalho. – Quem deu para mim foi o grande Mágico de Oz, e não tive a chance de examiná-lo antes de o colocarem na minha cabeça. Mas eles trabalharam esplendidamente bem, e minha consciência é muito ativa. Você tem consciência?

– Não – disse Tic-Tac.

– Nem coração, imagino? – acrescentou o Homem de Lata, que estivera ouvindo com interesse a conversa.

– Não – disse Tic-Tac.

– Então – continuou o Homem de Lata –, sinto dizer que você é muito inferior a meu amigo Espantalho, e a mim também. Porque nós dois somos vivos, e ele tem um cérebro que não precisa de corda, enquanto eu tenho um excelente coração que continua batendo em meu peito.

– Eu os fe-li-ci-to por is-so – replicou Tic-Tac. – Não dei-xo de ser in-fe-rior por-que sou uma sim-ples má-qui-na. Quan-do te-nho cor-da, cum-pro meus de-ve-res fa-zen-do tu-do o que mi-nha ma-qui-na-ria é ca-paz de fa-zer. Vo-cês não têm i-dei-a de quan-tas pe-ças te-nho por den-tro.

– Posso imaginar – disse o Espantalho, olhando curiosamente para o Homem-Máquina. – Algum dia eu gostaria de desmontá-lo e ver do que você é feito.

– Não fa-ça is-so, eu lhe pe-ço – disse Tic-Tac –, por-que tal-vez vo-cê não sai-ba me mon-tar di-rei-to de no-vo, e mi-nha u-ti-li-da-de po-de a-ca-bar fi-can-do i-nu-ti-li-za-da.

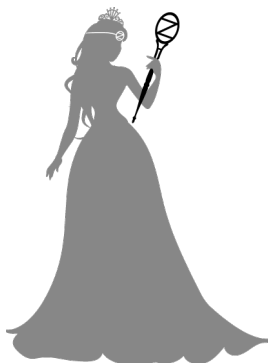
– Ah, você é útil? – perguntou o Espantalho, surpreso.

– Mui-to – disse Tic-Tac.

– Nesse caso – prometeu o Espantalho educadamente –, não vou mexer com o interior do seu corpo. Porque sou um pobre mecânico e talvez não saiba montar você direito.

– O-bri-ga-do – disse Tic-Tac.

Nesse momento, Ozma retornou ao salão, trazendo Dorothy pela mão, seguida de perto pela princesa Langwidere.



○ TIGRE FAMINTO

A primeira coisa que Dorothy fez foi correr para abraçar o Espantalho, que sorria de prazer com sua cara pintada ao apertar a mão da menina contra o peito de palha. Depois quem a abraçou foi o Homem de Lata, com toda a suavidade, porque sabia que seus braços de metal poderiam machucá-la se a apertasse com força.

Depois que todos se cumprimentaram, Dorothy tirou do bolso a chave de Tic-Tac e deu corda no mecanismo de ação do Homem-Máquina, para que ele pudesse fazer as devidas reverências ao restante do séquito real. Enquanto isso, Dorothy contou a todos o quanto Tic-Tac tinha sido útil para ela, e tanto o Espantalho como o Homem de Lata apertaram de novo a mão da máquina, agradecendo-lhe por ter protegido a amiga deles.

Então Dorothy perguntou:

– Onde está Billina?

– Não sei – disse o Espantalho. – Quem é Billina?

– É uma galinha amarela que é outra amiga minha – respondeu a menina ansiosamente. – Gostaria de saber o que aconteceu a ela.

– Ela está no galinheiro, no pátio traseiro – disse a princesa. – Meu salão não tem um lugar apropriado para galinhas.

Sem querer ouvir mais nada, Dorothy correu para pegar Billina, e logo que saiu encontrou o Leão Covarde, ainda atrelado à carruagem ao lado do grande Tigre. O Leão Covarde tinha um grande laço de fita azul preso aos longos pelos da juba, entre suas orelhas, e o Tigre usava um laço de fita vermelha no

rabo, junto aos pelos da ponta.

Em um instante, Dorothy estava abraçando alegremente o enorme Leão.

– Estou TÃO feliz de ver você de novo! – gritou ela.

– Também estou feliz de ver você, Dorothy – disse o Leão. – Já vivemos aventuras muito boas juntos, não é?

– Sim, é verdade – respondeu ela. – Como você vai?

– Tão covarde como sempre – respondeu o animal com voz mansa. – Qualquer coisinha me assusta e faz meu coração bater mais forte. Mas deixe-me apresentar a você meu novo amigo, o Tigre Faminto.

– Ah, você está com fome? – perguntou ela, virando-se para o outro animal, que nesse momento bocejava, mostrando a terrível fileira de dentes em sua enorme boca, que assustaria qualquer um.

– Com uma fome terrível – respondeu o Tigre, fechando as mandíbulas com um feroz chiado.

– Por que não come alguma coisa? – perguntou ela.

– Não adianta nada – disse o Tigre tristemente. – Já tentei, mas sempre estou com fome de novo

– Ora, acontece a mesma coisa comigo – disse Dorothy. – Então continuo comendo.

– Mas você come coisas inofensivas, não tem importância – replicou o Tigre. – De minha parte, sou um animal selvagem, e tenho apetite por toda espécie de pequenas criaturas vivas, de um filhote de animal e até de bebês rechonchudos.

– Que coisa terrível! – disse Dorothy.

– Não é mesmo? – continuou o Tigre Faminto, lambendo os lábios com sua comprida língua vermelha.

– Bebês rechonchudos! Não soa deliciosamente bem! Mas nunca comi nenhum, porque minha consciência me diz que é errado. Se ao menos eu não tivesse consciência! Provavelmente iria comer bebês e continuar com fome de novo, o que significa que eu teria sacrificado os pobres bebês para nada. Não; faminto eu nasci, e faminto vou morrer. Mas não tenho nenhuma atitude cruel em minha consciência de que possa me arrepender.

– Acho que você é um tigre muito bom – disse Dorothy, alisando a enorme cabeça do animal.

– Nisso você está enganada – foi a resposta. – Sou um bom animal, talvez, mas um tigre muito mau. Porque é da natureza dos tigres serem cruéis e

ferozes, e me recusando a comer criaturas vivas inofensivas estou agindo como nenhum outro tigre jamais agiu. Foi por isso que deixei a floresta e me juntei ao Leão Covarde.

– Mas o Leão não é realmente covarde – disse Dorothy. – Já vi nosso amigo agindo de maneira muito corajosa.

– É tudo um engano, minha cara – protestou o Leão gravemente. – Para os outros eu posso ter parecido corajoso, algumas vezes, mas nunca estive em nenhuma situação de perigo em que não tivesse medo.

– Nem eu – disse Dorothy, com toda a franqueza. – Mas preciso ir para soltar Billina, e então vejo você novamente.

Ela correu pelo pátio que ficava atrás do palácio e logo encontrou o galinheiro, sendo levada até ele por um alto cacarejo e todos aqueles sons que fazem as galinhas quando estão alvoroçadas.

Alguma coisa parecia estar errada no galinheiro. E, quando Dorothy olhou entre as ripas da porta, viu um grupo de galinhas e galos apinhados em um canto, observando o que parecia ser uma bola de penas emaranhadas. Pulava de uma lado para o outro no galinheiro, e no início Dorothy não percebeu o que era, enquanto a gritaria das galinhas quase a deixava surda.

Mas de repente o monte de penas parou de girar, e então, para sua admiração, a menina viu Billina agachada sobre a figura prostrada de um galo pintado. Por um instante os dois permaneceram imóveis, e então a galinha amarela sacudiu as asas para assentar as penas e foi andando até a porta, pavoneando-se orgulhosa pelo desafio e com um cacarejo de vitória, enquanto o galo pintado foi embora coxeando até o grupo das outras galinhas, arrastando pela poeira suas penas desgrehadas.

– Ei, Billina! – gritou Dorothy, com voz chocada. – Você andou lutando?

– Isso mesmo – retorquiu Billina. – Acha que eu ia deixar o grosseirão desse galo pintado cantar de dono para cima de MIM, e dizer que mandava no galinheiro, e que eu só era capaz de bicar e ciscar? Não enquanto eu me chamar Bill!

– Não é Bill, é Billina; você está falando uma linguagem tosca, o que não é muito digno – disse Dorothy em tom de reprovação. – Venha aqui, Billina, e eu vou deixar você sair; porque Ozma de Oz está aqui e nos libertou.

Então a galinha amarela veio até o portão do galinheiro, que Dorothy destravou para ela passar. As outras galinhas ficaram quietas, observando tudo sem se aproximar.

A garota ergueu sua amiga nos braços e exclamou:

– Ah, Billina! Você está com uma aparência horrível. Perdeu uma porção de penas, levou uma bicada no olho e está com a cabeça sangrando!

– Não é nada – disse Billina. – Olhe só para o galo pintado! Deixei ele bem sujo.

Dorothy sacudiu a cabeça.

– Não aprovo esse tipo de coisa – disse ela, levando Billina embora dali, em direção ao palácio. – Não é bom para você se relacionar com essas galinhas comuns. Elas vão estragar suas boas maneiras, e você pode perder sua respeitabilidade.

– Não pedi para me relacionar com elas – replicou Billina. – A culpa foi dessa velha princesa zangada. Mas eu cresci nos Estados Unidos, e não vou permitir que nenhuma galinhazinha da Terra de Ev venha para cima de mim com ar de superioridade, enquanto eu puder me defender.

– Muito bem, Billina – disse Dorothy. – Não vamos mais falar disso.

Logo elas encontraram o Leão Covarde e o Tigre Faminto, aos quais a menina apresentou a Galinha Amarela.

– É um prazer conhecer qualquer amigo de Dorothy – disse o Leão, educadamente. – A julgar por sua aparência atual, você não é covarde como eu.

– Sua aparência atual faz minha boca salivar – disse o Tigre, olhando gulosamente para Billina e fechando as mandíbulas com um chiado. – Hum, hum! Como seria gostoso poder saborear você, mastigando-a com minhas mandíbulas. Mas não se preocupe. Você só aplacaria minha fome por um momento; por isso, não vale a pena comer você.

– Obrigado – disse a galinha, aconchegando-se nos braços de Dorothy.

– Além do mais, não seria correto – continuou o Tigre, olhando fixamente para Billina e fechando as mandíbulas.

– Claro que não – gritou rapidamente Dorothy. – Billina é minha amiga, e você não deve comê-la em nenhuma circunstância.

– Tentarei me lembrar disso – disse o Tigre –, mas às vezes ando meio desligado.

Então Dorothy levou sua amiguinha até o salão do palácio, onde estava Tic-Tac, convidado por Ozma, entre o Espantalho e o Homem de Lata. Em frente a eles estavam sentadas Ozma e a princesa Langwidere, e do lado delas havia uma cadeira vazia, reservada para Dorothy.

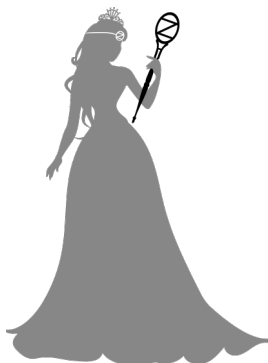
Em volta desse importante grupo estava o Exército de Oz, e quando Dorothy viu os belos uniformes dos vinte e sete soldados, disse:

– Olhem só, todos parecem ser oficiais.

– E são, a não ser um – respondeu o Homem de Lata. – Tenho no meu exército oito generais, seis coronéis, sete majores e cinco capitães, além de um soldado para quem eles possam dar ordens. Eu gostaria de promover o soldado, porque acredito que nenhum soldado devia estar na vida pública; e também notei que os oficiais normalmente lutam melhor e são mais confiáveis do que os simples soldados. Além disso, os oficiais têm uma aparência mais importante, e conferem dignidade para o nosso exército.

– Tem razão, sem dúvida – disse Dorothy, sentando-se ao lado de Ozma.

– E agora – anunciou a menina soberana de Oz – vamos realizar uma conferência solene para decidir qual é a melhor maneira de libertar da prisão a família real desta encantada Terra de Ev.



A FAMÍLIA REAL DE EV

O primeiro que falou na reunião foi o Homem de Lata.

– Para começar – disse ele –, nossa nobre e ilustre soberana, Ozma de Oz, recebeu a notícia de que a mulher e os dez filhos, cinco meninos e cinco meninas, do antigo rei de Ev, chamado Evoldo, tinham sido escravizados pelo rei Nomo e estavam presos nos subterrâneos de seu palácio. E também que não havia em Ev ninguém poderoso o suficiente para libertá-los. Naturalmente, nossa Ozma desejava entregar-se à aventura de libertar os pobres prisioneiros; mas durante muito tempo não tinha encontrado nenhuma maneira de atravessar o deserto entre os dois países. Finalmente, ela foi ver uma bruxa da nossa terra chamada Glinda, a Boa, que ouvira a história e entregou a Ozma um tapete mágico, que se desenrolaria continuamente embaixo de nossos pés, criando assim um caminho menos penoso para podermos cruzar o deserto. Assim que recebeu o tapete, nossa graciosa soberana me ordenou que reunisse o exército, foi o que eu fiz. Vocês podem ver nestes valentes guerreiros os melhores soldados de Oz; e, se tivermos que lutar contra o rei Nomo, todos os oficiais, assim como o soldado, vão lutar corajosamente até a morte.

Então falou Tic-Tac.

– Por que vo-cês têm que com-ba-ter o rei No-mo? – perguntou. – Ele não fez na-da de er-ra-do.

– Nada errado! – gritou Dorothy. – Não é errado prender a rainha mãe e seus dez filhos?

– O rei E-vol-do ven-deu to-dos eles pa-ra o rei No-mo – replicou Tic-Tac.
– Foi o rei de Ev quem a-gi-u mal, e, qua-ndo per-ce-beu o mal que ti-nha feito, a-ti-rou-se ao mar e se a-fo-gou.

– Isso é uma novidade para mim – disse Ozma, pensativa. – Eu pensava que toda a culpa fosse do rei Nomo. Mas em todo caso é preciso fazer com que ele liberte os prisioneiros.

– Meu tio Evoldo era uma homem muito mau – declarou a princesa Langwidere. – Se tivesse se afogado antes de vender sua família, ninguém teria se importado. Mas ele a vendeu ao poderoso rei Nomo em troca de uma longa vida, e depois acabou com a própria vida se jogando ao mar.

– Então – disse Ozma –, ele não teve vida longa, e o rei Nomo deve libertar os prisioneiros. Onde eles estão confinados?

– Ninguém sabe ao certo – replicou a princesa –, porque o rei, que se chama Roquat das Rochas, possui um esplêndido palácio situado debaixo de uma grande montanha que se estende para o extremo norte do reino, e transformou a rainha e seus filhos em ornamentos e bugigangas para decorar seus aposentos.

– Eu gostaria de saber – disse Dorothy – quem é o rei Nomo.

– Vou lhe dizer – disse Ozma. – Dizem que ele é o soberano do Mundo Subterrâneo, e tem poder sobre as rochas e tudo o que as rochas contêm. Sob seu governo estão milhares de nomos, que têm formas estranhas mas são duendes fortes que trabalham nos fornos e nas forjas do rei. Fabricam ouro e prata, e outros metais que eles ocultam nas fendas das rochas, de modo que, para os que vivem na superfície da terra, é muito difícil encontrá-los. Eles também fazem diamantes, rubis e esmeraldas, que escondem no solo; de maneira que o reino dos nomos é incrivelmente rico, e tudo o que temos de pedras preciosas, prata e ouro é o que tiramos da terra e das rochas onde o rei Nomo as escondeu.

– Entendo – disse Dorothy, meneando afirmativamente a pequena cabeça.

– Como nós com frequência roubamos seus tesouros – continuou Ozma –, o soberano do Mundo Subterrâneo não gosta daqueles que vivem na superfície da terra, e nunca aparece entre nós. Se quisermos ver o rei Roquat das Rochas, precisamos visitar seu próprio país, onde ele é poderoso, por isso essa viagem se torna perigosa.

– Mas para o bem dos pobres prisioneiros – disse Dorothy –, temos que fazer essa viagem.

– E vamos fazer – replicou o Espantalho –, ainda que eu precise de muita coragem para me aproximar dos fornos do rei Nomo, pois sou preenchido de palha, e uma única fagulha de fogo pode me destruir completamente.

– Os fornos também podem derreter minha lata – disse o Homem de Lata –, mas eu irei.

– Eu não suporto o calor – observou a princesa Langwidere, bocejando preguiçosamente –, por isso ficarei em casa. Mas desejo que vocês tenham sucesso em sua aventura, porque estou cansada de governar este reino idiota, e preciso de mais tempo livre para poder admirar minhas belas cabeças.

– Não precisamos de você – disse Ozma. – Porque, se com a ajuda de meus valentes seguidores eu não conseguir meu propósito, então também seria inútil você fazer essa viagem.

– É verdade – suspirou a princesa. – Então, se você me der licença, vou me retirar para meus aposentos. Estou usando esta cabeça já faz algum tempo, e quero trocar por outra.

Depois que a princesa Langwidere os deixou (e podem estar certos de que ninguém lamentou que ela fosse embora), Ozma disse a Tic-Tac:

– Você vai nos acompanhar?

– Sou o es-cra-vo da me-ni-na Do-ro-thy, que me sal-vou da pri-são – respondeu a máquina. – A-on-de e-la for eu i-rei.

– Ah, vou seguir com meus amigos, claro – disse Dorothy rapidamente. – Eu não poderia perder essa diversão por nada. Você também vai, Billina?

– Pode ter certeza – disse Billina em tom despreocupado. Estava alisando as penas de suas costas e não prestava muita atenção.

– O calor é área dela – observou o Espantalho. – Se ela for bem assada, estará melhor do que nunca.

– Então – disse Ozma –, vamos nos organizar para sair rumo ao Reino dos Nomos logo que amanhecer. E, enquanto isso, vamos descansar e nos preparar par essa viagem.

Embora a princesa Langwidere não tivesse mais aparecido para seus convidados, os serventes do palácio atenderam os forasteiros de Oz e fizeram tudo o que estava a seu alcance para que eles se sentissem confortáveis. Deixaram muitos quartos vazios à disposição deles, e o valente Exército dos Vinte e Sete foi muito bem servido e alimentado.

O Leão Covarde e o Tigre Faminto foram soltos dos arreios da carruagem e permitiram-lhes que andassem com liberdade pelo palácio, onde quase

matarem de susto seus moradores, ainda que não fizessem mal a ninguém. Em certo momento, Dorothy encontrou a jovem Nanda morrendo de medo em um canto, com o Tigre Faminto diante dela.

– Você parece ser mesmo uma delícia – estava dizendo o animal. – Por favor, poderia me dar permissão para comê-la?

– Não, não, não! – gritou a criada em resposta.

– Então – disse o Tigre, com um bocejo aterrador –, faça-me o favor de me servir quinze quilos de filé mignon malpassado com uma guarnição de batatas cozidas e, de sobremesa, vinte litros de sorvete.

– Eu... eu vou fazer o possível! – disse Nanda, e saiu correndo o mais rápido que pôde.

– Você está com tanta fome assim? – perguntou Dorothy, assombrada.

– Você mal pode imaginar o tamanho de meu apetite – respondeu o Tigre tristemente. – Parece tomar todo o meu corpo, desde o início da garganta até a ponta da cauda. Tenho certeza de que esse apetite não combina comigo, é muito para o tamanho do meu corpo. Algum dia, quando eu encontrar um dentista com um fórceps, vou pedir a ele que me arranque.

– O quê? Seu dente? – perguntou Dorothy.

– Não, meu apetite – disse o Tigre Faminto.

A menina passou a maior parte da tarde conversando com o Espantalho e com o Homem de Lata, que lhe contaram tudo o que tinha acontecido na Terra de Oz desde que Dorothy a tinha deixado. Ela estava interessada na história de Ozma, que, quando bebê, tinha sido sequestrada por uma velha bruxa e transformada em menino. Não sabia que sempre tinha sido menina até que sua forma natural fosse restaurada por uma boa feiticeira. Então descobriu-se que ela era a única filha do antigo soberano de Oz e lhe devolveram o direito de governar em seu lugar. Ozma tivera muitas aventuras, mas isso antes de recuperar o trono de seu pai, e nelas tinha sido acompanhada por um homem com cabeça de abóbora, um besouro, inseto extremamente ampliado e perfeitamente educado, e um maravilhoso Cavalete que tinha sido trazido à vida por meio de um pó mágico. O Espantalho e o Homem de Lata também tinham auxiliado a soberana; mas o Leão Covarde, que governava a grande floresta como rei dos animais, não sabia nada de Ozma até ela se tornar a princesa reinante de Oz. Então ele viajou até a Cidade das Esmeraldas para vê-la, e como ouviu que ela estava indo visitar a Terra de Ev para libertar a família real daquele país, o Leão Covarde pediu para ir com

ela, e levou junto com ele seu amigo, o Tigre Faminto.

Depois de ouvir essa história, Dorothy contou a eles suas próprias aventuras, e então saiu com seus amigos para procurar o Cavalete, no qual Ozma mandara colocar ferraduras de ouro para que ele não gastasse as patas.

Encontraram o Cavalete imóvel junto à porta do jardim, mas quando lhe apresentaram Dorothy, ele fez uma reverência educada e piscou os olhos, que eram nós de madeira, e sacudiu a cauda, que era apenas um galho de árvore.

– Como é bom a gente estar viva! – exclamou Dorothy.

– Concordo com você – respondeu o Cavalete, com sua voz rouca, mas não desagradável. – Uma criatura como eu não tem motivo para viver, como todos sabemos. Mas foi o pó mágico que fez isso, então não posso levar a culpa.

– Claro que não – disse Dorothy. – E parece que você tem alguma utilidade, porque eu vi o Espantalho cavalgando em suas costas.

– Ah, sim; tenho utilidade – respondeu o Cavalete –, e nunca me canso, nunca tenho que ser alimentado ou cuidado de jeito nenhum.

– Você é inteligente? – perguntou a menina.

– Não muito – disse a criatura. – Seria bobagem desperdiçar inteligência com um simples Cavalete, quando tantos professores precisam dela. Mas sei o suficiente para obedecer aos meus amos e executar as ordens de “vamos!” ou “pare!”. Por isso, estou bastante satisfeito.

Nessa noite, Dorothy dormiu em um pequeno e agradável quarto com cama, próximo ao ocupado por Ozma de Oz, e Billina se empoleirou no pé da cama, enfiou a cabeça embaixo de uma asa e dormiu tão profundamente nessa posição quanto Dorothy sobre suas macias almofadas.

Mas antes que o dia amanhecesse todos já tinham acordado e em movimento, e logo os aventureiros estavam tomando um rápido café da manhã na grande sala de refeições do palácio. Ozma se sentou à cabeça da longa mesa, em uma plataforma mais alta, com Dorothy à sua direita e o Espantalho à sua esquerda. O Espantalho não comeu, é claro; mas Ozma o colocou ao lado dela para poder pedir a ele conselhos sobre a viagem enquanto comia.

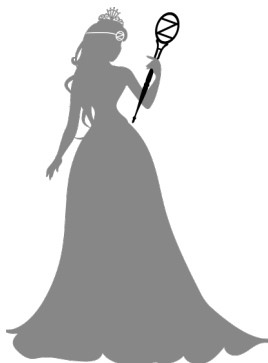
Do outro lado da mesa estavam os Vinte e Sete Guerreiros de Oz, e no final da sala o Leão e o Tigre comiam em um cocho colocado no chão diante deles, enquanto Billina voejava ao redor para bicar todas as migalhas que porventura caíssem ao chão.

Não demoraram muito para terminar a refeição, e então o Leão e o Tigre foram arreados à carruagem, e todo o grupo estava pronto para partir em

direção ao palácio do rei Nomo.

À frente iam Ozma, em sua carruagem de ouro, e Dorothy a seu lado, segurando Billina nos braços. Depois iam o Espantalho, montado no Cavalete, e bem atrás dele o Homem de Lata e Tic-Tac caminhando lado a lado. Em seguida marchavam os membros do Exército, bonitos e valentes em seus esplêndidos uniformes. Os generais comandavam os coronéis, e os coronéis comandavam os majores, que comandavam os capitães, que por sua vez comandavam o soldado, que marchava com orgulho porque dispunha de tantos oficiais para lhe dar ordens.

E assim o magnífico cortejo deixou o palácio e tomou a estrada logo que o dia clareou, e na hora em que o sol apareceu todos eles já tinham alcançado o vale que levava aos domínios do rei Nomo.



O GIGANTE DO MARTELO

Durante um tempo, seguiram por uma estrada que atravessava uma bela região de granjas, e também passava por um bosque muito convidativo, ideal para fazer piquenique. Mas o cortejo continuou em ritmo constante, até Billina gritar de maneira abrupta e autoritária:

– Parem... parem!

Ozma deteve a carruagem tão repentinamente que o Cavalete do Espantalho quase se chocou com ela, as fileiras de soldados caíram por cima das outras que tinham conseguido parar. Imediatamente a galinha amarela soltou-se dos braços de Dorothy e voou até uma moita de arbustos ao lado da estrada.

– O que aconteceu? – perguntou o Homem de Lata ansiosamente.

– Ah, é que Billina precisa botar seu ovo, é isso – disse Dorothy.

– Botar seu ovo! – repetiu o Homem de Lata, assombrado.

– Sim, ela bota um ovo toda manhã, mais ou menos a esta hora; e é bem fresco.

– Mas a tola de sua velha galinha imagina que toda a cavalcada comprometida com esta importante aventura vai parar enquanto ela bota ovo? – perguntou o Homem de Lata com seriedade.

– O que mais podemos fazer? – perguntou a menina. – É um hábito de Billina e ela não pode deixar de lado.

– Então, ela que se apresse – disse o Homem de Lata, impacientemente.

– Não, não! – exclamou o Espantalho. – Se ela se apressar, vai botar ovos

mexidos.

– Que bobagem – disse Dorothy. – Mas Billina não vai demorar, tenho certeza.

Então eles pararam e esperaram, embora todos estivessem inquietos e ansiosos para prosseguir. E logo depois a galinha amarela saiu do bosque dizendo:

– Có-có-có-cuó! Có-có-có-cuó!

– O que ela está fazendo... cantando pelo ovo que botou? – perguntou o Espantalho.

– Em frente... marchem! – gritou o Homem de Lata, brandindo o machado, e o cortejo começou a andar assim que Dorothy tinha mais um vez tomado Billina em seus braços.

– Ninguém vai querer buscar meu ovo? – gritou a galinha, com grande excitação.

– Eu vou – disse o Espantalho; e a essa ordem o Cavalete cavalgou para os arbustos. O homem de palha logo encontrou o ovo, que colocou no bolso da jaqueta. A cavalgada, que avançava rápido, já tinha se adiantado bastante; mas não demorou muito para o Cavalete a alcançar, e logo o Espantalho estava cavalgando em seu costumeiro lugar ao lado da carruagem de Ozma.

– O que é que eu faço com o ovo? – perguntou ele a Dorothy.

– Não sei – respondeu a menina. – Talvez o Tigre Faminto goste.

– Não seria suficiente nem para um dos meus dentes de trás – observou o Tigre. – Uma porção deles, bem cozidos, poderia acalmar um pouco meu apetite; mas um ovo só não serve para nada.

– Não; não daria nem para fazer um pão de ló – disse o Espantalho pensativamente. – O Homem de Lata poderia pegar o ovo e cortá-lo com seu machado; mas, afinal de contas, é melhor eu ficar com ele como lembrança. – Então, colocou o ovo no bolso.

Agora eles estavam alcançando aquela parte do vale que se estendia entre as altas montanhas que Dorothy tinha visto da janela da torre. Apareceu por fim a terceira montanha grande, que bloqueava o vale e servia de fronteira norte para a Terra de Ev. Diziam que debaixo dessa montanha estava o palácio do rei Nomo, mas ainda levariam algum tempo para chegar a esse lugar.

O caminho estava se tornando rochoso e difícil para as rodas da carruagem passarem, e de repente apareceu uma profunda fenda aos pés deles, muito larga para transporem de um salto. Então, Ozma pegou em seu bolso um

pequeno quadrado de tecido verde e o jogou no solo. Imediatamente o tecido se transformou em um tapete mágico, e se desenrolou até poder conter sobre si toda a cavalcada. A carruagem então avançou, e o tapete verde foi se desenrolando à sua frente, cruzando a fenda no nível de suas margens, de modo que todos puderam passar com segurança.

– Isso foi fácil – disse o Espantalho. – Vamos ver o que vai acontecer em seguida.

Ele não tardou a descobrir, porque as laterais da montanha foram se estreitando cada vez mais, até que finalmente a estrada se tornou uma estreita trilha entre elas, pela qual Ozma e seu séquito foram forçados a passar em uma simples fila indiana.

Agora eles começavam a ouvir golpes graves e profundos que ecoavam através do vale e pareciam crescer em volume enquanto avançavam. Então, ao virarem em uma curva da rocha, viram diante deles um vulto enorme, que se erguia por mais de trinta metros. Era a figura de um homem gigantesco, feito de chapas de ferro fundido, que apoiava um pé de cada lado do estreito caminho e levantava sobre o ombro direito um imenso martelo de ferro, com o qual golpeava constantemente a terra. Esses golpes ressonantes explicavam os ensurdecedores ruídos que eles ouviram pouco antes, porque o martelo era maior do que um barril e, quando golpeava o caminho entre os lados rochosos da montanha, preenchia todo o espaço através do qual eles seriam obrigados a passar.

É claro que eles pararam imediatamente, a uma distância segura do terrível martelo de ferro. O tapete mágico não servia muito nesse caso, porque era feito para protegê-los apenas dos perigos vindos do chão, abaixo deles, e não dos perigos que vinham do alto, acima deles.

– Uau! – disse Leão Covarde, com um calafrio. – Fico muito nervoso só de ver esse grande martelo batendo tão perto de minha cabeça. Um golpe desse me amassaria como um capacho.

– O gi-gan-te de fer-ro é um su-jei-to le-gal – disse Tic-Tac –, e tra-ba-lha no rit-mo de um re-ló-gio. Foi fa-bri-ca-do pa-ra o rei No-mo por Smith & Tin-ker, os mes-mos que me fa-bri-ca-ram, e seu de-ver é im-pe-dir que as pes-soas en-con-trem o pa-lá-cio sub-ter-râ-neo. E-le não é u-ma o-bra de arte?

– Ele pode pensar e falar, como você? – perguntou Ozma, olhando para o gigante com olhos de assombro.

– Não – respondeu a máquina –, e-le foi fei-to a-pe-nas pa-ra mar-te-lar a es-tra-da, e não pos-sui ne-nhum e-qui-pa-men-to pa-ra po-der pen-sar nem fa-lar. Mas mar-te-la mui-to bem, eu a-cho.

– Muito bem – observou o Espantalho. – Está nos impedindo de seguir adiante. Não há nenhuma maneira de parar essa máquina?

– Só o rei No-mo, que tem a cha-ve, po-de fa-zer com que e-le pa-re – respondeu Tic-Tac.

– Então – disse Dorothy ansiosamente –, o que vamos fazer?

– Podem me dar licença uns minutos? – disse o Espantalho. – Vou pensar nesse assunto.

Ele voltou então para uma posição de retaguarda, onde virou o rosto pintado para as rochas e começou a pensar.

Enquanto isso, o gigante continuava levantando seu martelo de ferro bem alto no ar e aplicando na estrada terríveis golpes que ecoavam através das montanhas como o ribombar de um canhão. A cada vez que o martelo subia, contudo, havia um momento em que o caminho abaixo do monstro ficava livre, e talvez o Espantalho tenha percebido isso, porque quando voltou até eles, disse:

– No fim das contas, a questão é muito simples. Temos que correr sob o martelo, um de cada vez, quando ele o levantar, e passar para o outro lado antes que ele termine a martelada.

– Isso exige de nós uma ação rápida, se quisermos escapar dos golpes – disse o Homem de Lata, balançando a cabeça. – Mas realmente parece ser a única coisa a fazer. Quem vai tentar passar primeiro?

Todos ficaram se olhando com hesitação por um momento. Então o Leão Covarde, que estava tremendo como uma folha verde ao vento, disse:

– Penso que a cabeça do cortejo deve ir primeiro... e sou eu. Mas tenho um medo terrível desse martelo enorme!

– Quem vai passar comigo? – perguntou Ozma. – A gente pode passar correndo sob o martelo, mas a carruagem com certeza seria esmagada.

– Teremos que deixar a carruagem – disse o Espantalho. – Mas vocês duas, meninas, podem ir montadas nas costas do Leão e do Tigre.

Assim foi decidido, e, logo que o Leão foi desatrelado da carruagem, Ozma pulou rapidamente nas costas do animal e disse que estava pronta.

– Segure-se com força na juba dele – aconselhou Dorothy. – Eu já o montei algumas vezes, e era dessa maneira que eu me segurava.

Assim Ozma se agarrou com força à juba, e o leão se agachou na estrada e olhou com atenção para o martelo até saber com exatidão o instante em que iria subir ao ar.

Então, para surpresa de todos, ele pulou de repente entre as pernas do gigante de ferro, e, antes que o martelo batesse de novo no chão, o Leão e Ozma estavam a salvo do outro lado.

O Tigre foi o próximo. Dorothy sentou-se em suas costas e passou os braços pelo seu pescoço listrado, porque ele não tinha juba. O animal deu um salto reto e certo como uma flecha, e Dorothy logo viu que estava fora de perigo e ao lado de Ozma.

Em seguida veio o Espantalho no Cavalete, e, ainda que tenham chegado sãos e salvos do outro lado, por pouco não foram pegos pelo golpe do martelo.

Tic-Tac caminhou até a beira do lugar em que o martelo batia, e, enquanto ele subia para o próximo golpe, passou calmamente, escapando por pouco. Isso inspirou o Homem de Lata a segui-lo, e ele também cruzou em segurança enquanto o martelo estava no ar. Mas quando chegou a vez dos vinte e sete oficiais e o soldado, as pernas deles se enfraqueceram e eles não puderam dar nem um passo.

– Em combate somos muito corajosos – disse um dos generais –, e nossos inimigos nos acham terríveis de encarar. Mas a guerra é uma coisa, aqui é outra. Quando podemos ser golpeados na cabeça por um martelo de ferro e acabar esmagados como panquecas, naturalmente fazemos objeção.

– Vocês podem correr – sugeriu o Espantalho.

– Nossos joelhos tremem tanto que não podemos correr – respondeu um capitão. – Se tentarmos, certamente vamos virar geleia.

– Bem, bem – murmurou o Leão Covarde –, já estou vendo, amigo Tigre, que vamos nos expor de novo ao perigo para resgatar este valente exército. Venha comigo e faremos o que pudermos.

Assim, como Ozma e Dorothy já tinham desmontado de suas costas, o Leão e o Tigre voltaram a saltar sob o horrível martelo e voltaram com dois generais agarrados a eles. Repetiram essa perigosa travessia mais doze vezes, até que todos os oficiais tivessem sido carregados sob as pernas do gigante e chegado salvos do outro lado. A essa altura os animais estavam muito cansados, e arfavam tanto que ficaram com a língua de fora da boca enorme.

– Mas o que aconteceu com o soldado? – perguntou Ozma.

Os oficiais protestaram imediatamente, dizendo que precisavam do soldado

ao lado deles, caso contrário não teriam ninguém em quem mandar. Mas nem o Leão nem o Tigre queriam ir atrás dele, então o Espantalho enviou o Cavalete.

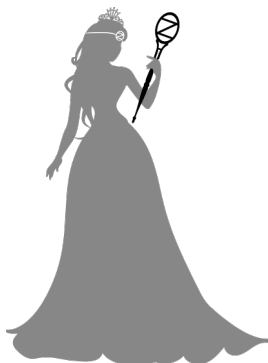
Ou o cavalo de madeira teve pouco cuidado ou calculou mal a hora da descida do martelo, porque a poderosa arma acertou em cheio sua cabeça e jogou-o ao chão com tanta força que o soldado voou de suas costas pelo ar, indo parar sobre um dos braços do gigante. O soldado então se agarrou desesperadamente a esse braço, que subia e descia com cada um dos golpes.

O Espantalho correu para resgatar o Cavalete, e seu pé esquerdo foi golpeado pelo martelo antes que ele pudesse pular para fora de perigo. Então eles descobriram que o golpe tinha deixado o Cavalete muito aturdido, pois, embora o martelo não pudesse esmagar o nó de madeira que formava sua cabeça, arrancou suas orelhas, e deixou-o sem poder ouvir coisa alguma até que novas orelhas fossem feitas para ele. Também acabou fraturando o joelho esquerdo, e tiveram que amarrá-lo com uma corda.

Depois que Billina voou sob o martelo, só restava resgatar o soldado que tinha ido parar lá em cima, sobre o braço do gigante.

O Espantalho deitou-se no chão e pediu ao soldado que pulasse sobre seu corpo, que era macio porque fora forrado com palha. O soldado obedeceu e esperou até ficar o mais perto possível do chão antes de se jogar. Conseguiu com sucesso, sem quebrar os ossos, e o Espantalho declarou que não tinha sofrido dano algum.

Portanto, assim que o Homem de Lata colocou orelhas novas no Cavalete, todo o cortejo prosseguiu viagem, deixando para trás o gigante com suas marteladas.



O REI NOMO

Aos poucos, à medida que se aproximavam da montanha que bloqueava sua trilha e era a última fronteira da Terra de Ev, o caminho foi ficando mais escuro e sombreado, devido aos altos picos de ambos os lados que impediam a luz do sol. E ficou silencioso também, pois não se ouvia o canto dos pássaros ou as conversas dos esquilos, porque as árvores tinham ficado para trás, restando apenas as pedras nuas.

Ozma e Dorothy estavam um pouco amedrontadas com o silêncio, e todos os outros iam quietos e sérios, a não ser o Cavalete, que, trotando com o Espantalho às suas costas, cantarolava uma estranha canção, com este refrão:

Um cavalo de madeira entraria em arvoredos?

Sim, sim! Mas morrendo de medo.

Se não tivesse cabeça de madeira,

Não fugiria dessa maneira.

Contudo, ninguém prestava atenção, porque estavam se aproximando dos domínios do rei Nomo, e seu esplêndido palácio subterrâneo não deveria estar longe.

De repente, ouviram uma gargalhada de zombaria, e pararam imediatamente. Logo teriam que parar de qualquer maneira, pois a grande montanha os impedia de continuar, e o caminho terminava em uma parede de pedra.

– De quem era essa risada? – perguntou Ozma.

Não houve resposta, mas na penumbra eles podiam entrever estranha formas se movendo pela face da rocha. Fossem o que fossem aquelas criaturas, elas pareciam ser rochosas, pois eram da cor das rochas e sua forma era tão áspera e rugosa como se fossem pedaços soltos de rocha que rolassem montanha abaixo. Mantinham-se próximos do brusco desfiladeiro que nossos amigos tinham à frente, e deslizavam para cima e para baixo, de um lado para outro, com uma confusa falta de regularidade. E pareciam não precisar de um lugar para descansar os pés, mas se agarravam à superfície da rocha como moscas a uma janela de vidro, e não paravam nem um instante.

– Não se pre-o-cu-pe com e-les – disse Tic-Tac, ao ver Dorothy dar um passo para trás. – São a-pe-nas no-mos.

– E o que são nomos? – perguntou a menina, um tanto amedrontada.

– São du-en-des das ro-chas, e ser-vem ao rei No-mo – respondeu a máquina. – Mas e-les não fa-zem mal a nós. Vo-cê pre-ci-sa cha-mar o rei, por-que sem e-le jam-ais con-se-gui-rá en-con-trar a en-tra-da do pa-lá-cio.

– VOCÊ chama – disse Dorothy para Ozma.

Nesse exato momento, os nomos deram novamente aquela gargalhada, e o som foi tão estranho e desalentador que os vinte e seis oficiais deram ao soldado a mesma ordem:

– Meia-volta à direita! – e começaram todos a correr o mais rápido que podiam.

O Homem de Lata imediatamente seguiu seu exército e gritou:

– Alto! – e assim que eles pararam, perguntou: – Para onde estão indo?

– Eu... eu percebi que esqueci a escova do meu bigode – disse o general, tremendo de medo. – En... tão es... tamos voltando para pegá-lo!

– Isso é impossível – disse o Homem de Lata. – O gigante do martelo matará vocês todos se tentarem passar por ali.

Ah! Esqueci do gigante – disse o general, tornando-se pálido.

– Parece que esqueceu de muitas coisas – observou o Homem de Lata. – Espero que não se esqueça de que vocês são homens corajosos.

– Nunca! – exclamou o general, levando a mão ao peito bordado de ouro.

– Nunca! – exclamaram os outros oficiais, levando todos a mão ao peito com indignação.

– Quanto a mim – disse o soldado raso docilmente –, tenho que obedecer aos meus oficiais. Se me ordenarem que corra, corro; se me ordenarem que combata, combato.

– Está certo – concordou o Homem de Lata. – Vocês todos devem voltar para onde está Ozma e obedecer às suas ordens. E se tentarem escapar de novo, terei que rebaixá-los todos a soldados rasos, e promover o soldado raso a general.

Essa terrível ameaça amedrontou-os tanto que eles retornaram imediatamente para junto de Ozma e do Leão Covarde.

Então, Ozma gritou:

– Ordeno que o rei Nomo apareça diante de nós.

Não houve resposta, apenas o riso de zombaria dos movediços nomos na montanha.

– Vo-cê não de-ve dar or-dens ao rei No-mo – disse Tic-Tac –, por-que vo-cê não rei-na so-bre e-le, a-pe-nas so-bre seu pró-prio po-vo.

– Peço ao rei Nomo que apareça para nós.

Mais uma vez as risadas de zombaria responderam a ela, e os sombrios nomos continuaram a voar de um lado para outro no penhasco de pedra.

– Ten-te u-ma sú-pli-ca – disse Tic-Tac para Ozma. – Se o rei No-mo não a-ten-der a seu pe-di-do, tal-vez a-ten-da à sua sú-pli-ca.

Ozma olhou ao redor com orgulho.

– Vocês desejam que sua soberana suplique a esse maldoso rei Nomo? – perguntou ela. – Querem que Ozma de Oz se humilhe para uma criatura que vive em um reino subterrâneo?

– Não! – gritaram todos, bem alto; e o Espantalho acrescentou:

– Se ele não aparecer, iremos arrancá-lo de seu buraco como a uma raposa, e vencer sua teimosia. Mas nossa doce soberana sempre deve manter sua dignidade, assim como eu mantenho a minha.

– Eu não tenho receio de suplicar a ele – disse Dorothy. – Sou apenas uma menininha do Kansas, e temos tanta dignidade em casa que nem sabemos bem o que fazer com ela. EU VOU chamar o rei Nomo.

Então Dorothy deu um passo à frente e disse:

– POR FAVOR, senhor rei Nomo, venha nos ver.

Os nomos começaram a rir novamente; mas um grunhido grave saiu da montanha e em um instante todos eles se calaram e desapareceram.

Então abriu-se uma porta na pedra, e uma voz gritou:

– Entre!

– Será que não é um truque? – perguntou o Homem de Lata.

– Não tem importância – respondeu Ozma. – Vimos até aqui para resgatar

a pobre rainha de Ev e seus dez filhos, nem que para isso tenhamos que correr algum risco.

– O rei No-mo é ho-nes-to e tem boa na-tu-re-za – disse Tic-Tac. – Po-dem con-fi-ar que e-le de-ve a-gir cor-re-ta-men-te.

Então Ozma tomou a frente, de mãos dadas com Dorothy, e as duas passaram pela porta de pedra em forma de arco e penetraram em um longo corredor iluminado por luminárias com lâmpadas cobertas por joias nas paredes. Não havia ninguém para escoltá-las ou para guiá-las, mas todo o séquito seguiu pelo corredor até chegarem a uma caverna redonda e abobadada, ricamente mobiliada.

No centro desse salão havia um trono talhado em uma única pedra grande e sólida, tosco e rústico na forma, mas reluzindo com grandes rubis, diamantes e esmeraldas por toda a sua superfície. E sobre o trono estava sentado o rei Nomo.

Esse importante monarca do Reino Subterrâneo era um homem pequeno e gordo, vestido com um túnica castanho-acinzentada, que era exatamente a cor da pedra do trono em que ele se sentava. Sua basta cabeleira e a barba comprida eram também da mesma cor das pedras, assim como seu rosto. Não usava nenhum tipo de coroa, e seu único ornamento era um largo cinto incrustado de pedras preciosas que circundava seu pequeno corpo gordo. Quanto a sua aparência, transmitia calma e bom humor, e seus olhos concentraram-se alegremente em suas visitantes, enquanto Ozma e Dorothy permaneciam diante dele, com seus seguidores dispostos em ordem atrás delas.

– Olhem, ele se parece com Papai Noel, só não é da mesma cor! – sussurrou Dorothy para sua amiga; mas o rei Nomo ouviu o que ela disse e começou a rir.

– *Tinha o rosto vermelho e uma redonda barriguinha, que, quando ele ria, balançava como gelatina!* – declamou o monarca, em voz agradável; e elas puderam ver que ele realmente balançava como gelatina quando ria.

Tanto Ozma quanto Dorothy sentiram-se bem aliviadas ao descobrir que o rei Nomo era tão divertido, e um minuto depois ele fez um gesto com a mão direita e as meninas encontraram cada uma um tamborete almofadado a seu lado.

– Sentem-se, minhas caras – disse o rei –, e digam-me por que vieram até aqui para me ver, e o que poderei fazer para deixá-las felizes.

Enquanto elas sentavam-se, o rei Nomo pegou um cachimbo e, tirando umas brasas do bolso, colocou-as na boca do cachimbo e começou soltar nuvens de fumaça, que formavam anéis acima de sua cabeça. Dorothy achou que aquilo tornava o monarca mais parecido ainda com Papai Noel; mas então Ozma começou a falar, e todos prestaram atenção a suas palavras.

– Majestade – disse ela. – Sou a soberana da Terra de Oz, e vim aqui lhe pedir que liberte a boa rainha de Ev e seus dez filhos, que o senhor encantou e mantém como prisioneiros.

– Oh, não; há um engano nisso tudo – respondeu o rei. – Eles não são meus prisioneiros, mas meus escravos, que eu comprei do rei de Ev.

– Mas isso foi um erro – disse Ozma.

– De acordo com as leis de Ev, o rei não pode cometer erros – respondeu o monarca, olhando um anel de fumaça que acabara de soltar da boca –; de modo que ele tinha todo o direito de vender sua família para mim em troca de uma vida longa.

– Então o senhor o trapaceou, penso eu – declarou Dorothy pois o rei de Ev não teve uma vida longa. Jogou-se no mar e morreu afogado.

– Não foi culpa minha – disse o rei Nomo, cruzando as pernas e sorrindo de satisfação. – Eu lhe dei uma longa vida, sim; mas ele acabou com ela.

– Então como poderia ser uma vida longa? – perguntou Dorothy.

– É muito fácil – foi a resposta. – Vamos supor, minha cara, que eu lhe dê uma boneca bonita em troca de uma mecha de seu cabelo, e que depois de receber a boneca você a quebre em duas e a destrua. Você poderia dizer que eu não lhe dei uma boneca bonita?

– Não – respondeu Dorothy.

– E você poderia, sinceramente, me pedir de volta a mecha de cabelo só porque você arrebentou a boneca?

– Não – disse Dorothy novamente.

– Claro que não – retornou o rei Nomo. – Nem eu desistirei da rainha e de seus filhos porque o rei de Ev destruiu sua longa vida atirando-se ao mar. Eles pertencem a mim e eu os mantereí comigo.

– Mas o senhor os está tratando com crueldade – disse Ozma, que ficara muito angustiada com a recusa do rei.

– Em que sentido?

– Fazendo deles seus escravos – disse ela.

– A crueldade – comentou o rei Nomo, soltando nuvens de fumaça e vendo

como flutuavam no ar – é algo que não suporto. Portanto, como os escravos têm que trabalhar muito e a rainha de Ev e seus filhos eram delicados e ternos, eu os transformei a todos em ornamentos e os espalhei por várias salas de meu palácio. Em vez de serem obrigados a trabalhar, eles simplesmente decoram meus aposentos, e penso que os tenho tratado com muita bondade.

– Mas que destino mais terrível o deles! – exclamou Ozma, com toda a seriedade. – E o reino de Ev precisa com urgência que sua família real volte para governá-lo. Se o senhor os libertar, e devolvê-los à sua antiga forma de pessoas, eu lhe darei dez ornamentos para substituir suas perdas.

O rei Nomo pareceu ficar sério.

– E se eu recusar? – perguntou ele.

– Então – disse Ozma, firmemente –, estou aqui com meus amigos e meu exército para conquistar seu reino e obrigá-lo a me obedecer.

O rei Nomo começou a rir até quase perder o fôlego; e quase sem fôlego começou a tossir, e tossiu até que seu rosto passou de castanho-acinzentado a vermelho-vivo. Então enxugou as lágrimas com um paninho da cor da pedra e voltou a ficar sério.

– Minha cara, você é tão valente quanto bonita – disse, dirigindo-se a Ozma. – Mas pouco sabe do alcance da tarefa que tomou para si. Venha comigo um momento.

O rei Nomo levantou-se, tomou a mão de Ozma e a levou para uma pequena porta ao lado da sala. Abriu essa porta e eles saíram para uma varanda, de onde tinham uma vista maravilhosa do Mundo Subterrâneo.

Uma imensa caverna se estendia por quilômetros e quilômetros sob a montanha, e em todas as direções havia forjas e fornalhas que brilhavam e nomos que martelavam metais preciosos ou poliam reluzentes pedras preciosas. Em todas as paredes da caverna havia milhares de portas de prata e de ouro, talhadas na rocha viva, e isso se estendia em fileiras sem fim, tão longe quanto os olhos de Ozma podiam ver.

Enquanto a pequena dama de Oz olhava maravilhada toda aquela cena, o rei Nomo emitiu um estridente assobio, e logo todas as portas de ouro e prata se abriram e por elas saíram fileiras compactas de soldados nomos. Tão grande era seu número que logo eles ocuparam a imensa caverna subterrânea e forçaram os atarefados operários a abandonar suas tarefas.

Embora esse tremendo exército consistisse em nomos cor de pedra, agachados e gordos, eles usavam reluzentes armaduras de aço polido,

incrustadas com belas pedras preciosas. Cada soldado levava na testa uma luminosa lanterna elétrica, e iam todos armados com lanças pontiagudas, afiadas espadas e sólidos machados de bronze. Via-se que eram perfeitamente treinados, pois formavam fileiras retas e ordenadas, com as armas preparadas, como se esperassem uma ordem para descarregá-las sobre seus inimigos.

– Isso – disse o rei Nomo – é apenas uma pequena parte do meu exército. Nenhum soberano sobre a Terra nunca se atreveu a me atacar, e jamais fará isso, porque sou poderoso demais para que alguém se oponha a mim.

Ele voltou a assobiar, e imediatamente toda aquela formação marcial se desfez, e desapareceu atrás das portas de prata e de ouro, depois do que os operários voltaram ao trabalho nas fornalhas.

Então, triste e desanimada, Ozma de Oz voltou para seus amigos, e o rei Nomo calmamente sentou-se de novo em seu trono de pedra.

– Seria uma tolice nós lutarmos – disse a menina ao Homem de Lata. – Porque nossos valentes Vinte e Sete seriam rapidamente dizimados. E não sei como agir em uma emergência.

– Pergunte ao rei onde fica a cozinha – sugeriu o Tigre. – Estou faminto como um urso.

– Eu poderia pular sobre o rei e despedaçá-lo – observou o Leão Covarde.

– Tente só – disse o monarca, acendendo seu cachimbo com outra brasa que pegou do bolso.

O Leão se agachou e tentou saltar sobre o rei Nomo, mas apenas pulou um pouco no ar e voltou a cair no mesmo lugar sem poder se aproximar nem um centímetro do trono.

– Parece-me – disse o Espantalho, pensativamente – que nosso melhor plano é convencer Sua Majestade a libertar seus escravos, uma vez que ele é um mágico bom demais para que possamos enfrentá-lo.

– Essa é a coisa mais sensata que qualquer um de vocês já sugeriu – declarou o rei Nomo. – É loucura querer me desafiar, mas tenho um coração tão bom que sempre acabo me deixando persuadir. Se vocês realmente querem conseguir alguma coisa em sua viagem, minha cara Ozma, precisa ser convincente.

– Muito bem – disse Ozma, mais animada. – Sejamos amigos e vamos conversar de maneira amigável.

– Com certeza – concordou o rei, com os olhos piscando de alegria.

– Estou muito ansiosa – continuou ela – para libertar a rainha de Ev e os

filhos, que são agora ornamentos e enfeites no palácio de Vossa Majestade, e transformá-los novamente em pessoas. Diga-me, senhor, como podemos conseguir isso.

O rei ficou pensativo por um momento, depois perguntou:

– Está disposta a correr alguns riscos para conseguir libertar as pessoas de Ev?

– Sim, claro! – respondeu Ozma, ansiosamente.

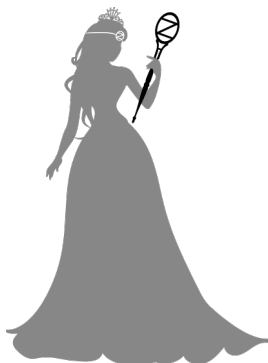
– Então – disse o rei Nomo –, vou lhe fazer a seguinte oferta: você entrará sozinha, sem companhia, em meu palácio, e examinará detidamente todas as salas que ele tem. Então terá permissão de tocar onze diferentes objetos, pronunciando cada vez a palavra “Ev”, e se algum ou vários deles provarem ser a transformação da rainha Ev ou de qualquer um de seus dez filhos, então eles instantaneamente retomarão sua verdadeira forma e poderão deixar o palácio e meu reino em sua companhia, sem nenhuma objeção. Dessa maneira, você poderá libertar todos os onze; mas se não conseguir adivinhar todos os objetos corretamente, e alguns dos escravos continuarem transformados, então cada um de seus amigos e seguidores poderão, por sua vez, entrar no palácio e ter os mesmos privilégios que concedi a você.

– Ah, obrigada! Obrigada por essa generosa oferta! – disse Ozma, ansiosamente.

– Tenho apenas uma condição – acrescentou o rei Nomo, com os olhos cintilantes.

– Qual é? – perguntou ela.

– Se nenhum dos onze objetos que você tocar provar ser a transformação de algum membro da família real de Ev, então, em vez de libertá-los, você mesma será encantada e transformada em artigo de decoração. Isso me parece justo e certo, e é o risco que você declarou estar disposta a correr.



AS ONZE ADIVINHAÇÕES

Ouvindo essa condição imposta pelo rei Nomo, Ozma ficou silenciosa e pensativa, e todos os seus amigos olharam para ela preocupados.

– Não faça isso! – exclamou Dorothy.

– Mas poderei fazer onze adivinhações – disse Ozma. – Com certeza devo acertar um objeto em onze; e se eu conseguir, terei resgatado um dos membros família real e salvarei a mim mesma. Então, o restante de vocês poderão tentar, e logo teremos libertado todos os que estão escravizados.

– E se nós falharmos? – perguntou o Espantalho.

– Depois de toda a distância que percorremos para chegar até aqui para libertar essas pobres pessoas, seria fraqueza e covardia de nossa parte abandonar a aventura. Portanto, aceitarei a oferta do rei Nomo, e vou dirigir-me imediatamente ao palácio real.

– Venha comigo, então, minha cara – disse o rei, descendo de seu trono com alguma dificuldade por causa de sua gordura. – Vou mostrar-lhe o caminho.

Ele se aproximou de uma parede da caverna e fez um gesto com a mão. Instantaneamente apareceu uma abertura, por onde Ozma, após uma despedida sorridente aos seus amigos, entrou corajosamente.

Ela se encontrou em um esplêndido saguão, ainda mais bonito e maior do que tudo o que ela tinha visto. O teto era composto de grandes arcos que se erguiam muito acima de sua cabeça, e todas as paredes e o chão eram de mármore polido, lindamente tingido de várias cores. Grossos tapetes de veludo

cobriam o chão e pesadas cortinas de seda fechavam os arcos que levavam às várias salas do palácio. Os móveis eram feitos de vários tipos de antigas madeiras, ricamente entalhadas e cobertas de delicadas sedas, e todo o palácio era iluminado por uma misteriosa luz rosada que parecia não vir de nenhum lugar em particular, mas que inundava todos os cômodos com seu brilho suave e agradável.

Ozma ia passando de uma sala para outra, maravilhada com tudo o que via. O adorável palácio não tinha nenhum outro ocupante, porque o rei Nomo a havia deixado na entrada e fechado a porta, e parecia não haver mais ninguém em nenhum dos outros magníficos aposentos.

Em todas as lareiras e nas muitas estantes e mesas havia todo tipo de enfeites, aparentemente feitos de inúmeros metais, vidros, porcelanas, pedras e mármore. Havia jarros e figuras de homens e animais, e bandejas e tigelas trabalhadas, além de mosaicos de pedras preciosas e muitas outras coisas. Nas paredes também viam-se quadros, e o palácio subterrâneo era um museu de objetos raros, curiosos e caros.

Depois de um rápido exame das salas, Ozma começou a imaginar quais de todos os inúmeros ornamentos que elas continham seriam as transformações dos membros da família real de Ev. Não havia nada para guiá-la, pois nada parecia ter uma centelha de vida que fosse. Ela deveria adivinhar às cegas; e pela primeira vez a menina percebeu o quanto sua tarefa era perigosa, e que seria fácil ela perder a própria liberdade na tentativa de libertar os outros da escravidão do rei Nomo. Com razão o astuto monarca ria afavelmente com suas visitas, pois bem sabia que elas poderiam ser facilmente enganadas.

Mas Ozma, tendo se comprometido com essa aventura, não iria abandoná-la. Olhou para um candelabro de prata que tinha dez braços, e pensou: “Essa pode ser a rainha de Ev e seus dez filhos”. Então ela o tocou e pronunciou em voz alta a palavra “Ev”, como o rei Nomo a instruíra a fazer quando fosse adivinhar. Mas o candelabro permaneceu como era.

Então, Ozma entrou em outra sala e tocou um cordeiro de porcelana, pensando que poderia ser uma das crianças que procurava. Mas outra vez não teve sucesso. Três adivinhações; quatro adivinhações; cinco, seis, sete, oito, nove e dez adivinhações ela fez, e nenhuma delas foi a correta.

A menina sentiu um calafrio e empalideceu sob a luz rosada, porque agora só restava uma oportunidade, e seu próprio destino dependia do resultado.

Ela resolveu não se apressar, e passeou por todas as salas mais uma vez,

olhando com atenção os diversos ornamentos e tentando decidir qual ela deveria tocar. Finalmente, em desespero, decidiu deixar tudo inteiramente ao acaso. Encarou a porta de uma sala, fechou bem os olhos, e então, afastando para os lados as pesadas cortinas, avançou cegamente com o braço direito estendido.

Lentamente, Ozma foi se adiantando até que sua mão entrou em contato com um objeto que ficava sobre uma pequena mesa redonda. Não sabia o que era aquilo, mas em voz baixa pronunciou a palavra “Ev”.

Depois disso, as salas ficaram completamente vazias de vida. O rei Nomo tinha ganhado um novo ornamento, porque na beirada da mesa se via agora um bonito gafanhoto que parecia ter sido talhado de uma única esmeralda. Foi tudo o que restou de Ozma de Oz.

Na sala do trono, logo após o palácio, o rei Nomo olhou de repente e sorriu.

– Próximo – disse ele, com sua voz agradável.

Dorothy, o Espantalho, o Homem de Lata, que tinham ficado sentados ansiosamente em silêncio, mostraram sinais de desânimo e olharam-se nos olhos uns dos outros.

– E-la fra-cas-sou? – perguntou Tic-Tac.

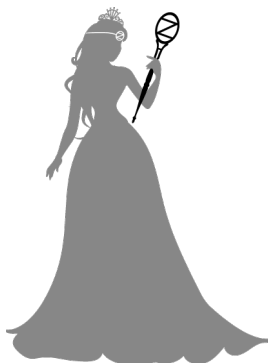
– Assim parece – respondeu o pequeno monarca, alegremente. – Mas não há razão para que algum de vocês não acerte. O próximo vai ter doze chances de adivinhação, em vez de onze, porque agora existem doze pessoas transformadas em ornamentos. Bem, bem! Qual de vocês será o próximo?

– Eu vou – disse Dorothy.

– Não – replicou o Homem de Lata. – Como comandante do exército de Ozma, é meu privilégio segui-la e tentar o seu resgate.

– Vamos em frente, então – disse o Espantalho. – Mas tenha cuidado, meu velho amigo.

– Tentarei – prometeu o Homem de Lata; e então seguiu o rei Nomo até a entrada do palácio e a pedra se fechou atrás dele.



O REI NOMO RI

O rei logo retornou a seu trono, reacendeu seu cachimbo, e o restante do pequeno bando de aventureiros sentou-se para uma outra longa espera. Estavam muito desanimados com o fracasso de sua soberana e pela notícia de que agora ela era um ornamento no palácio do rei Nomo: um lugar terrível e assustador, apesar de toda a sua magnificência. Sem sua pequena líder, eles não sabiam o que fazer em seguida, e cada um deles, até o trêmulo soldado raso, começou a temer a possibilidade de logo tornar-se mais ornamental do que útil.

De repente, o rei Nomo começou a rir.

– Há, há, há! Há, há, há! Há, há, há!

– O que aconteceu? – perguntou o Espantalho.

– O amigo de vocês, o Homem de Lata, transformou-se na coisa mais divertida que se pode imaginar – respondeu o rei, enxugando dos olhos lágrimas de alegria. – Ninguém imaginaria que ele pudesse transformar-se em um enfeite tão divertido. O próximo!

Eles todos se olharam, desanimados. Um dos generais começou a chorar de tristeza.

– Por que está chorando? – perguntou-lhe o Espantalho, indignado por semelhante prova de fraqueza.

– Ele me devia seis semanas de pagamento – disse o general –, e não gostei de perder esse dinheiro.

– Então você pode ir lá procurar por ele – declarou o Espantalho.

– Eu?! – gritou o general, muito alarmado.

– É claro. É seu dever seguir seu comandante. Marche!

– Não vou – disse o general. – Eu gostaria, claro, mas simplesmente NÃO POSSO!

O Espantalho olhou inquisitivamente para o rei Nomo.

– Não se preocupe – disse o alegre monarca. – Se ele não quiser entrar no palácio e fazer suas adivinhações, vou jogá-lo em um de meus ardentes fornos.

– Eu vou!... é claro que vou! – gritou rapidamente o general.

– Onde é a entrada... onde? Deixe-me ir logo!

Então o rei Nomo o acompanhou para dentro do palácio, e de novo voltou para esperar o resultado. O que o general fez, ninguém sabe dizer; mas logo depois o rei chamou a próxima vítima, e um coronel foi forçado a ir tentar a sorte.

Assim, um após outro, todos os vinte e sete oficiais entraram no palácio e fizeram suas adivinhações... e se tornaram ornamentos.

Enquanto isso, o rei mandava servir refrescos para os que estavam esperando, e por ordem sua um toco de bolo entrou, trazendo uma bandeja na mão. Esse bolo não era diferente dos outros que Dorothy tinha visto, mas usava um pesada corrente de ouro em volta do pescoço para mostrar que era o mordomo-chefe do rei Nomo, assumindo um ar de grande importância. Disse a Sua Majestade que não comesse muitos bolos tarde da noite, pois poderia ficar doente.

Dorothy, contudo, estava com fome e não tinha receio de ficar doente; então comeu vários bolos e achou-os bons, e também tomou uma xícara de um excelente café feito de um tipo de grão muito saboroso, torrado no forno e moído bem fino, e achou-o muito revigorante e nada pesado.

De todo o séquito que tinha começado aquela aventura, a menina do Kansas só tinha agora o Espantalho, Tic-Tac e o soldado raso como companheiros. É claro que o Leão Covarde e o Tigre Faminto também estavam lá, mas como eles haviam comido alguns bolos, tinham ido dormir em um dos lados da caverna, enquanto do outro lado o Cavalete esperava, imóvel e silencioso, transformado em um mero objeto de madeira. Billina já tinha dado algumas voltas calmamente, bicando as migalhas de bolo que caíam no chão, e agora, como já tinha passado de sua hora de descansar, procurava encontrar algum lugar escuro onde dormir.

Nesse momento, a galinha acabava de descobrir um lugar oco embaixo do

trono do rei e logo entrou ali sem ser vista. Ela ainda podia ouvir o falatório daqueles que a rodeavam, mas era quase completamente escuro ali, e então ela logo caiu no sono.

– O próximo! – chamou o rei, e o soldado raso, que era o seguinte a entrar no palácio fatal, deu a mão a Dorothy e ao Espantalho, despedindo-se com tristeza, e passou pela porta de pedra.

Eles esperaram um longo tempo, porque o soldado raso não tinha nenhuma pressa de se transformar em enfeite. O rei Nomo, que parecia saber, por algum poder mágico, tudo o que ocorria nos aposentos de seu palácio, foi ficando impaciente e finalmente declarou que não iria ficar mais tempo ali sentado.

– Adoro os ornamentos – disse ele –, mas não posso esperar até amanhã para obter mais enfeites. Portanto, assim que o tolo do soldado raso for transformado, iremos todos para a cama, deixando o restante do trabalho para terminar amanhã cedo.

– É tão tarde assim? – perguntou Dorothy.

– Ora, passa da meia-noite – disse o rei –, e para mim tarde o suficiente. Não existe dia nem noite no meu reino, porque fica debaixo da terra, onde o sol não brilha. Mas temos que dormir, do mesmo modo que fazem os que moram acima da superfície, e da minha parte vou para a cama daqui a poucos minutos.

Na verdade, não demorou muito para que o soldado raso fizesse sua última adivinhação. É claro que ele errou todas, e é claro que logo se tornou mais um ornamento. Então o rei ficou muito contente, e bateu palmas para chamar seu mordomo-chefe.

– Mostre a esses convidados alguns dos quartos de dormir – ordenou –, e seja rápido com isso, pois eu também estou morrendo de sono.

– O senhor não precisa ficar acordado até tão tarde – respondeu bruscamente o mordomo. – Amanhã cedo o senhor estará tão esperto quanto um gavião.

Sua Majestade não respondeu a esse comentário, e o mordomo-chefe levou Dorothy por outra porta até um amplo saguão para o qual davam vários dormitórios simples mas confortáveis. Destinou a Dorothy o primeiro quarto, e ao Espantalho e a Tic-Tac o quarto seguinte – embora eles nunca dormissem – e ao Leão e ao Tigre o terceiro quarto. O Cavalete foi seguindo o mordomo até o quarto dormitório, no centro do qual ele ficaria imóvel até a manhã

seguinte. As noites eram muito aborrecidas para o Espantalho, Tic-Tac e o Cavalete; mas eles tinham aprendido com a experiência a passar o tempo calma e pacientemente, uma vez que todos os amigos deles feitos de carne e osso precisavam dormir e não queriam ser incomodados.

Quando o mordomo-chefe os deixou sozinhos, o Espantalho observou tristemente:

– Estou muito sentido com a perda de meu velho camarada, o Homem de Lata. Vivemos muitas e perigosas aventuras juntos, e escapamos de todas elas, e agora me entristece saber que ele se tornou um ornamento, e que não o verei mais.

– E-le sem-pre foi um or-na-men-to pa-ra a so-ci-e-da-de – disse Tic-Tac.

– É verdade; mas agora o rei Nomo ri dele, e diz que ele é o ornamento mais engraçado do palácio. Fere o orgulho de meu amigo ser motivo de zombaria – continuou o Espantalho, com tristeza.

– Nós mesmos amanhã também vamos nos tornar ornamentos bem absurdos.

Nesse momento, Dorothy correu até o quarto deles em um estado de grande ansiedade, gritando:

– Onde está Billina? Vocês viram Billina? Ela está aí?

– Não – respondeu o Espantalho.

– Então, o que terá acontecido com ela? – perguntou a menina.

– Ora, pensei que ela estivesse com você – disse o Espantalho. – Mas não me lembro de ter visto a galinha amarela desde que ela estava bicando as migalhas de bolo.

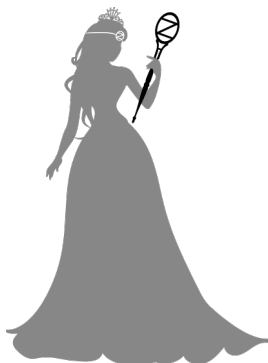
– Devemos tê-la deixado na sala do trono do rei – disse Dorothy, e imediatamente se virou e saiu correndo pelo saguão para a porta pela qual eles tinham entrado. Mas a porta estava fechada e trancada pelo lado de fora, e o bloqueio de pedra era tão grosso que nenhum som passava através dele. Então Dorothy se viu obrigada a voltar para seu quarto.

O Leão Covarde enfiou a cabeça dentro do dormitório tentando consolar a menina pela perda de sua amiga penosa.

– A galinha amarela pode muito bem tomar conta de si mesma – disse ele –, então não se preocupe com ela, mas trate de dormir o mais que puder. Amanhã vai ser um dia longo e desgastante, e você precisa descansar.

– Provavelmente vou ter muito tempo para descansar amanhã, quando me transformar em ornamento – disse Dorothy, sonolenta. Porém, mal se deitou

em sua cama e, apesar de todas as suas preocupações, logo estava na terra dos sonhos.



DOROTHY TENTA SER VALENTE

Enquanto isso, o mordomo-chefe tinha voltado para a sala do trono, onde disse para o rei:

– O senhor é um tolo para perder tanto tempo com essas pessoas.
– O quê?! – gritou Sua Majestade, com tanta fúria que despertou Billina, que estava dormindo embaixo do trono. – Como você se atreve a me chamar de tolo?

– Porque gosto de falar a verdade – disse o mordomo. – Por que o senhor não os encantou a todos de uma vez, em vez de permitir que entrem um a um no palácio e tentem adivinhar quais são os ornamentos em que se transformaram a rainha de Ev e seus filhos?

– Porque, seu estúpido chagal, assim é mais divertido – respondeu o rei –, e isso faz com que eu fique me divertindo por mais tempo.

– Mas suponha que aconteça de algum deles acertar – persistiu o mordomo –, então o senhor vai perder seus velhos ornamentos e estes novos também.

– Não existe possibilidade de eles acertarem – replicou o monarca com uma risada. – Como eles iriam saber que a rainha de Ev e seus familiares são todos ornamentos da cor púrpura real?

– Mas não existem outros ornamentos púrpura no palácio – disse o mordomo.

– Existem muitas outras cores, no entanto, os de cor púrpura estão dispersos por todos os aposentos, e são de diferentes formas e tamanhos. Pode acreditar em minhas palavras, mordomo, eles nunca vão pensar em escolher os

ornamentos púrpura.

Billina, agachada sob o trono, tinha escutado atentamente toda a conversa, e agora segurava a vontade de rir ao ouvir o rei revelar seu segredo.

– Ainda assim, o senhor está cometendo uma tolice ao correr esse risco – continuou o mordomo, rudemente –, e foi ainda mais tolo de sua parte ter transformado essas pessoas de Oz em ornamentos verdes.

– Fiz isso porque eles vieram da Cidade das Esmeraldas – replicou o rei –, e até agora eu não tinha nenhum ornamento verde em minha coleção. Acho que ficaram muito bonitos, misturados com os outros. Não acha?

O mordomo emitiu um grunhido de raiva.

– Faça como quiser, uma vez que o senhor é o rei – rosnou. – Mas se tudo correr mal por falta de previsão, lembre-se de que eu o adverti disso. Se eu tivesse usado o cinto mágico que lhe permite a possibilidade de realizar todas as transformações e lhe dá tantos outros poderes, tenho certeza de que eu seria um rei muito mais sábio e melhor do que o senhor.

– Ah, basta de conversa fiada! – ordenou o rei, tornando-se irritado outra vez. – Só porque você é meu mordomo-chefe colocou na cabeça a ideia de que pode me repreender a hora que quiser. Mas nesses dias você se tornou insolente; vou enviá-lo para trabalhar nos fornos e arrumar outro nome para tomar o seu lugar. Agora me acompanhe até meu quarto, porque estou indo para a cama. E fique atento para me despertar cedo amanhã de manhã. Quero desfrutar da diversão de transformar o restante dessas pessoas em ornamentos.

– Que cor o senhor vai utilizar na menina do Kansas? – perguntou o mordomo.

– Cinza, penso eu – disse Sua Majestade.

– E para o Espantalho e o Homem-Máquina?

– Ah, eles serão de ouro sólido, porque são muito feios na vida real.

Então as vozes desapareceram, e Billina percebeu que o rei e seu mordomo tinham deixado a sala. Alisou algumas de suas penas que não estavam bem assentadas e, então, enfiou a cabeça embaixo da asa e dormiu de novo.

Pela manhã, Dorothy, o Leão e o Tigre tomaram seu café da manhã no quarto, e depois foram reunir-se ao rei na sala do trono. O Tigre se queixou com amargura dizendo que estava meio morto de fome, e pediu que o deixassem entrar no palácio e se tornasse um ornamento, assim nunca mais sofreria pontadas de fome.

– Você não tomou seu café da manhã? – perguntou-lhe o rei.

– Ah, comi apenas um bife – respondeu o animal. – Mas o que é um bife para um tigre faminto?

– Ele tomou dezessete tigelas de sopa, comeu uma bandeja cheia de salsichas fritas, onze fôrmas de pão e vinte e uma tortas de carne – disse o mordomo.

– O que mais você deseja? – perguntou o rei.

– Um bebê gordo. Quero um bebê gordo – disse o Tigre Faminto. – Um bebê rechonchudo, suculento, tenro e gordo! Porém, é claro, se eu conseguir isso, minha consciência não vai me permitir comê-lo. Então, terei que me tornar um ornamento; esqueça minha fome.

– Impossível! – exclamou o rei. – Não vou deixar que animais desajeitados como você entrem em meu palácio e quebrem todos os meus belos objetos. Quando o restante de seus amigos forem transformados, você vai poder voltar para o mundo superior e cuidar de seus interesses.

– Em relação a isso, não teremos o que fazer, enquanto nossos amigos estiverem longe – disse o Leão. – Então não nos importamos muito com o que pode acontecer conosco.

Dorothy pediu para ser a primeira a entrar no palácio, mas Tic-Tac sustentou firmemente que o escravo teria que encarar o perigo antes de sua ama. O Espantalho concordou com ele nessa questão, de modo que o rei Nomo abriu a porta para o Homem-Máquina, que entrou pesadamente no palácio para enfrentar seu destino. Então, Sua Majestade voltou ao seu trono e tragou seu cachimbo com tanta satisfação que uma pequena nuvem de fumaça se formou sobre sua cabeça.

Um pouco depois, ele disse:

– Sinto que tenham restado tão poucos de vocês. Logo mais minha diversão terá terminado, e então a única coisa que terei para me divertir será admirar meus ornamentos.

– Está me parecendo – disse Dorothy – que o senhor não é tão honesto quanto aparenta ser.

– Por que está dizendo isso? – perguntou o rei.

– Ora, o senhor nos fez pensar que seria fácil adivinhar em quais ornamentos as pessoas de Ev tinham sido transformadas.

– E é fácil – declarou o monarca. – Se um de vocês for um bom adivinhador. Mas parece que os membros de seu grupo são todos maus adivinhadores.

– O que Tic-Tac está fazendo agora? – perguntou a menina, preocupada.

– Nada – respondeu o rei, com uma careta. – Ele está perfeitamente imóvel, no meio do quarto.

– Ah, suponho que sua corda acabou – disse Dorothy. – Esqueci de lhe dar corda esta manhã. Quantas adivinhações ele tentou?

– Todas que lhe permitiram, a não ser uma – respondeu o rei. – O que você acha de entrar lá, dar corda nele, e depois já ficar lá para fazer as suas adivinhações?

– Está bem – disse Dorothy.

– É minha vez, a próxima – declarou o Espantalho.

– Ora, você não vai querer me deixar sozinha, não é? – perguntou a menina. – Além disso, se eu for agora posso dar corda em Tic-Tac, assim ele pode fazer sua última adivinhação.

– Muito bem, então – disse o Espantalho, com um suspiro. – Corra lá, menina Dorothy, e que a boa sorte a acompanhe!

Então Dorothy, tentando ser valente apesar de seus receios, passou pela porta e entrou nas esplêndidas salas do palácio. No início, o silêncio do lugar a assustou, a menina sentiu a respiração entrecortada e colocou a mão no coração, olhando ao redor com admiração.

Sim, era um lugar muito bonito; mas os encantamentos pareciam espreitar em todos os lugares, e ela ainda não tinha se acostumado com as magias desses reinos encantados, tão diferentes das coisas comuns e normais de sua terra natal.

Com calma ela foi passando pelas inúmeras salas até chegar a Tic-Tac, que estava de pé e imóvel. Realmente parecia, então, que ela tinha encontrado um amigo naquele misterioso palácio, de modo que se apressou a dar corda na ação, fala e pensamentos do Homem-Máquina.

– O-bri-ga-do, Do-ro-thy – foram suas primeiras palavras. – Te-nho a-go-ra mais u-ma a-di-vi-nha-ção pa-ra fa-zer.

– Ah, tenha todo o cuidado, Tic-Tac; está bem? – apelou a menina.

– Sim. Mas o rei No-mo nos tem em seu po-der, e mon-tou u-ma ar-ma-di-lha pa-ra nós. Re-ce-io que es-te-ja-mos to-dos per-di-dos – respondeu ele.

– Também receio – disse Dorothy, com tristeza.

– Se os fa-bri-can-tes Smith & Tin-ker ti-ves-sem me pro-por-ci-o-na-do um me-ca-nis-mo a-di-vin-ha-dor – continuou Tic-Tac –, eu po-de-ri-a ter de-sa-fi-a-do o rei No-mo. Mas meus pen-sa-men-tos são sim-ples e co-muns,

e não têm mui-ta u-ti-li-da-de nes-te ca-so.

– Faça o melhor que puder – disse Dorothy, encorajadora –, e se você falhar eu verei em que forma você será transformado.

Então Tic-Tac tocou em um vaso de vidro amarelo que tinha margaridas pintadas de um lado, e ao mesmo tempo falou a palavra “Ev”.

De repente, o Homem-Máquina tinha desaparecido, e embora a menina olhasse rapidamente em todas as direções, não conseguiu perceber, entre todos os objetos ornamentais que havia na sala, em qual deles havia se transformado seu fiel amigo e servidor.

Portanto, tudo o que ela podia fazer era aceitar aquela impossível tarefa, fazer suas adivinhações e se conformar com o resultado.

“Não deve doer tanto”, pensou ela, “porque não ouvi nenhum deles gritar ou chorar... nem mesmo os pobres oficiais. Coitada de mim! Eu me pergunto se o tio Henry ou a tia Em algum dia saberão que me tornei um ornamento no palácio do rei Nomo, e vou ficar para sempre parada em um canto, até que me mudem de lugar ou venham tirar o pó de mim. Não era essa a vida que eu esperava, de qualquer modo; mas acho que não posso evitar.”

Mais uma vez Dorothy percorreu todas as salas e examinou com atenção todos os objetos que continham; mas havia tantos, que ela ficou desconcertada, e decidiu, então, como tinha feito Ozma, que só lhe restava tentar adivinhar, e que era muito difícil acertar.

Tocou com timidez um grande vaso de alabastro e disse: “Ev”.

– Foi um engano, de qualquer modo – disse a si mesma. – Mas como vou saber que objeto está encantado e qual não está?

Em seguida, tocou a imagem de um gatinho púrpura que ficava no canto de uma lareira, e assim que pronunciou a palavra “Ev” o gatinho desapareceu e um menino bonito e loiro apareceu a seu lado. Ao mesmo tempo, um sino tocou em algum lugar à distância, e enquanto Dorothy dava um passo atrás, em parte de surpresa, em parte de alegria, o pequeno exclamou:

– Onde estou? Quem é você? E o que aconteceu comigo?

– Bem, devo admitir! – disse Dorothy. – Realmente consegui!

– Conseguiu o quê? – perguntou o menino.

– Ora, me salvar de ser transformada em objeto de ornamento – respondeu a menina, com uma risada –, e salvar você de ser um gatinho púrpura o resto da vida

– Um gatinho púrpura? – repetiu ele. – Não EXISTE uma coisa assim.

– Eu sei – respondeu ela. – Mas existia, um minuto atrás. Não se lembra de ficar parado no canto dessa lareira?

– Claro que não. Sou o príncipe de Ev, e meu nome é Evring – anunciou o menino orgulhosamente. – Mas meu pai, o rei, vendeu minha mãe e todos os seus filhos para o cruel soberano dos nomos, e depois disso não me lembro de mais nada.

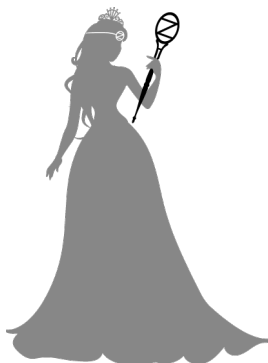
– Ninguém pode esperar que um gatinho púrpura vá se lembrar, Evring – disse Dorothy. – Mas agora você é você mesmo outra vez, e vou tentar salvar mais alguns de seus irmãos e irmãs, e quem sabe sua mãe também. Então venha comigo.

Dorothy tomou o menino pela mão e correu ansiosamente de um lado para outro, tentando decidir qual objeto escolher em seguida. A terceira adivinhação foi outro erro, assim como também a quarta e a quinta.

O pequeno Evring não podia imaginar o que a menina fazia, mas seguia ao lado dela de boa vontade, porque gostava da companhia que tinha encontrado.

Dorothy errou todas as adivinhações posteriores; mas, após se recuperar de sua primeira decepção, a menininha se encheu de alegria e gratidão por pensar que, apesar de tudo, tinha sido capaz de salvar um membro da família real de Ev, e podia devolver o pequeno príncipe a seu sofrido país. Agora ela podia retornar à presença do terrível rei Nomo em segurança, levando consigo o prêmio que tinha conquistado na pessoa do menino loiro.

Então refez seus passos até encontrar a entrada do palácio, e, ao aproximar-se, as maciças portas de pedra se abriram sozinhas, permitindo a Dorothy e a Evring entrar na sala do trono.



BILLINA ASSUSTA O REI NOMO

No momento em que Dorothy entrara no palácio para fazer as adivinhações, deixando o Espantalho com o rei Nomo, os dois ficaram sentados em silêncio por vários minutos. Então o monarca exclamou, em tom de satisfação:

– Muito bem!

– Quem está muito bem? – perguntou o Espantalho.

– O Homem-Máquina. Ele não vai precisar mais de corda, porque agora se transformou em mais um novo ornamento. Bem novo, mesmo.

– E o que aconteceu com Dorothy?

– Ah, ela logo vai começar a fazer suas adivinhações – disse o rei, alegremente. E então vai se juntar à minha coleção, e aí será a sua vez.

– Có-có-có-cuó! Có-có-có-cuó!

O rei Nomo se assustou tanto que quase caiu de seu trono.

– Puxa vida! O que foi isso? – gritou ele.

– Ah, é Billina – disse o Espantalho.

– O que você pretende fazendo todo esse barulho? – gritou o rei irritado, enquanto a galinha amarela saía debaixo do trono e passeava orgulhosamente pela sala.

– Imagino que tenho o direito de cacarejar – respondeu Billina. – Acabei de botar meu ovo.

– O quê! Botar um ovo! Na sala do meu trono! Como se atreve a fazer tal coisa? – perguntou o rei, com uma voz furiosa.

– Boto ovos onde quer que eu esteja – disse a galinha, eriçando as penas e ajeitando-as novamente no lugar.

– Mas... raios! Não sabe que os ovos são um veneno? – rosnou o rei, enquanto seus olhos cor de pedra esbugalhavam-se de terror.

– Veneno! Essa é boa – disse Billina, indignada. – Devo lhe dizer que todos os meus ovos têm a garantia de serem absolutamente frescos e do dia. Veneno, pois sim!

– Você não está entendendo – replicou o pequeno monarca, nervoso. – Os ovos pertencem apenas ao mundo exterior... o mundo acima da superfície, de onde você veio. Aqui, no meu mundo subterrâneo, são considerados veneno, como eu disse, e nós, nomos, não suportamos ficar perto deles.

– Bem, vai ter que suportar este aqui – declarou Billina –; porque eu já o botei.

– Onde? – perguntou o rei.

– Debaixo de seu trono – disse a galinha.

O rei pulou um metro para longe, tão ansioso que estava para se afastar do trono.

– Leve esse ovo embora! Leve embora de uma vez! – gritou ele.

– Não posso – disse Billina. – Não tenho mãos.

– Eu levarei o ovo – disse o Espantalho. – Estou fazendo uma coleção dos ovos de Billina. Tenho um no bolso agora, que ela botou ontem.

Ouvindo isso, o monarca se apressou a tomar uma boa distância do Espantalho, que estava pronto para pôr a mão embaixo do trono e alcançar o ovo, quando a galinha de repente gritou:

– Pare!

– Qual é o problema? – perguntou o Espantalho.

– Não pegue o ovo, a menos que o rei me permita entrar no palácio e fazer adivinhações, como os outros fizeram – disse Billina.

– Bah! – respondeu o rei. – Você é apenas uma galinha. Como poderia adivinhar meus objetos de encantamento?

– Posso tentar, imagino – disse Billina. – E, se eu falhar, você terá um novo ornamento.

– Um belo ornamento, eu diria, não? – rosnou o rei. – Mas você vai ter sua vez. E será adequadamente punida por ter se atrevido a botar um ovo na minha presença. Depois que o Espantalho for transformado em ornamento, você pode entrar no palácio. Mas como você vai tocar nos objetos?

– Com minhas garras – disse a galinha –; e posso pronunciar a palavra “Ev” tão bem quanto qualquer outra. Além disso, quero ter o direito de adivinhar em que foram transformados meus amigos e libertá-los, se eu acertar.

– Muito bem – disse o rei. – Tem minha permissão.

– Então – disse Billina ao Espantalho –, você pode levar o ovo.

O Espantalho ajoelhou-se e enfiou a mão embaixo do trono e encontrou o ovo, que colocou em outro bolso de sua jaqueta, temendo que, se os dois ovos ficassem juntos, pudessem se quebrar.

Nesse momento um sino acima do trono tocou com estridência, e o rei, nervoso, deu outro pulo.

– Bem, bem! – disse ele, com expressão de pesar no rosto –; a menina conseguiu.

– Conseguiu o quê? – perguntou o Espantalho.

– Conseguiu acertar uma adivinhação, e quebrou um de meus mais novos encantamentos. Que azar, isso é péssimo! Nunca pensei que pudesse acontecer.

– Pelo que entendo, então ela vai voltar para nós sã e salva? – perguntou o Espantalho, franzindo alegremente a cara pintada em um amplo sorriso.

– É claro – disse o rei, andando inquieto de um lado para o outro na sala. – Sempre cumpro minhas promessas, não importa o quanto sejam tolas. Mas vou fazer um ornamento da galinha amarela para substituir aquele que acabei de perder.

– Talvez você faça, talvez não – murmurou calmamente Billina. – Posso surpreendê-lo adivinhando certo.

– Adivinhando certo? – disse bruscamente o rei. – Como você vai poder acertar, se seus superiores não conseguiram, ave estúpida.

Billina não se deu ao trabalho de responder a essa pergunta, e um momento depois as portas se abriram e Dorothy entrou, trazendo o pequeno príncipe Evring pela mão.

O Espantalho deu as boas-vindas à menina com um forte abraço, e em meio à sua alegria teria abraçado Evring também. Mas o pequeno príncipe era tímido, e se esgueirou do homem de palha porque ainda não conhecia suas inúmeras e excelentes qualidades.

Porém, os amigos tiveram pouco tempo para conversar, porque o Espantalho agora devia entrar no palácio. O sucesso de Dorothy serviu para encorajá-lo, e ambos esperavam que ele conseguisse acertar ao menos uma adivinhação.

Contudo, ele se mostrou tão sem sorte como os outros, a não ser Dorothy, e, embora tenha levado um bom tempo para escolher seus objetos, o pobre Espantalho não conseguiu acertar nenhum.

Portanto, acabou se transformando em um porta-cartões de ouro puro, e o belo mas terrível palácio aguardava seu próximo visitante.

– Está tudo acabado – observou o rei, com um suspiro de satisfação –; mas foi uma brincadeira divertida, a não ser pela adivinhação certa feita pela menina do Kansas. Acabei enriquecendo com mais esse belo ornamento.

– É minha vez agora – disse Billina, decidida.

– Ah, tinha me esquecido de você – disse o rei. – Mas não precisa ir, se não quiser. Serei generoso e vou deixá-la fora disso.

– Não vai, não – replicou a galinha. – Insisto em fazer minhas adivinhações, como prometeu.

– Então vá em frente, penosa absurda e tola! – resmungou o rei, e fez com que abrissem mais uma vez a porta que levava ao palácio.

– Não vá, Billina – disse Dorothy, séria. – Não é fácil adivinhar aqueles ornamentos, e só a sorte me salvou de ser mais um deles agora. Fique comigo e podemos voltar juntas à Terra de Ev. Estou certa de que o pequeno príncipe nos dará um lar.

– Claro que sim – disse Evring, com muita dignidade.

– Não se preocupe, cara amiga! – exclamou Billina com um cacarejo equivalente a uma risada. – Não sou humana, mas também não sou tola só porque SOU uma galinha.

– Ah, Billina! – disse Dorothy –, já faz tempo que você deixou de ser galinha. Desde que... você ficou... adulta.

– Talvez seja verdade – respondeu Billina, pensativa. – Mas se um granjero do Kansas me vendesse a alguém, do que ele me chamaria? Galinha ou franga?

– Mas você não foi vendida por um granjero do Kansas, Billina – respondeu a menina –, e você disse...

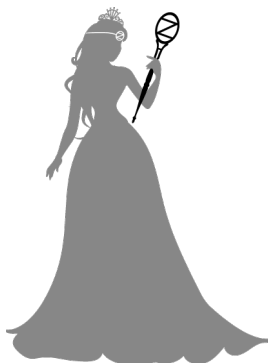
– Não importa, Dorothy. Já vou. Não me despeço porque logo vou regressar. Mantenha a coragem, porque vou vê-la daqui a pouco.

Então Billina cacarejou tão alto que pareceu ter deixado o pequeno e gordo rei Nomo mais nervoso que nunca, e se encaminhou para a entrada do palácio encantado.

– Espero nunca mais ver ESSA ave – declarou o monarca, sentando-se de novo em seu trono e enxugando a transpiração da nuca com um lenço cor de

pedra. – As galinhas são no mínimo entediadas, mas quando se metem a falar tornam-se terríveis.

– Billina é minha amiga – disse Dorothy calmamente. – Pode não ser sempre exatamente educada; mas SIGNIFICA muito, disso tenho certeza.



PÚRPURA, VERDE E DOURADO

A galinha amarela, com passo majestoso e ar de grande importância, atravessou lentamente os ricos tapetes do esplêndido palácio, examinando tudo que encontrava com seus olhinhos agudos.

Billina tinha direito de se sentir importante, porque só ela compartilhava o segredo do rei Nomo e sabia como diferenciar os objetos que eram transformações daqueles que não tinham tido vida. Tinha certeza de que acertaria as suas adivinhações, mas antes de começar, sentiu curiosidade de contemplar toda a magnificência daquele palácio subterrâneo, que era talvez um dos lugares mais esplêndidos e bonitos de todos os reinos encantados.

Enquanto ela percorria as salas, contava os ornamentos púrpuras, e ainda que alguns fossem pequenos e estivessem escondidos em lugares difíceis de encontrar, Billina conseguiu ver todos, e encontrou os dez, dispersos em várias salas. Não se aborreceu de contar os ornamentos verdes, porque acreditava que poderia encontrá-los todos quando chegasse a hora.

Finalmente, após investigar todo o palácio e desfrutar de seu esplendor, a galinha amarela retornou a uma das salas onde havia visto um grande tambor de cor púrpura. Colocou uma de suas garras em cima dele e disse “Ev”, e de repente o tambor virou fumaça e diante dela apareceu um encantadora dama, alta, magra e vestida com belas roupas.

Os olhos da mulher eram redondos e estavam atônitos nesse momento, porque ela não se lembrava de sua transformação, nem imaginava que tinha sido devolvida à sua vida normal.

– Bom dia, senhora – disse Billina, em sua voz aguda. – Está com uma ótima aparência, considerando sua idade.

– Quem está falando? – perguntou a rainha de Ev, erguendo-se com orgulho.

– Meu verdadeiro nome é Bill – respondeu a galinha, que estava agora empoleirada nas costas de uma cadeira –, embora Dorothy não estivesse de acordo e passou a me chamar de Billina. Mas o nome não importa. Eu a salvei do rei Nomo, e agora a senhora não é mais escrava.

– Então muito obrigada por esse grande favor – disse a rainha, com uma graciosa reverência. – Mas e meus filhos... conte-me, eu lhe peço... onde estão meus filhos? – e juntou as mãos em uma ansiosa súplica.

– Não se preocupe – aconselhou Billina, bicando um pequeno inseto que estava pousado nas costas da cadeira. – Neste momento eles estão seguros e a salvo de alguma maldade, porque não podem sequer se mover.

– O que quer dizer com isso, gentil estranha? – perguntou a rainha, tentando conter sua ansiedade.

– Eles foram encantados – disse Billina –, assim como a senhora também... todos, quer dizer, a não ser o pequeno garoto que Dorothy resgatou. E o mais provável é que estejam se comportando como bons meninos há algum tempo, por não poderem fazer outra coisa.

– Ah, meus pobres queridos! – gritou a rainha, com um soluço de angústia.

– Não se abale – voltou a dizer a galinha. – Não deixe que a condição deles a torne infeliz, senhora, porque logo os terá à sua volta, amolando-a e preocupando-a como sempre. Venha comigo, por favor, e vou lhe mostrar como eles estão bonitos.

Ela voou de seu poleiro para o chão e caminhou em direção à próxima sala, acompanhada da rainha. Ao passar por uma mesa baixa, um pequeno gafanhoto verde chamou sua atenção, e imediatamente Billina se atirou sobre ele e o caçou com seu afiado bico. Os gafanhotos são uns dos insetos preferidos das galinhas, e precisam ser apanhados com rapidez, antes que saltem para longe. Esse poderia ter sido o fim de Ozma de Oz se fosse um gafanhoto de verdade em vez de um de esmeralda. Mas Billina achou o gafanhoto duro e sem vida, e suspeitando que poderia não ser comestível, soltou rápido o inseto em vez de engoli-lo.

– Deveria ter pensado melhor – murmurou para si mesma –, porque aqui não há relva, e portanto não pode haver gafanhotos vivos. Essa é

provavelmente uma das transformações do rei.

Um momento depois, ela se aproximou de um dos ornamentos púrpura, e enquanto a rainha a observava com curiosidade, a galinha quebrou o encantamento do rei Nomo e uma bela menina, de longos cabelos dourados que cobriam seus ombros, surgiu ao lado dela.

– Evanna! – gritou a rainha – é mesmo minha Evanna! – e apertou a menina contra seu peito, cobrindo suas faces de beijos.

– Muito bem – disse Billina, satisfeita. – Não sou uma boa adivinhadora, senhor rei Nomo? Bem, acertei!

Depois desencantou outra menina, que a rainha chamou de Evrose, e em seguida um menino, chamado Evardo, que era mais velho do que seu irmão Evring. Na verdade, a galinha amarela manteve a boa rainha exclamando e abraçando os filhos por algum tempo, até que cinco princesas e quatro príncipe, todos muito parecidos a não ser pelo tamanho, formaram uma fileira em volta de sua feliz mãe.

As princesas se chamavam Evanna, Evrose, Evella, Evirene e Evedna, enquanto os príncipes eram Evrob, Evington, Evardo e Evroland. Desses, Evardo era o mais velho e iria herdar o trono de seu pai e ser coroado rei de Ev quando retornasse a seu país. Era um jovem sério e quieto, e sem dúvida iria governar seu povo com sabedoria e justiça.

Billina, após devolver todos os membros da família real de Ev às suas verdadeiras formas, começou então a escolher os ornamentos verdes, que eram as transformações das pessoas de Oz. Teve pouco trabalho para encontrá-los, e pouco depois os vinte e seis oficiais, assim como o soldado raso, reuniam-se em torno da galinha amarela, felicitando-a alegremente por suas realizações. As trinta e sete pessoas que agora estavam novamente vivas nas salas do palácio sabiam muito bem que deviam sua liberdade à sabedoria da galinha amarela, e ficaram sinceramente agradecidos a ela por salvar todos eles da magia do rei Nomo.

– Agora – disse Billina –, preciso encontrar Ozma. Ela seguramente está por aqui, em algum lugar, e com certeza é verde, porque é proveniente de Oz. Então, procurem em todos os lugares, soldados tolos, e me ajudem em minha busca.

Por um momento, contudo, eles não descobriram nada que fosse verde. Mas a rainha, que tinha beijado mais uma vez os nove filhos e podia agora dedicar algum tempo e interesse ao que estava acontecendo, disse à galinha:

– Talvez o que você procura, estimada amiga, seja o gafanhoto.

– Claro que é o gafanhoto! – exclamou Billina. – A verdade é que sou tão tola quanto estes valentes soldados. Esperem por mim, enquanto vou buscá-lo.

Então ela se dirigiu à sala onde tinha visto o gafanhoto, e um pouco mais tarde Ozma de Oz, tão adorável e delicada como sempre, entrou na sala e se aproximou da rainha de Ev, cumprimentando-a como fazem as princesas.

– Mas onde estão meus amigos Espantalho e o Homem de Lata? – perguntou a jovem soberana, depois dos cumprimentos.

– Eu os encontrei – respondeu Billina. – O Espantalho é de ouro maciço, assim como Tic-Tac; mas não sei exatamente do que é o Homem de Lata, porque o rei Nomo disse que o tinha transformado em alguma coisa engraçada.

Ansiosamente Ozma foi ajudar a galinha, e o Espantalho e o Homem-Máquina, ornamentos de ouro reluzente, logo foram descobertos e devolvidos à sua forma anterior. Mas por mais que procurassem não conseguiam encontrar um ornamento engraçado que pudesse ser a transformação do Homem de Lata.

– Só há uma coisa que podemos fazer – disse Ozma, por fim –, que é voltar ao rei Nomo e obrigá-lo a nos dizer em que nosso amigo foi transformado.

– Talvez ele não queira dizer – comentou Billina.

– Ele tem que dizer – voltou a falar Ozma, com firmeza. – O rei não nos tratou com sinceridade, porque, debaixo da máscara de imparcialidade e bondade, ele nos enganou a todos, e estaríamos para sempre encantados se não fosse nossa sábia e inteligente amiga, a galinha amarela, encontrar uma maneira de nos salvar.

– O rei é um vilão – declarou o Espantalho.

– Sua risada é pior do que a testa franzida de outros – disse o soldado raso, com um calafrio.

– Pen-sei que fos-se sin-ce-ro, mas me en-ga-nei – disse Tic-Tac. – Meus pen-sa-men-tos cos-tu-mam ser cor-re-tos, mas é cul-pa de Smith & Tin-ker se às ve-zes e-les er-ram ou não fun-cio-am a-de-qua-da-men-te.

– Smith & Tinker fez um trabalho muito bom com você – disse Ozma, delicadamente. – Não acho que é culpa deles se você não é tão perfeito.

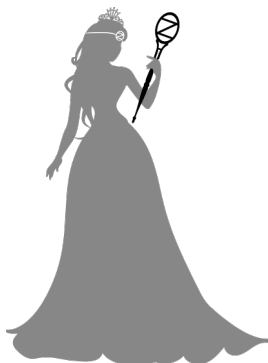
– O-bri-ga-do – disse Tic-Tac.

– Então – disse Billina, com sua vizinha enérgica –, vamos voltar ao rei Nomo e ver o que ele diz.

Assim, começaram a se dirigir para a entrada, com Ozma na frente, seguida da rainha e seu cortejo de pequenos príncipes e princesas. Depois vinha Tic-Tac e o Espantalho, com a Billina empoleirada no ombro do homem de palha. Os vinte e sete oficiais e o soldado raso vinham na retaguarda.

Logo que alcançaram o saguão, as portas se abriram para eles; mas então todos pararam e olharam para a caverna abobadada com cara de assombro e tristeza. Porque a sala estava cheia de guerreiros do rei Nomo vestidos com suas cotas de malha, dispostos em fileiras ordenadas. As lâmpadas que eles levavam na testa estavam todas acesas, e eles sustentavam no alto os machados de guerra, como se fossem atacar algum inimigo. Contudo, permaneciam imóveis como estátuas, aguardando a ordem de seu comandante.

E no centro desse terrível exército, sobre seu trono de pedra, sentava-se o pequeno rei. Mas ele não ria nem sorria. Em vez disso, seu rosto mostrava-se deformado por tanta raiva, que dava medo de olhá-lo.



○ ESPANTALHO VENCE O COMBATE

Depois que Billina entrou no palácio, Dorothy e Evring sentaram-se para esperar o sucesso ou fracasso da missão da galinha. O rei Nomo ocupava seu trono e fumava seu longo cachimbo com alegria e satisfação.

Então, o sino em cima do trono, que tocava toda vez que um encantamento era quebrado, começou a tocar, e o rei deu um suspiro de tédio e exclamou: – Pedronas e pedrinhas!

Quando o sino tocou pela segunda vez, o rei gritou irritado: “Fumaça e fogo!”, e quando tocou pela terceira vez, gritou furioso: “Hippikalórico!”, que devia ser uma palavra terrível porque ninguém sabia o seu significado.

Depois disso, o sino voltou a tocar a toda hora, mas o rei estava agora tão violentamente encolerizado, que não conseguia pronunciar palavra alguma. Pulou do trono e continuou pulando pela sala em um louco frenesi, parecendo a Dorothy um João-bobo.

A menina, de sua parte, sentia-se cheia de alegria a cada toque do sino, porque anunciava o fato de que Billina tinha transformado mais um ornamento em uma pessoa viva. Dorothy também estava maravilhada com o sucesso de Billina, pois não podia imaginar como a galinha conseguira acertar corretamente em meio ao número desnorteante de objetos amontoados nas salas do palácio. Mas depois de contar dez, e o sino continuar a tocar, ela percebeu que não apenas a família real de Ev, mas também Ozma e seus seguidores tinham sido devolvidos à sua forma natural, e ficou tão encantada, que as palhaçadas do rei furioso só a faziam rir de alegria.

Talvez o pequeno monarca não pudesse ficar mais furioso do que já estava, mas a risada da menina deixou-o frenético, e ele passou a rugir como um animal selvagem. Então, quando ele percebeu que todos os seus encantamentos estavam se dissipando, e todas as suas vítimas ficariam em liberdade, correu de repente para a pequena porta que dava para a varanda e emitiu um estridente assobio que convocava seus guerreiros.

De repente, os soldados, encabeçados por um homem de expressão severa que era seu capitão, saíram das portas de ouro e prata em grande número e subiram por uma escada em espiral até chegarem à sala do trono. Após ocuparem quase toda a sala, formaram fileiras na enorme caverna subterrânea e permaneceram imóveis, esperando novas ordens.

Dorothy tinha se afastado para um lado da caverna quando os guerreiros entraram, e agora levava pela mão o Príncipe Evring. O enorme Leão estava agachado em um canto, e o Tigre em outro.

– Prendam a menina! – gritou o rei para seu capitão, e um grupo de guerreiros deu um passo adiante para cumprir a ordem. Mas tanto o Leão como o Tigre rugiram com tanta ferocidade, mostrando de modo ameaçador seus dentes fortes e afiados, que os homens retrocederam alarmados.

– Não tenham medo deles! – gritou o rei Nomo. – Eles não podem sair do lugar onde estão agora.

– Mas podem morder quem tentar tocar na menina – disse o capitão.

– Vou resolver isso – respondeu o rei. – Vou encantá-los de novo, de modo que eles não poderão abrir as mandíbulas.

Ele desceu do trono para fazer o que prometera, mas nesse momento o Cavalete apareceu correndo por trás e deu no gordo monarca um potente coice com as duas pernas traseiras.

– Ah! Crime! Traição! – gritou o rei, que tinha sido lançado em cima de vários guerreiros e estava consideravelmente machucado. – Quem fez isso?

– Fui eu – rugiu o Cavalete com ferocidade. – Deixe Dorothy em paz, ou então terei que coiceá-lo outra vez.

– Veremos – disse o rei, e em seguida apontou a mão para o Cavalete e pronunciou a palavra mágica. – Ahá! – continuou. – AGORA vamos ver se você consegue se mover, sua mula de madeira.

Mas apesar da magia o Cavalete se moveu, e se moveu com tanta força contra o rei, que o pequeno homem gordo não conseguiu fugir. *Bum... Bang!* Fizeram os calcanhares de madeira, direto contra o rei, que voou pelos ares e

caiu sobre a cabeça de seu capitão, que acabou estatelado no chão.

– Bem, bem! – disse o rei, sentando-se e olhando com surpresa. – Por que será que meu cinto mágico não funcionou?

– A criatura é feita de madeira – respondeu o capitão. – Você bem sabe que sua magia não funciona para madeira.

– Tinha me esquecido disso – disse o rei, levantando-se e coxeando até o trono. – Muito bem, deixem a menina em paz. De qualquer modo, ela não pode escapar de nossos domínios.

Os guerreiros, que estavam um pouco confusos com esses incidentes, voltaram a formar fileiras, e o Cavalete corcoveou pela sala até onde estava Dorothy, e se colocou ao lado do Tigre Faminto.

Nesse momento, as portas que conduziam ao palácio se abriram e mostraram as pessoas de Ev e as pessoas de Oz. Todos eles se detiveram, assombrados, à visão dos guerreiros e do raivoso rei Nomo, sentado entre eles.

– Rendam-se! – gritou o rei, com força. – Vocês são meus prisioneiros.

– Vamos! – disse Billina do alto do ombro do Espantalho. – Você me prometeu que se eu fizesse as adivinhações corretamente, meus amigos e eu poderíamos partir em segurança. E você sempre cumpre suas promessas.

– Disse que vocês poderiam deixar o palácio em segurança – explicou o rei –, e assim será, mas não podem abandonar meus domínios. São meus prisioneiros, e vou lançar vocês todos em minhas masmorras subterrâneas, onde brilham fogos vulcânicos, a lava derretida corre em todas as direções e o ar esquenta mais que as chamas azuis.

– Isso será o meu fim – disse com tristeza o Espantalho. – Uma pequena chama, azul ou verde, basta para me reduzir a um monte de cinzas.

– Vocês se rendem? – perguntou o rei.

Billina sussurrou alguma coisa no ouvido do Espantalho, que o fez sorrir e enfiar as mãos nos bolsos da jaqueta.

– Não! – respondeu Ozma, encarando o rei. Depois, dirigindo-se a seu exército, ordenou: – Vamos, meus valentes soldados, lutemos por nossa soberania e por vocês mesmos, até a morte!

– Desculpe-me, grande soberana Ozma – respondeu um dos generais –, mas descobri que eu e meus irmãos oficiais sofremos todos de uma doença do coração, e a menor agitação poderia nos matar. Se lutarmos, poderemos nos agitar. Não seria melhor para nós evitarmos esse grave perigo?

– Os soldados não deveriam ter doença do coração – disse Ozma.

– Os soldados rasos não são, acredito, atacados por essa doença – declarou outro general, retorcendo pensativo o bigode. – Se Sua Alteza Real desejar, podemos ordenar a nosso soldado raso que ataque os guerreiros.

– Dê essa ordem – respondeu Ozma.

– Em fren-te... marchem! – gritaram todos os generais, em uma única voz.

– Em fren-te... marchem! – berraram os coronéis. – Em fren-te... marchem! – bradaram os majores. – Em fren-te... marchem! – ordenaram os capitães.

E o soldado raso levantou a lança e arremeteu furiosamente sobre o inimigo.

O capitão do nomos ficou tão surpreso com esse ataque repentino que se esqueceu de comandar seus guerreiros para lutar, e os dez primeiros soldados, que estavam na primeira fileira, em frente à lança do soldado raso, caíram como soldados de brinquedo. No entanto, a lança não conseguia perfurar a armadura de aço, de modo que os guerreiros se levantaram de novo, mas então o soldado raso já havia derrubado outra fileira.

Nesse momento, o capitão lançou o machado de guerra com tanta força que ele arrebentou e arrancou a lança das mãos do soldado raso, que já não podia mais continuar lutando.

O rei Nomo havia deixado seu trono e empurrava os guerreiros das fileiras da frente para ver o que estava acontecendo; porém, ao se deparar com Ozma e seus amigos, o Espantalho, despertado para a ação devido ao valor do soldado raso, tirou um dos ovos de Billina do bolso direito de sua jaqueta e arremessou-o bem na cabeça do pequeno monarca.

O ovo o acertou no olho esquerdo. Quebrou e se esparramou, como fazem os ovos, e cobriu todo o rosto, o cabelo e a barba do rei com seu conteúdo pegajoso.

– Socorro, socorro! – gritou o rei, arranhando o próprio rosto com os dedos, na luta para remover tudo aquilo.

– Um ovo! Um ovo! Salve-se quem puder! – gritou o capitão dos nomos, com uma voz de terror.

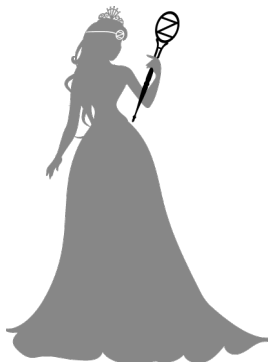
E como eles correram! Os guerreiros se atropelavam tentando fugir do veneno fatal daquele ovo medonho, e os que não puderam descer pela escada em espiral caíram da varanda na enorme caverna subterrânea, derrubando os que estavam lá embaixo.

Mas enquanto o rei vociferava pedindo auxílio, não restou um único guerreiro na sala do trono, e antes que o monarca pudesse se livrar do ovo no

olho esquerdo, o Espantalho acertou-lhe outro no olho direito: o ovo se quebrou e o cegou completamente. O rei não podia fugir porque não via para onde deveria correr, de modo que ficou quieto, uivando, gritando e berrando de um terror covarde.

Enquanto isso acontecia, Billina voejou por cima de Dorothy e, empoleirando-se nas costas do Leão, sussurrou ansiosamente para a garota:

– Pegue o cinto dele! Pegue o cinto de joias do rei Nomo! Ele abre pelas costas. Rápido, Dorothy... rápido!



O DESTINO DO HOMEM DE LATA

Dorothy obedeceu. Correu imediatamente atrás do rei Nomo, que continuava tentando livrar os olhos dos ovos, e em um piscar de olhos ela conseguiu abrir o esplêndido cinto cravejado de joias do rei e o levou embora com ela até seu lugar ao lado do Tigre e do Leão, onde, por não saber o que deveria fazer com ele, ajustou-o em volta de sua própria cintura fina.

Nesse momento, o mordomo-chefe entrou correndo com uma esponja e um copo de água e começou a limpar os restos de ovos do rosto de seu amo. Em poucos minutos, e enquanto todo o grupo observava, o rei recuperou a visão. A primeira coisa que fez foi olhar com maldade para o Espantalho e exclamar:

– Vou fazer você sofrer por isso, seu boneco cheio de palha! Não sabe que os ovos são venenosos para os nomos?

– Realmente – disse o Espantalho –, eles parecem NÃO fazer bem a você, embora eu não imagine por quê.

– Eles são absolutamente frescos e acima de qualquer suspeita – disse Billina. – Você devia se alegrar por sua qualidade.

– Vou transformar todos vocês em escorpiões! – gritou o rei, irritado, e começou a mover as mãos e murmurar palavras mágicas.

Mas nenhum deles se transformou em escorpião, então o rei parou e olhou para eles surpreso.

– O que é que está errado? – perguntou.

– Ora, o senhor não está usando seu cinto mágico – respondeu o

mordomo-chefe, após examinar cuidadosamente o rei. – Onde ele está? O que foi que fez com ele?

O rei Nomo levou a mão à cintura, e seu rosto cor de pedra tornou-se branco como giz.

– Sumiu – gritou o rei, impotente. – Sumiu, estou arruinado!

Dorothy então deu um passo à frente e disse:

– Soberana Ozma e a senhora, rainha de Ev, quero dar às duas e ao seu pessoal as boas-vindas à terra dos vivos. Billina salvou vocês de suas dificuldades, e agora poderemos deixar este lugar horrível e retornar a Ev tão logo seja possível.

Enquanto a menina falava, todos puderam ver que ela usava o cinto mágico, e se ouviu um grande aplauso, dirigido pelo Espantalho e pelo soldado raso. Mas o rei Nomo não os acompanhou. Subiu em seu trono como um cachorro abandonado e ficou ali lamentando amargamente sua derrota.

– Mas ainda não encontramos meu fiel seguidor, o Homem de Lata – disse Ozma a Dorothy –, e sem ele não vou embora.

– Nem eu – replicou Dorothy, rapidamente. – Ele não está no palácio?

– Deve estar lá – disse Billina –; mas não tenho nenhuma pista que me leve a adivinhar onde ele realmente possa estar, por isso acho que o perdi.

– Vamos voltar às salas – disse Dorothy. – Este cinto mágico, tenho certeza, vai nos ajudar a encontrar nosso querido e velho amigo.

Então, ela entrou de novo no palácio, cujas portas ainda estavam abertas, e todos a seguiram, a não ser o rei Nomo, a rainha de Ev e o príncipe Evring. A mãe tinha levado o pequeno príncipe em seu colo e o abraçava e beijava carinhosamente, porque era seu filho mais novo.

Mas os outros seguiram Dorothy, e quando a menina chegou ao centro da primeira sala imitou com uma mão o gesto que tinha visto o rei fazer, ordenando ao Homem de Lata que, sem se importar com o aspecto que tivesse naquele momento, recuperasse sua verdadeira forma. Como não deu nenhum resultado, Dorothy entrou em outra sala e fez a mesma coisa, repetindo a fórmula em todas as salas do palácio. Mas o Homem de Lata não aparecia em parte alguma, e entre milhares de enfeites e ornamentos era impossível imaginar em qual deles seu amigo fora transformado.

Voltaram tristes para a sala do trono, onde o rei, ao ver que haviam fracassado, zombou de Dorothy dizendo:

– Você não sabe usar meu cinto, então não lhe serve de nada. Devolva-me e

eu a deixarei em liberdade... e a todos os que vieram com você. Quanto aos membros da família real de Ev, são meus escravos e permanecerão aqui.

– Fico com o cinto – disse Dorothy.

– Mas como você pensa em escapar sem meu consentimento? – perguntou o rei.

– É muito fácil – respondeu a menina. – Só precisamos sair por onde entramos.

– Ah, isso é tudo, então? – zombou o rei. – Bem, onde está a passagem pela qual vocês entraram nesta sala?

Todos eles procuraram por todos os lados mas não conseguiram descobrir, porque tinha sido fechada já fazia algum tempo. Dorothy, contudo, não iria desanimar. Fez um gesto com a mão para a parede aparentemente maciça da caverna e disse:

– Ordeno que a passagem se abra!

No mesmo instante a ordem foi obedecida; a abertura apareceu e a passagem lá estava diante deles.

O rei ficou assombrado, e todos os outros se encheram de alegria.

– Por que então, se o cinto obedece ao seu comando, não fomos capazes de descobrir onde está o Homem de Lata – perguntou Ozma.

– Não consigo imaginar – disse Dorothy.

– Olhe aqui, menina – propôs o rei, ansioso; – dê-me o cinto, e eu lhe conto em que forma o Homem de Lata foi transformado, e assim você vai poder encontrá-lo facilmente.

Dorothy hesitou, mas Billina gritou:

– Não faça isso! Se o rei Nomo ficar com o cinto de novo, vai fazer de todos nós seus prisioneiros, porque estaremos sob seu poder. Apenas mantendo o cinto, Dorothy, é que você será capaz de deixar este lugar em segurança.

– Acho que é verdade – disse o Espantalho. – Mas tenho outra ideia, devido a meu excelente cérebro. Dorothy deve transformar o rei em um ovo de ganso, a menos que ele aceite entrar no palácio e trazer para nós o ornamento em que transformou nosso amigo Nick Lenhador, o Homem de Lata.

– Um ovo de ganso! – ecoou o rei, horrorizado. – Que coisa terrível!

– Bem, um ovo de ganso você será se não for buscar para nós o ornamento que desejamos – anunciou Billina com um alegre cacarejo.

– Você está vendo por si mesmo que Dorothy é capaz de usar muito bem o cinto mágico – acrescentou o Espantalho.

O rei Nomo pensou na proposta e finalmente aceitou, porque não queria ser um ovo de ganso. Então ele entrou no palácio e trouxe o ornamento em que o Homem de Lata tinha sido transformado, e todos ficaram esperando com impaciência, pois estavam ansiosos para deixar aquela caverna subterrânea e ver o sol brilhar outra vez. Mas quando o rei Nomo voltou, não trouxe nada com ele, a não ser uma expressão de perplexidade e ansiedade no rosto.

– Ele se foi! – disse ele. – O Homem de Lata não está em nenhum lugar do palácio.

– Tem certeza? – perguntou Ozma, seriamente.

– Estou totalmente seguro – respondeu o rei, tremendo –, porque sei em que o transformei, e sei exatamente onde eu o tinha colocado. Mas ele não está lá, e por favor não me transforme em ovo de ganso, porque fiz o melhor que pude.

Ficaram todos calados por um tempo e então Dorothy disse:

– Não adianta nada nós punirmos o rei Nomo agora, e receio que teremos que ir embora sem nosso amigo.

– Se ele não está aqui, não podemos resgatá-lo – concordou o Espantalho tristemente. – Pobre Nick! Fico imaginando o que terá acontecido a ele.

– E ele me devia seis semanas de pagamento! – disse um dos generais, enxugando as lágrimas com a barra dourada da manga da jaqueta.

Com muita tristeza, decidiram retornar ao mundo superior sem seu antigo companheiro, e então Ozma deu a ordem de começar a volta pela passagem.

O exército foi na frente, depois a família real de Ev, e em seguida vieram Dorothy, Ozma, Billina, o Espantalho e Tic-Tac.

Deixaram o rei Nomo olhando-os de seu trono com cara de poucos amigos, e não tinham pensado em perigo algum até que Ozma, por acaso, olhou para trás e viu um grande número de guerreiros perseguindo-os com suas espadas, lanças e machados erguidos para atacar os fugitivos enquanto os tinham a seu alcance.

Era evidente que o rei Nomo tinha feito uma última tentativa de impedir que eles fugissem, mas não lhe adiantou de nada, porque quando Dorothy viu o perigo que corriam se deteve, fez um gesto com a mão e sussurrou uma ordem ao cinto mágico.

Imediatamente os guerreiros da frente se transformaram em ovos, e rolaram pelo chão da caverna em tal número que nenhum dos que vinham

atrás podia avançar sem pisar em cima deles. Mas, ao verem os ovos, todos perderam a coragem de seguir adiante, deram meia-volta e fugiram como loucos para a caverna, recusando-se a voltar.

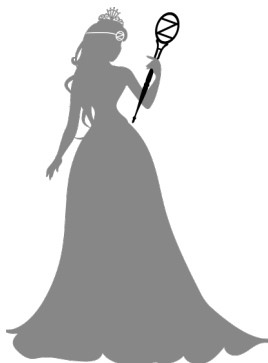
Nossos amigos não tiveram mais problemas para chegar ao fim da passagem, e logo saíram para o exterior, encontrando-se no caminho sombreado entre as duas altas montanhas. Só que diante deles se estendia claramente o caminho para Ev, e eles esperavam fervorosamente nunca mais voltar a ver o rei Nomo e seu terrível palácio.

A cavalcada era liderada por Ozma, montada no Leão Covarde, e pela rainha de Ev, que vinha nas costas do Tigre. Os filhos da rainha caminhavam atrás dela, de mãos dadas. Dorothy ia montada no Cavalete, enquanto o Espantalho caminhava e comandava o exército, na ausência do Homem de Lata.

Agora o caminho começava a clarear, pois entrava mais luz do sol entre as montanhas. E não demoraram a ouvir o tum! tum! tum! do martelo do gigante na estrada.

– Como conseguiremos enganar o monstruoso homem de ferro? – perguntou a rainha, preocupada com a segurança dos filhos. Mas Dorothy resolveu o problema dizendo uma palavra para o cinto mágico.

O gigante parou, com o martelo imóvel no ar, permitindo assim que todo o grupo passasse são e salvo sob suas pernas de ferro fundido.



○ REI DE EV

Se havia agora nomos cor de pedra se movendo do lado da montanha, eram silenciosos e respeitosos, porque nossos aventureiros não foram incomodados, como antes, por suas risadas insolentes. Na realidade, os nomos não tinham mais do que rir, desde a derrota de seu rei.

Do outro lado, nossos aventureiros encontraram a carruagem dourada de Ozma, tal como a deixaram ali. Logo o Leão e o Tigre estavam atrelados à bela carruagem, na qual se acomodavam Ozma, a rainha e seis crianças da família real.

O pequeno Evring preferiu montar com Dorothy no Cavalete, que tinha longas costas. O príncipe tinha vencido sua timidez e estava mostrando-se muito carinhoso com a menina que o havia resgatado, de modo que logo ficaram amigos e conversavam com prazer enquanto cavalgavam. Billina, por sua vez, estava empoleirada na cabeça do cavalo de madeira, que parecia não se incomodar com esse peso adicional, e o menino estava fascinado com a ideia de que a galinha pudesse falar e dizer coisas tão sensatas.

Quando eles chegaram ao abismo, o tapete mágico de Ozma os carregou em segurança até o outro lado; e começaram a andar por entre árvores nas quais havia passarinhos cantando; e a brisa que chegava das granjas de Ev tinha o perfume de flores e da erva recém-cortada; e o sol batia em cheio, esquentando o corpo deles e afastando a umidade do reino subterrâneo do nomos.

– Eu ficaria muito contente – disse o Espantalho para Tic-Tac – se ao

menos o Homem de Lata estivesse com a gente. Parte-me o coração deixar nosso amigo para trás.

– E-le e-ra um bom com-pa-nhei-ro – respondeu Tic-Tac –, em-bo-ra seu ma-te-rial não fos-se mui-to du-rá-vel.

– Ora, a lata é um material excelente – apressou-se em dizer o Espantalho –, e se alguma coisa acontecesse ao pobre Nick Lenhador, ele poderia ser soldado facilmente. Além do mais, ele não precisava de corda e não parava de funcionar.

– Às ve-zes eu gos-ta-ria de ser chei-o de pa-lha co-mo vo-cê. É du-ro ser fei-to de co-bre.

– Não tenho motivos para reclamar da minha sina – respondeu o Espantalho. – Um pouco de palha fresca, uma vez ou outra, me deixa como novo. Mas nunca poderei ser o cavalheiro polido que era o Homem de Lata, meu pobre amigo desaparecido.

Vocês podem estar certos de que as crianças da família real de Ev e sua mãe, a rainha, ficaram muito felizes ao ver novamente seu amado país; e quando surgiram as torres do palácio de Ev, eles não puderam conter-se de tanta alegria. O pequeno Evring, que vinha montado na frente de Dorothy, estava tão arrebatado que tirou do bolso um curioso apito de lata e soprou uma nota tão estridente que alarmou de repente o Cavalete, fazendo-o saltar e empinar-se.

– O que é isso? – perguntou Billina, que tinha sido obrigada a bater as asas para se manter sentada na cabeça do amedrontado Cavalete.

– É meu apito – disse o Príncipe Evring, mostrando-o na mão.

Tinha a forma de um porquinho gordocho, era feito de lata e pintado de verde. O bocal do apito ficava no rabinho do porco.

– Onde você o conseguiu? – perguntou a galinha amarela, examinando de perto o brinquedo com seus olhinhos brilhantes.

– Ora, eu o peguei no palácio do rei Nomo, enquanto Dorothy fazia suas adivinhações, e o coloquei no bolso – respondeu o pequeno príncipe.

Billina riu; ou, pelo menos, soltou aquele cacarejo peculiar que servia de risada.

– Não me espanta que vocês não conseguiram encontrar o Homem de Lata – disse ela –; como também não me espanta que o cinto mágico não tenha feito nosso amigo aparecer e que nem mesmo o rei pudesse encontrá-lo!

– O que você quer dizer? – questionou Dorothy.

– Ora, o príncipe estava com ele no bolso! – exclamou Billina, cacarejando novamente.

– Eu, não! – protestou o pequeno príncipe. – Só peguei o apito.

– Bem, então, olhem para mim com atenção – retornou a galinha, alcançando o apito com sua garra e dizendo “Ev”.

Zás!

– Boa tarde – disse o Homem de Lata, tirando seu chapéu de bico e fazendo uma reverência para Dorothy e o príncipe. – Acho que peguei no sono pela primeira vez desde que fui feito de lata, porque não me lembro de termos deixado o palácio do rei Nomo.

– Você tinha sido encantado – respondeu a menina, estendendo os braços para seu velho amigo e abraçando-o forte de tanta alegria.

– Quero meu apito! – disse o pequeno príncipe, começando a chorar.

– Shhh! – advertiu Billina. – O apito se perdeu, mas você vai poder ter outro quando chegarmos em casa.

O Espantalho, surpreso e encantado por ver novamente seu velho camarada, abraçou-o com força, e Tic-Tac apertou a mão do Homem de Lata com tanta energia que amassou alguns de seus dedos. Então, deixaram espaço para Ozma dar as boas-vindas ao Homem de Lata. Os membros do exército o viram e soltaram um viva, e todos ficaram satisfeitos e felizes.

O Homem de Lata era muito querido por todos aqueles que o conheciam, e sua repentina recuperação, depois que todos já pensavam que o haviam perdido para sempre, era uma agradável surpresa.

Pouco depois, a cavalgada chegou ao palácio real, onde uma grande multidão se reunira para dar as boas-vindas a sua rainha e a seus filhos. Houve muitos gritos e vivas, as pessoas jogaram flores no caminho da família real e todos estavam sorrindo felizes.

Encontraram a princesa Langwidere em seu quarto espelhado, onde ela admirava uma de suas belas cabeças – uma que tinha um belo cabelo castanho, sonhadores olhos cor de avelã e um nariz simétrico como uma noz. Estava contente por não precisar mais se responsabilizar pelo povo de Ev, e a rainha permitiu graciosamente que ela mantivesse seus aposentos e seu gabinete de cabeças enquanto vivesse.

Depois a rainha levou seu filho mais velho até a varanda que dominava a multidão de súditos reunidos ali embaixo e lhes disse:

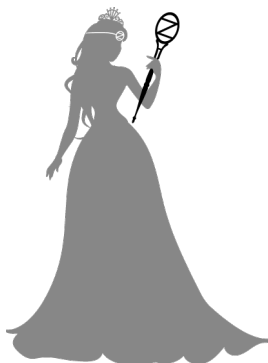
– Aqui está o futuro soberano de vocês, o rei Evardo XV.

Ele tem quinze anos, tem quinze fivelas de prata em sua jaqueta e é o décimo quinto Evardo a governar a Terra de Ev.

A multidão gritou sua aprovação quinze vezes, e mesmo os rodadores, alguns dos quais estavam presentes, prometeram em voz alta obedecer ao novo rei.

Então a rainha colocou uma enorme coroa de ouro com incrustações de rubis na cabeça de Evardo, pôs em seus ombros uma capa de arminho e o proclamou rei. O rei se inclinou, agradeceu a todos os seus súditos e foi embora para ver se encontrava algum pedaço de bolo na despensa real.

Ozma de Oz e sua gente, assim como Dorothy, Tic-Tac e Billina, foram esplendidamente bem atendidos pela rainha mãe, que devia toda a sua felicidade ao amável trabalho que eles haviam feito. E nessa noite a galinha amarela foi apresentada publicamente com um belo colar de pérolas e safiras, como prova de estima do novo rei.



A CIDADE DAS ESMERALDAS

Dorothy decidiu aceitar o convite de Ozma para voltar com ela à Terra de Oz. Era mais fácil para ela chegar em casa a partir de Oz do que de Ev, e a menininha estava ansiosa para ver mais uma vez o país onde tinha vivido aventuras tão maravilhosas. A essa altura o tio Henry já teria alcançado a Austrália em seu barco, e provavelmente a havia dado por perdida, de modo que ela poderia prolongar um pouco mais a separação sem aumentar as preocupações. Portanto, iria para a Terra de Oz.

Elas se despediram dos habitantes de Ev, e o rei prometeu a Ozma que sempre seria grato a ela e prestaria à Terra de Oz qualquer serviço que estivesse a seu alcance.

E então elas se aproximaram da borda do perigoso deserto, e Ozma pegou seu tapete mágico e imediatamente o desenrolou o suficiente para que pudessem caminhar por ele com toda a comodidade.

Tic-Tac, proclamando-se fiel seguidor de Dorothy porque a ela pertencia, foi aceito no grupo. Antes de partir, a menina lhe dera toda a corda possível, assim o homem de cobre podia andar com a mesma desenvoltura que os demais.

Ozma também convidou Billina para visitar a Terra de Oz, e a galinha amarela ficou encantada de poder conhecer novos lugares.

Iniciaram a viagem através do deserto logo de manhã cedo, e, como só pararam o tempo necessário para que Billina botasse seu ovo diário, antes do pôr do sol avistaram as verdes ladeiras e as colinas tomadas por bosques da

bela Terra de Oz. Entraram no território munchkin, e o rei dos munchkins foi recebê-los na fronteira e respeitosamente deu as boas-vindas a Ozma, satisfeito por ela ter regressado com segurança. Porque Ozma de Oz governava o rei dos munchkins, o rei dos winkies, o rei dos quadlings e o rei dos gillikins, assim como esses quatro reis governavam seus próprios habitantes. A soberana suprema da Terra de Oz vivia em uma grande cidade, chamada Cidade das Esmeraldas, que ficava exatamente no centro dos quatro reinos da Terra de Oz.

O rei dos munchkins os acolheu em seu palácio naquela noite, e pela manhã eles partiram para a Cidade das Esmeraldas, viajando por uma estrada de tijolos amarelos que levava diretamente aos portões incrustados de pedras preciosas. Por todo lugar as pessoas se viravam para dar vivas à sua amada Ozma, e para saudar com carinho o Espantalho, o Homem de Lata e o Leão Covarde, que eram muito queridos e populares. Dorothy também se lembrava de algumas pessoas de quem ficara amiga quando de sua primeira visita a Oz, e todos estavam encantados por voltar a ver a menina do Kansas e a acumularam de cumprimentos e felicitações.

Em um lugar em que pararam para se refrescar, Ozma aceitou uma tigela de leite das mãos de uma bonita leiteira. Então ela olhou mais detidamente para a menina e exclamou:

– Ora, é Jinjur... não é?

– Sim, Alteza – foi a resposta, enquanto Jinjur fazia uma profunda reverência. E Dorothy olhou com admiração para aquela pessoa de aparência tão viva, que uma vez reunira um exército de mulheres e expulsara o Espantalho do trono da Cidade das Esmeraldas, e ainda lutara em uma batalha com o poderoso exército da feiticeira Glinda.

– Eu me casei com um homem que é dono de nove vacas – disse Jinjur a Ozma –, e agora estou feliz e contente, e com vontade de levar uma vida tranquila, sem me preocupar com assuntos que não me interessam.

– Onde está seu marido? – perguntou Ozma.

– Está em casa, cuidando de um olho inchado – respondeu Jinjur calmamente. – O tolo insistiu em ordenhar a vaca vermelha, quando eu lhe disse que era para ordenhar a vaca branca; da próxima vez ele vai saber melhor o que fazer, tenho certeza.

Então, o grupo prosseguiu sua caminhada, e, depois de cruzar um largo rio em uma balsa, e passar diante de muitas belas casas de granjas com teto abobadado e pintadas de um belo tom de verde, avistaram um grande edifício

coberto de bandeiras e bandeirinhas.

– Não me lembro desse edifício – disse Dorothy. – O que é?

– É a Faculdade Real de Atletismo Científico – respondeu Ozma. – Mandei construir esse edifício faz pouco tempo, e o Besourão é seu reitor. Isso o mantém ocupado, e os jovens que frequentam a faculdade não estão piores do que estavam antes. Acontece que neste país existem muitos jovens que não gostam de trabalhar, e a instituição é um lugar excelente para eles.

Nesse momento apareceu diante deles a Cidade das Esmeraldas, e as pessoas correram para saudar sua querida soberana. Havia muitas bandas e muitos oficiais e funcionários do reino, e uma multidão de cidadãos em trajes de festa.

Assim, a bela Ozma foi escoltada por um brilhante cortejo até sua cidade real, e tão intensa era a aclamação, que ela se via obrigada a se inclinar à direita e à esquerda, para responder às saudações de seus súditos.

Nessa noite houve uma grande recepção no palácio real, à qual estiveram presentes as mais importantes pessoas de Oz, e Jack Cabeça de Abóbora, que estava um pouco passado demais, mas ainda ativo, fez um discurso de felicitações a Ozma de Oz pelo sucesso de sua generosa missão para resgatar a família real de um reino vizinho.

Depois, foram entregues magníficas medalhas de ouro incrustadas com pedras preciosas aos vinte e seis oficiais; o Homem de Lata recebeu um novo machado incrustado de diamantes; e o Espantalho recebeu um pote de prata de pó para o rosto. Dorothy foi presenteada com uma pequena e bonita coroa e recebeu o título de princesa de Oz, e Tic-Tac recebeu dois braceletes incrustados com oito fileiras de esmeraldas claras e brilhantes.

Em seguida, foi servido um esplêndido banquete, e Ozma colocou Dorothy à sua direita e Billina à sua esquerda, onde a galinha sentou-se em um poleiro de ouro e comeu em um prato adornado de joias. Em seguida, foram acomodados o Espantalho, o Homem de Lata e Tic-Tac, com cestas de lindas flores diante deles, porque eles não precisavam de alimentação. Os vinte e seis oficiais estavam sentados ao final da mesa, e o Leão e o Tigre, cada um também tinha seu lugar, e foram servidos em pratos de ouro, em que cabiam vinte quilos de comida de cada vez.

Os cidadãos mais ricos e importantes da Cidade das Esmeraldas estavam orgulhosos de servir a esses famosos aventureiros, e contaram com a ajuda de uma pequena criada chamada Jellia Jamb, que o Espantalho conhecia muito

bem e em cujas bochechas rosadas deu um leve e carinhoso beliscão.

Durante o banquete, Ozma pensou um pouco e de repente perguntou:

– Onde está o soldado raso?

– Ah, está varrendo as barracas – respondeu um dos generais, que estava ocupado comendo uma perna de peru. – Mas mandei servir a ele um prato de pão e melado quando terminar o trabalho.

– Mande buscá-lo – disse a soberana.

Enquanto esperava o cumprimento de sua ordem, ela perguntou:

– Temos algum outro soldado raso em nossos exércitos?

– Ah, sim – respondeu o Homem de Lata –, acredito que sejam três no total.

O soldado então entrou, saudando respeitosamente seus oficiais e a real presença de Ozma.

– Qual é seu nome, rapaz? – perguntou a menina.

– Omby Amby – respondeu o soldado.

– Então, Omby Amby – disse ela –, eu o promovo a capitão-geral de todos os exércitos de meu reino, e principalmente a comandante de meu Corpo da Guarda no palácio real.

– Custa muito caro manter tantos cargos – disse o soldado, hesitante. – Não tenho dinheiro para comprar uniformes.

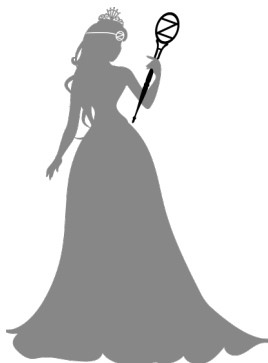
– Você vai receber do tesouro real – disse Ozma.

Então deram ao soldado um lugar à mesa, onde os outros oficiais o receberam cordialmente, e o banquete continuou.

De repente, Jellia Jamb exclamou:

– Não há mais nada para comer! O Tigre Faminto consumiu tudo!

– Mas isso não é o pior – declarou o Tigre, com voz triste. – Seja por que motivo for, eu na verdade perdi o apetite!



O CINTO MÁGICO DE DOROTHY

Dorothy passou várias semanas felizes na Terra de Oz como convidada da soberana Ozma, que se deleitava em agradar e despertar o interesse da menina do Kansas. Fez muitas novas amizades e renovou outras antigas, e aonde quer que fosse, Dorothy se encontrava entre amigos.

Um dia, porém, sentada em um dos aposentos privados de Ozma, ela notou que pendurado na parede havia um quadro que mudava constantemente de aparência, ora mostrando uma campina, ora uma floresta, um lago, uma cidade.

– Que curioso! – exclamou ela, depois de olhar para as cenas, que mudavam de poucos em poucos momentos.

– Sim – disse Ozma –, essa é realmente uma maravilhosa invenção mágica. Se eu quiser ver qualquer parte do mundo ou uma pessoa viva, só tenho que expressar esse desejo e ele aparece no quadro.

– Posso usá-lo? – perguntou Dorothy, ansiosamente.

– Claro, querida.

– Então eu gostaria de ver a velha granja do Kansas e a tia Em – disse a menina.

No mesmo instante, a sempre lembrada granja apareceu no quadro, e podia-se ver muito bem a tia Em. Ela estava lavando pratos junto à janela da cozinha, e parecia muito bem e satisfeita. Os empregados da granja e suas equipes andavam pelos campos de colheitas atrás da casa, e o milho e o trigo pareciam à menina estar em ótimas condições. De um lado da varanda, o cão

de estimação de Dorothy, Totó, dormia profundamente ao sol, e para sua surpresa a velha gata Malhada estava atarefada com um bando de doze novos gatinhos que corriam atrás dela.

– Tudo parece estar bem em casa – disse Dorothy, com um suspiro de alívio. – Agora eu gostaria de saber o que o tio Henry está fazendo.

A cena do quadro mudou de repente para a Austrália, onde, em uma agradável sala em Sydney, o tio Henry estava sentado em uma espreguiçadeira, tranquilamente fumando seu cachimbo de madeira. Parecia triste e sozinho, e seu cabelo estava agora bem branco, e suas faces e mãos, magras e marcadas.

– Ah! – gritou Dorothy, com ansiedade na voz –, tenho certeza de que o tio Henry não melhora porque está preocupado comigo. Ozma, querida, preciso ir até ele imediatamente!

– Como vai fazer isso? – perguntou Ozma.

– Não sei – respondeu Dorothy –, mas vamos ver Glinda, a Bruxa Boa. Tenho certeza de que ela vai me ajudar e me aconselhar como me reunir com tio Henry.

Ozma logo concordou com o plano e pediu que encilhassem o Cavalete e o arreassem a uma bonita carruagem verde e rosa, e as duas meninas partiram para visitar a famosa feiticeira.

Glinda recebeu-as gentilmente e ouviu a história de Dorothy com atenção.

– Tenho um cinto mágico, sabe – disse a menina. – Se eu o colocar na cintura e ordenar que me leve ao tio Henry, acha que ele faria isso?

– Acho que sim – respondeu Glinda, com um sorriso.

– E então – continuou Dorothy –, se eu quiser voltar aqui de novo, o cinto poderia me trazer?

– Nisso você se engana – disse a feiticeira. – O cinto mágico só tem poder enquanto você estiver em um reino encantado, como a Terra de Oz e a Terra de Ev. Se você o colocar, minha amiga, e desejar estar na Austrália com seu tio, seu desejo sem dúvida será cumprido, porque foi feito em um reino encantado. Mas ao chegar ao seu destino você não estaria mais com o cinto mágico.

– O que aconteceria com ele? – perguntou a menina.

– Ele se perderia, assim como se perderam seus sapatos de prata em sua visita anterior a Oz, e ninguém voltaria a vê-lo. Não lhe parece uma pena acabar com o uso do cinto mágico desse modo?

– Então – disse Dorothy, depois de pensar um momento –, darei o cinto mágico a Ozma, porque ela pode usá-lo em seu país. E pode desejar que eu

seja transportada para onde está o tio Henry sem perder o cinto.

– Um plano inteligente – replicou Glinda.

Assim sendo, elas cavalgaram de regresso à Cidade das Esmeraldas, e no caminho decidiram que a cada sábado pela manhã Ozma olharia para Dorothy em seu quadro mágico, onde quer que a menina estivesse. E se visse Dorothy fazer um certo sinal, então Ozma saberia que a menininha do Kansas queria visitar de novo a Terra de Oz, e por meio do cinto mágico do rei Nomo desejaria seu regresso imediato.

Depois de fechar esse acordo, Dorothy deu até logo a todos os seus amigos. Tic-Tac também queria ir para a Austrália, mas Dorothy sabia que o Homem-Máquina nunca daria para ser gente em um país civilizado, e as chances eram de que sua maquinaria não funcionaria de maneira nenhuma. Portanto, ela o deixou aos cuidados de Ozma.

Billina, ao contrário, preferia a Terra de Oz a qualquer outro país, e recusava-se a acompanhar Dorothy.

– Os insetos e as formigas que encontro aqui têm o melhor sabor do mundo – declarou a galinha amarela –, e existem aos montes. Portanto, por aqui ficarei até o fim dos meus dias; e devo dizer, Dorothy, que você está sendo muito tola de voltar àquele mundo monótono e estúpido.

– O tio Henry precisa de mim – limitou-se a dizer Dorothy, e todos menos Billina acharam que era justo que ela fosse.

Todos os amigos de Dorothy da Terra de Oz – tanto os velhos como os novos – reuniram-se em grupo em frente ao palácio para lhe dar um adeus e lhe desejar vida longa e felicidades. Depois de muitos apertos de mão, Dorothy beijou Ozma mais uma vez, e então lhe estendeu o cinto mágico do rei Nomo, dizendo:

– Agora, querida princesa, quando eu acenar com o lenço, por favor deseje que eu esteja com meu tio Henry. Sinto muito por deixar você, e o Espantalho, o Homem de Lata, o Leão Covarde e Tic-Tac, e todo mundo, mas quero estar com meu tio Henry. Assim, adeus a todos vocês.

Então, a menininha subiu em uma das grandes esmeraldas que decoravam o pátio, e depois de olhar mais uma vez para cada um de seus amigos, acenou com seu lenço.

– Não – disse Dorothy –, não me afoguei. Vim cuidar do senhor, tio Henry, e o senhor vai prometer que vai ficar bem assim que for possível.

O tio Henry sorriu e abraçou bem apertado sua pequena sobrinha.

– Já estou melhor, querida – disse ele.